



Programa de  
Pós-Graduação em  
**Linguística**

NA ARENA DISCURSIVA: UMA ANÁLISE DOS  
DEBATES ELEITORAIS PRESIDENCIAIS BRASILEIROS

Livia Mara Falconi Pires



Universidade Federal de São Carlos

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS

NA ARENA DISCURSIVA: UMA ANÁLISE DOS DEBATES ELEITORAIS  
PRESIDENCIAIS BRASILEIROS

Livia Maria Falconi Pires

Bolsista: FAPESP- 2013/19209-7

Tese de doutoramento apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do Título de Doutor em Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Vanice M. Oliveira Sargentini

São Carlos - São Paulo - Brasil

2017

Pires, Livia Maria Falconi

NA ARENA DISCURSIVA: UMA ANÁLISE DOS DEBATES ELEITORAIS  
PRESIDENCIAIS BRASILEIROS / Livia Maria Falconi Pires .

-- 2017.

145 f. : 30 cm.

Tese (doutorado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São  
Carlos, São Carlos

Orientador: Profa. Dra. Vanice M. Oliveira Sargentini

Banca examinadora: Prof. Dra. Luciana C. Garcia Manzano, Prof. Dra.  
Marlène Coulomb-Gully, Prof. Dr. Mariano Dagatti, Prof. Dr. Carlos F. Piovezani  
Filho

Bibliografia

1. Análise do Discurso. 2. Discurso político . 3. Eleições presidenciais . I.  
Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Linguística

---

Folha de Aprovação

---

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Tese de Doutorado da candidata Livia Maria Falconi Pires, realizada em 09/06/2017:

---

Profa. Dra. Vanice Maria Oliveira Sargentini  
UFSCar

---

Profa. Dra. Luciana Carmona Garcia Manzano  
UNIFRAN

---

Profa. Dra. Marlène Colomb-Gully  
UTM

---

Prof. Dr. Mariano Dagatti  
UBA

---

Prof. Dr. Carlos Félix Piovezani Filho  
UFSCar

# Dedicatória

*Aos meus pais pelo amor,*

*apoio incondicionais e*

*pelos saberes partilhados.*

*Ao meu irmão meu exemplo de saber.*

# Agradecimentos

À minha orientadora, Vanice Maria Oliveira Sargentini, que durante esses mais de 10 anos de convivência sempre foi meu esteio. Obrigada por ser minha orientadora de tese e de vida, obrigada por acreditar em mim bem mais do que eu mesma sempre acreditei. Obrigada por tudo, sempre.

Ao professor Carlos Piovezani pela sempre pronta ajuda diante de minhas inquietações, pela tão agradável e enriquecedora convivência e por aceitar compor a banca de defesa.

À professora Luzmara Curcino pelo apoio e acolhida de todos esses anos pelos sorrisos e abraços de força e conforto.

Ao professor Mariano Dagatti pela cuidadosa e enriquecedora leitura desse trabalho em banca de qualificação e por aceitar prontamente fazer parte da banca de defesa.

À professora Luciana Carmona Garcia pela enriquecedora leitura desse trabalho em banca de qualificação, por aceitar prontamente participar da banca de defesa e pela amizade cultivada nesses dez anos de Labor.

À professora Marlène Coulomb-Gully por aceitar compor a banca desse trabalho e pela tão carinhosa e alegre acolhida em Toulouse em meu estágio doutoral.

Ao meu namorado Rafael Perussi que entrou em minha vida no final deste dolorido e delicioso processo de trabalho me dando carinho e força para seguir.

À minha tia Maria Da Graça, Gracinha, pelo carinho e cuidado de tantos anos.

À Luzia de Orides, por sempre cuidar de mim.

Ao meu grande amigo André Stefferson Martins Stahlhauer e seu companheiro Tiago Rodrigues pelos anos de amizade regados a muitas conversas, sorrisos, pães e “confiture d’abricots”.

Aos meus grandes amigos Jocenilson Ribeiro dos Santos e Israel de Sá, pelos anos de amizade, companheirismo e pelo saber compartilhado.

À amiga Ligia Menossi Araújo pelos anos de amizade regados a muito carinho, conversa e pela inestimada ajuda na finalização desse trabalho.

Às amigas e amigos que o LABOR me deu, em especial, Denise Leppos que compartilhou comigo desde o mestrado, todas as aflições e alegrias; à amiga Geovana Chiari, pelo enorme companheirismo; Maysa Ramos, pelas aflições divididas; Hulda Gomides, pelo enorme carinho e ao amigo, Duílio Fabbri, pelo sempre sorriso aberto e pelos abraços apertados. Obrigada.

Aos amigos do LEDDIM: Marco Antônio Almeida pelo carinho, companheirismo e ajuda em assuntos “fapespianos”; à Jorcemara Mattos, pelos abraços e sorrisos; à Paula Mesti pelo carinho e pelas acolhidas em Paris regadas a muita conversa, muita risada e um pouco de vinho. Ao seu coordenador, Roberto Baronas, pelo imenso carinho e atenção a mim dispensados desde a graduação.

À amiga Graciane Aiello, pela eterna amizade e por compartilhar de longe, mas, ao mesmo tempo de tão perto, essa jornada.

Agradeço especialmente a *Fapesp* pela bolsa concedida para o desenvolvimento desse trabalho, assim como pela Bolsa de Estágio Pesquisa no Exterior.

*Com licença poética*

*(Adélia Prado)*

*Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.*

*Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.*

*Não sou tão feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.  
Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.*

*Inauguro linhagens, fundo reinos  
-- dor não é amargura.*

*Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.*

*Vai ser coxo na vida é maldição pra homem.*

*Mulher é desdobrável. Eu sou.*



## RESUMO

O debate televisivo eleitoral configura-se como uma arena para o embate discursivo, na medida em que se constitui como um espaço que propicia a interlocução entre os candidatos, funcionando como mais um “palanque” da fala pública. Na esteira dos estudos atuais sobre as mutações sofridas no modo de produção e circulação do discurso político, objetivou-se analisar a construção do discurso político presidencial brasileiro produzido por homens e mulheres políticos nos debates pré-eleitorais presidenciais, de modo a descrever as formas de exercício do discurso político brasileiro no gênero debate e suas eventuais metamorfoses. O *corpus* de análise foi constituído, especificamente, por gravações dos debates eleitorais de segundo turno das campanhas para a Presidência da República do Brasil, no período pós-ditadura. Verificou-se haver uma cuidadosa construção da arquitetura dessa *mise en scène* eleitoral, na qual os candidatos se expõem e falam de maneira mais direta aos eleitores. Com a finalidade de descrever e analisar as mutações do gênero debate pautou-se, para a seleção do material, em quatro aspectos: a) na temporalidade, priorizando o início a partir da redemocratização, traçando uma média duração; b) na situação de final de campanha, portanto, debates de segundo turno; c) na presença da mulher e modificações daí decorrentes, devido sua aparição nas últimas campanhas; d) nas mudanças no formato do debate, passando do formato tradicional – aquele dos candidatos em suas tribunas –, para o formato denominado “*town hall meeting*”<sup>1</sup> dos debates norte-americanos. Teoricamente, a pesquisa pautou-se em reflexões sobre os estudos da Análise do Discurso, os quais levam em conta o enunciado sincrético em sua densidade histórica, em estudos da fala pública, contando com as contribuições de J.-J. Courtine e em conceitos propostos por M. Foucault, em especial a noção de dispositivo, uma vez que se considerou que as mutações nos debates políticos respondem à constituição de um atual dispositivo de espetacularização da política. Os resultados obtidos indicam que o funcionamento de tal dispositivo incide na discursividade política eleitoral promovendo mutações no discurso e na construção do sujeito político eleitoral em debate.

**Palavras-chave:** discurso político; eleições; debate televisivo; análise do discurso.

---

<sup>1</sup>Encontro de comunidade, encontros públicos informais.

## RÉSUMÉ

Le débat télévisif électoral se caractérise comme une arène pour la confrontation discursive, dans la mesure où il se constitue comme un espace qui rend possible l'interlocution entre les candidats, en fonctionnant comme une autre « plate-forme » de la parole publique. De cette manière, à l'instar des études actuelles sur les mutations subies dans le mode de production et circulation du discours politique et vu que les lieux de discours/déclaration, comme l'agora classique et la tribune médiévale, ont interféré dans la constitution de la parole publique et l'ont modifiée, nous tournons notre regard vers les dispositions des débats télévisifs électoraux du second tour pour la Présidence de la République du Brésil, lesquels peuvent interférer dans la construction de discours politique présidentiel électoral. Malgré sa méticuleuse construction fortement manifeste dans l'architecture de cette mise-en-scène électorale, c'est dans le débat télévisif que les candidats s'exposent et parlent de façon plus directe aux électeurs. Dû l'appareillage audiovisuel, nous ne pouvons plus dissocier le verbe du corps qui, dans l'actualité, est essentiel pour la politique, surtout au moment de la campagne électorale ; donc, le débat électoral présidentiel est appareillage qui fortifie l'entrecroisement de verbe et image. Donc, nous nous pencherons sur les analyses de la constitution du sujet politique électoral et les mutations du genre débat télévisif, de façon à nous tourner vers les débats de second tour de campagnes électorales à partir de la redémocratisation (1989) jusqu'à l'actualité (2014), en mettant au point des catégories comme « l'architecture du débat », « le visage », la « silhouette » et « le verbe ». Pour autant, nous nous appuyerons sur les réflexions issues de l'Analyse du Discours, surtout celles qui prennent en compte l'énoncé syncrétique dans sa densité historique, ainsi que les études de la parole publique. De ce fait, nous baserons sur les études de J.-J. Coutine et la pensée de M. Foucault, en mettant au point, donc, l'importance d'étudier les discours dans son articulation avec l'histoire, vue à travers sa discontinuité.

**Mots-clés:** discours politique; les élections; débat télévisif, analyse du discours.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	p. 46
Figura 2	p. 47
Figura 3	p. 47
Figura 4	p. 58
Figura 5	p. 58
Figura 6	p. 58
Figura 7	p. 60
Figura 8	p. 61
Figura 9	p. 61
Figura 10	p. 61
Figura 11	p. 63
Figura 12	p. 66
Figura 13	p. 67
Figura 14	p. 67
Figura 15	p. 69
Figura 16	p. 69
Figura 17	p. 75
Figura 18	p. 75
Figura 19	p. 75
Figura 20	p. 75
Figura 21	p. 75
Figura 22	p. 77
Figura 23	p. 82
Figura 24	p. 82
Figura 25	p. 84
Figura 26	p. 88
Figura 27	p. 89
Figura 28	p. 89
Figura 29	p. 89
Figura 30	p. 90

Figura 31	p. 91
Figura 32	p. 91
Figura 33	p. 91
Figura 34	p. 91
Figura 35	p. 97
Figura 36	p. 118

# SUMÁRIO

<b>Introdução</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo I – O dispositivo de espetacularização</b>	<b>20</b>
1.1 O discurso político como espetáculo: uma forma de debate	21
1.2 O debate: palco dos atores políticos eleitorais	26
1.2.1 A arena discursiva	29
1.2.2 Discurso eleitoral e o acontecimento discursivo	30
<b>Capítulo II – A constituição do sujeito político eleitoral na <i>mise en scène</i> do debate</b>	<b>34</b>
2.1 Da Estetização à encarnação: estratégias de construção do sujeito político eleitoral	38
2.2. Dizeres sobre uma arquitetura, um rosto, uma silhueta e um verbo	42
2.2.1 A arquitetura dos debates	42
2.2.2. Do debate de 1989: tateamentos da marketização	44
2.2.3. Do debate de 2002: a docilização como estratégia	61
2.2.4. Do debate de 2006: entre gentilezas, emoções e confrontos	67
2.2.5. Do debate de 2010: o afastamento das emoções	75
2.2.6. Do debate de 2014: ânimos exaltados	89

<b>Capítulo III – As mutações do debate</b>	<b>102</b>
3.1. Sobre a incidência do dispositivo: um movimento recíproco	102
3.2. Retorno às eleições diretas: Campanha de (1989) e a necessidade de distanciamento	110
3.3. O apagamento da esquerda: pleitos de 2002 e 2006	114
3.4. Uma mulher no segundo turno: campanha de 2010 e de 2014	119
3.5 A ordem dos dispositivos: lentes que guiam os sujeitos	121
<b>Considerações finais</b>	<b>124</b>
<b>Referências Bibliográficas</b>	<b>132</b>

# Introdução

Motivados pela efervescência de recentes pleitos eleitorais (2010 e 2014), demos continuidade aos nossos estudos sobre as formas de constituição e formulação do discurso político com a investigação de um tema: o discurso político eleitoral e suas mutações. Com o objetivo de compreender seu funcionamento e suas metamorfoses, desenvolvemos em nossa pesquisa de mestrado, junto ao Labor<sup>2</sup>, uma análise do discurso político presidencial no *Twitter*<sup>3</sup>, apreendendo eventuais mudanças e especificidades nas formas de enunciação dos sujeitos políticos, tributárias das mudanças nas formas de circulação do discurso político eleitoral. Para tanto, apoiamo-nos teoricamente na Análise do discurso de orientação francesa<sup>4</sup>, cuja preocupação em analisar as mudanças do discurso político advém da década de 1980, com os trabalhos de M. Pêcheux (2008) e J-J. Courtine (2009, 1989, 2003 e 2006).

Michel Pêcheux e Françoise Gadet, trataram das mudanças no discurso político na obra *La langue introuvable* (2004)<sup>5</sup>, na qual manifestam várias ponderações sobre as transformações do discurso político da contemporaneidade. Diferentemente do cenário político do qual a AD se ocupou, não flagramos no discurso político a “língua de madeira” – aquela que verbalizava as ideologias estáveis do totalitarismo. Não encontramos mais o discurso inflamado, dos *companheiros*, advindo das ideias socialistas, mas vimos um discurso político que se vale de uma “língua de vento”<sup>6</sup> (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.23), pautado no indivíduo, em sua vida particular, caracterizando-se por um discurso que produz um efeito ideológico fundado na individualização em detrimento da ideologização. Vimos que se sobrepõe o dizer do cidadão comum, àquele do homem público.

Tal estudo levou-nos a avaliar que, se pensarmos no discurso político veiculado na televisão em propagandas políticas, há uma evidência do indivíduo em detrimento das relações governamentais e, até mesmo, do partido, triunfando, assim, “a personalização dos discursos públicos” (COURTINE, 2006, p.138). O político em si – seus gestos, seu modo de se vestir, sua vida etc. – é fortemente destacado pela mídia, impondo, assim, que a temática

---

<sup>2</sup>Laboratório de Estudos do Discurso: a construção discursiva de identidades brasileiras e as metamorfoses das discursividades políticas contemporâneas (DL-UFSCar), sob coordenação da Profa. Dra. Vanice Sargentini.

<sup>3</sup>Dissertação de mestrado de Livia Maria Falconi Pires: O funcionamento do discurso político: o *Twitter* na campanha presidencial de 2010, defendida no PPGL-UFSCar em 12/03/2012.

<sup>4</sup>Doravante, vez ou outra AD.

<sup>5</sup>Tradução brasileira: GADET, F; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2004.

<sup>6</sup>Formulação de R. Debray retomada em GADET, F; PÊCHEUX, M. **A língua inatingível**: o discurso na história da linguística. Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2004.

pública seja absorvida pela privada e o homem público torne-se obscurecido pelo indivíduo, intensificando a espetacularização do eu (COURTINE, 2006). Nessa circunstância, observa-se que o discurso político, ao qual J.J. Courtine se refere nos anos 90 na França<sup>7</sup>, constrói-se, portanto, sob a égide do acordo, da amenidade e do esvaziamento temático (COURTINE, 2003). Ele passa a ser marcado, nas décadas de 1990 e 2000 no Brasil, pela fala cordial, pela temática do cotidiano, pela docilidade que propicia o entendimento entre os diversos<sup>8</sup>. Assim, essa forma de se expressar traz à tona novos questionamentos relacionados ao funcionamento do discurso político da contemporaneidade. Assim, algumas de nossas perguntas de pesquisa são: em relação ao gênero debate político, as novas formas de circulação impostas pelas cadeias televisivas fizeram com que os debates sofressem modificações? Em relação à construção midiática das campanhas, há novas formas de construção do corpo do homem político, o que promove uma estetização<sup>9</sup> da política? Na redemocratização, a cortesia e a polidez eram formas muito empregadas, para manter a formalidade. Essas formas são atenuadas nos anos 2000 em função da informalidade e construção da proximidade?

Ao consideramos que nas recentes campanhas eleitorais há a ampliação da inscrição da mulher no espaço político de campanha presidencial, isso porque, em 1989, houve apenas uma candidatura feminina de Lívia Maria Lêdo Pio de Abreu, pelo extinto Partido Nacionalista – PN, a candidata, mesmo produzindo material de campanha como o Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral, teve apenas 0,26%<sup>10</sup> dos votos válidos, ficando na décima quarta posição, e não participando dos debates produzidos naquele momento. No ano de 1998 houve a candidatura de Thereza Ruiz pelo Partido Trabalhista Nacional - PTN<sup>11</sup> que não obteve votação expressiva, apenas 467 votos.<sup>12</sup> O ano de 2006 inaugura a expressividade das candidaturas femininas com a candidata Heloísa Helena pelo Partido Socialismo e Liberdade -

---

<sup>7</sup> O artigo ao qual fazemos referência foi publicado originalmente em : Les glissements du spectacle politique. Esprit, Paris, nº 164, 1990.

<sup>8</sup> Tal característica pode ser também observada nas campanhas eleitorais brasileiras dos anos de 1990. A campanha de 2014 e os fatos dados na sequência indicam certa suspensão da docilidade e o recrudescimento dos embates. Isso se deu pautado nas diferenças político ideológicas e programáticas dos partidos que se enfrentam. É um movimento a ser analisado com mais acuidade.

<sup>9</sup> Sinalizamos, já aqui, que a palavra estetização refere-se aí não a noção de estética aristotélica ou mesmo àquela mobilizada por Walter Benjamin (1985). Seguimos a noção de estética conforme empregada em Coulomb-Gully (2009).

<sup>10</sup> [http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2017/06/LIMA\\_PANKE\\_DA-PRIMEIRA-CANDIDATA-%C3%80-PRIMEIRA-ELEITA-%C3%80-PRESID%C3%80-ANCIA-DO-BRASIL.pdf](http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2017/06/LIMA_PANKE_DA-PRIMEIRA-CANDIDATA-%C3%80-PRIMEIRA-ELEITA-%C3%80-PRESID%C3%80-ANCIA-DO-BRASIL.pdf)

<sup>11</sup> O PTN, representado pelo seu presidente nacional, o Sr. Dorival Masci de Abreu, em 22.8.97, requereu a esta egrégia Corte, mediante petição protocolizada sob nº 9003/96, o pedido de seu Registro Definitivo, o qual originou o Processo de registro nº 288, deferido em sessão de 2.10.97, nos termos da Resolução/TSE nº 19.984, publicada no Diário da Justiça de 21.10.97. In: <<http://www.tse.jus.br/arquivos/tse-historico-partidos-politicos>> Acesso em: abril de 2017.

<sup>12</sup> <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-1998/resultado-da-eleicao-de-1998>



PSOL<sup>13</sup> a qual, diferentemente das candidatas anteriores e da também candidata naquele pleito Ana Maria Teixeira Rangel PRP<sup>14</sup> que obteve, apenas, 0,13% dos votos não participando de debates e não produzindo o HGPE, obteve visibilidade na campanha eleitoral tendo tempo de televisão, participação dos debates e obtendo 6,8% dos votos, ficando, naquele pleito em terceiro lugar.<sup>15</sup>

No ano de 2010, na esteira do pleito anterior, candidatam-se Marina Silva pelo Partido Verde-PV<sup>16</sup> tendo uma votação expressiva de 19.636.359 votos que a colocou na terceira posição e Dilma Rousseff pelo Partido dos Trabalhadores- PT<sup>17</sup> que veio a ser eleito no segundo turno com 55.752.529 votos e, por fim, em 2014, afirmando a presença feminina nas eleições, candidatam-se mais uma vez Dilma Rousseff, pelo PT eleita no segundo turno com 54.501.118, Marina Silva, nesse momento pelo Partido Socialista Brasileiro- PSB<sup>18</sup>, que obteve 22.176.619 votos e Luciana Genro pelo PSOL que obteve 1.612.186 ocupando o terceiro e o quarto lugar respectivamente. Dessa maneira, pela incidência feminina ocupando o lugar de candidatas à presidência da república no Brasil, põe-se em questão, como a mulher inscreve-se e é inscrita discursivamente no debate eleitoral. Há diferenças relativas ao gênero em relação ao candidato homem?

Ademais, com as mudanças nos modos de expressão política em geral, pretendemos investigar o funcionamento e as mutações do discurso político em debates televisivos em

---

<sup>13</sup> O Partido Socialismo e Liberdade – PSOL, representado por sua presidente nacional, Heloisa Helena, em 1º.9.2005, requereu a esta Corte, mediante petição protocolizada sob nº 9460/2005, o pedido de Registro do mencionado partido, o qual originou o Processo de Registro nº 303, deferido em sessão de 15.9.2005, nos termos da Resolução/TSE nº 22083/2005, publicada no Diário da Justiça de 30.9.2005. In: <<http://www.tse.jus.br/arquivos/tse-historico-partidos-politicos>> Acesso em: abril de 2017.

<sup>14</sup> Dentro do prazo legal, de doze meses, previsto na Lei nº 5.682/71, o PRP, em petição protocolizada sob nº 6129/90, por intermédio de seu presidente nacional, o Sr. Altamir Greco, requereu a concessão do seu Registro Definitivo, da qual originou o Processo de Registro nº 211, sendo o mesmo deferido em sessão do dia 29.10.91, nos termos da Resolução/TSE nº 17.670, publicada no Diário da Justiça de 10.6.92. In: <<http://www.tse.jus.br/arquivos/tse-historico-partidos-politicos>>. Acesso em abril de 2017.

<sup>15</sup> <http://www.tse.jus.br/eleicoes/eleicoes-antiores/eleicoes-2006/resultado-da-eleicao-2006>

<sup>16</sup> Dentro do prazo legal, de doze meses, previsto na Lei nº 5.682/71, o PV, em petição protocolizada sob nº 9432/92, na data de 11.9.92, por intermédio de seu novo presidente nacional, o Sr. Alfredo Hélio Syrkis, requereu a concessão do seu Registro Definitivo, da qual originou o Processo de Registro nº 243, sendo o mesmo deferido em sessão do dia 30.9.93, nos termos da Resolução/TSE nº 243, publicada no Diário da Justiça de 9.2.94. Obs.: O nº da Resolução/TSE é o mesmo nº do processo de registro definitivo. In: <<http://www.tse.jus.br/arquivos/tse-historico-partidos-politicos>>. Acesso em: abril de 2017.

<sup>17</sup> Dentro do prazo legal, de doze meses, previsto na Lei nº 5.682/71, o PT, em petição protocolizada sob nº 3734/81, por intermédio de seu presidente nacional, o Sr. Luís Inácio Lula da Silva, requereu a concessão do seu Registro Definitivo, da qual originou o Processo de Registro nº 43, sendo o mesmo deferido em sessão do dia 11.2.82, nos termos da Resolução/TSE nº 11.165, publicada no Diário da Justiça de 18.3.82. . In: <<http://www.tse.jus.br/arquivos/tse-historico-partidos-politicos>>. Acesso em: abril de 2017.

<sup>18</sup> Dentro do prazo legal, de doze meses, previsto na Lei nº 5.682/71, o PSB, em petição protocolizada sob nº 2202/88, por intermédio de seu presidente nacional, o Sr. Jamil Haddad, requereu a concessão do seu Registro Definitivo, da qual originou o Processo de Registro nº 113, sendo o mesmo deferido em sessão do dia 1.7.88, nos termos da Resolução/TSE nº 14.359, publicada no Diário da Justiça de 8.3.89. In: <<http://www.tse.jus.br/arquivos/tse-historico-partidos-politicos>>. Acesso em: abril de 2017.

campanhas presidenciais no Brasil. A partir do que já tem empreendido o *Laboratório de Estudos do Discurso - Labor*, no qual se inscrevem pesquisas relacionadas ao discurso político em diversos âmbitos, como o funcionamento do discurso político nas redes sociais durante a campanha eleitoral de 2010, na mídia impressa durante o período ditatorial brasileiro e na mídia televisiva durante a campanha eleitoral de 2006<sup>19</sup>, este trabalho volta-se para o estudo do debate televisivo, pautando-se na fundamentação teórica dos estudos do discurso em sua articulação com a história, vista em suas descontinuidades (FOUCAULT, 2009).

Assim, considerando nesta pesquisa a hipótese de que o discurso político passou por alterações em suas formas de expressão, sofrendo um processo descontínuo de “desierarquização” e de “desideologização”, interessa-nos, como objetivo geral, problematizar a construção do discurso político presidencial brasileiro produzido por homens e mulheres políticos nos debates presidenciais, de modo a descrever e analisar as formas de exercício de produção do discurso político brasileiro e suas eventuais metamorfoses.

Para viabilizar a realização desse objetivo geral, propomos como objetivos específicos: (i) analisar a construção do corpo do homem/mulher político, nos debates de campanha presidencial, visando à estetização da política e as nuances da espetacularização; (ii) descrever a construção do gênero debate e (iii) verificar como o gênero debate e suas mutações demonstram a discursividade política eleitoral.

Enfim, nossos objetivos reúnem a problematização de como e em que medida o gênero discursivo debate, no qual é possível observar a construção do homem político e a construção da mulher política, contribuem para a formação da discursividade política eleitoral brasileira. Para tanto, o *corpus* de análise é constituído, especificamente, de gravações dos debates eleitorais de segundo turno das campanhas presidenciais, cedidas pelo *Doxa*, Laboratório de Estudos Eleitorais em Comunicação Política e Opinião Pública do Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (IESP/UERJ).

Dessa maneira, com a finalidade de verificarmos as mutações do gênero debate, sua relevância e interferência para a construção da discursividade política eleitoral, pautamo-nos, para a seleção do material, em quatro aspectos: a) na temporalidade, priorizando o início a partir da redemocratização, traçando uma média duração; b) na situação de final de campanha,

---

<sup>19</sup>Livia Maria Falconi Pires. *O funcionamento do discurso político: o Twitter na campanha presidencial de 2010*. 2012. Dissertação de mestrado. Apoio Capes. Israel de Sá. *Da repressão à abertura política: processos de espetacularização do discurso político*. 2011. Dissertação de Mestrado. Apoio FAPESP. Luciana Carmona Garcia. *O discurso político eleitoral contra a corrupção no HGPE/2006: memória e construção de identidade*. 2010. Dissertação de Mestrado Apoio FAPESP.

isto é, nos debates do segundo turno; c) na presença da mulher, devido sua aparição nas últimas campanhas; d) nas modificações no formato do debate, passando do formato tradicional – aquele dos candidatos em suas tribunas –, para o formato denominado “*town hall meeting*”<sup>20</sup> dos debates norte-americanos.

A tabela 1 abaixo elenca os debates presidenciais televisionados que, em um primeiro momento da pesquisa, constituíram o nosso *corpus*:

**Tabela 1: Definição inicial do *corpus***

Data	Turno	Emissora	Candidatos
14/12/1989	2º	(Pool)SBT/BAND/ Manchete/Globo	Fernando Collor (PRN) /Lula (PT)
25/10/2002	2º	Globo	José Serra (PSDB) /Lula (PT)
30/09/2006	1º	Globo	Geraldo Alckmin (PSDB) /Cristovam Buarque (PDT) /Heloísa Helena (PSOL) <sup>21</sup>
27/10/2006	2º	Globo	Geraldo Alckmin (PSDB) /Lula (PT)
30/09/2010	1º	Globo	José Serra (PSDB) /Dilma Rousseff (PT) /Marina Silva (PV) /Plínio de Arruda Sampaio (PSOL)
29/10/2010	2º	Globo	José Serra (PSDB) /Dilma Rousseff (PT)

<sup>20</sup>Encontro de comunidade, encontros públicos informais.

<sup>21</sup>Retirado de nosso arquivo devido a impossibilidade de acessá-lo na íntegra.

Os anos de 1990 foram marcados por eleições que não tiveram segundo turno, portanto, não foram mobilizadas em nosso *corpus*. Em 1994, o candidato Fernando Henrique Cardoso e seu vice Marco Maciel venceram o pleito eleitoral em primeiro turno com a coligação “União Trabalho e Progresso (PSDB, PFL, PTB, PP e PL)” com 54,27 % dos votos, ficando em segundo lugar o candidato Luiz Inácio Lula da Silva e seu vice Aloízio Mercadante com a coligação Frente Brasil Popular da Cidadania (PT, PPS, PSB, PCdoB, PSTU, PCB e PV) com 27,04% dos votos. No ano 1998, o candidato Fernando Henrique Cardoso, disputando a reeleição, a qual ocorria pela primeira vez, venceu novamente em primeiro turno com 53,06% dos votos, ficando assim, novamente, em segundo lugar o candidato Luiz Inácio Lula da Silva e seu vice Leonel Brizola, com a coligação União do Povo/Muda Brasil (PT, PDT, PSB, PCB, PCdoB).

Não foi possível encontrar o debate presidencial de primeiro turno de 2006 na íntegra, uma vez que ele não está disponível na rede, tampouco nos arquivos do Doxa e não o conseguimos solicitando à própria emissora Globo, assim foi necessário excluí-lo de nosso arquivo.

A fim de delinear as considerações sobre a inserção da mulher na política brasileira, inserimos apenas os últimos debates do segundo turno de 2010 e 2014 em nosso arquivo, com o intuito de nos auxiliar a construir as considerações sobre o homem/mulher político em campanha eleitoral presidencial no Brasil. Dessa maneira, privilegiamos para análise os últimos debates do segundo turno, debruçando-nos na média temporalidade de 1989 até o pleito de 2014.

A tabela a seguir apresenta nosso *corpus* atualizado:

**Tabela 2: *Corpus* atualizado<sup>22</sup>**

Data	Turno	Emissora	Candidatos
14/12/1989	2º	(Pool) SBT/BAND/ Manchete/Globo	Fernando Collor (PRN) /Lula (PT)
25/10/2002	2º	Globo	José Serra (PSDB) /Lula (PT)
27/10/2006	2	Globo	Geraldo Alckmin (PSDB) /Lula (PT)
29/10/2010	2º	Globo	José Serra (PSDB) /Dilma Rousseff (PT)
24/10/2014	2º	Globo	Aécio Neves (PSDB) /Dilma Rousseff (PT)

<sup>22</sup> Lei das Eleições - Lei nº 9.504, de 30 de setembro de 1997.

**Art. 46.** Independentemente da veiculação de propaganda eleitoral gratuita no horário definido nesta Lei, é facultada a transmissão por emissora de rádio ou televisão de debates sobre as eleições majoritária ou proporcional, sendo assegurada a participação de candidatos dos partidos com representação superior a nove Deputados, e facultada a dos demais, observado o seguinte: *Caput* com redação dada pelo art. 2º da Lei nº 13.165/2015. Ac.-TSE, de 26.4.2016, na Cta nº 10694: para aferição da obrigatoriedade de ser convidado o candidato de partido político ou de coligação que possuam mais de nove representantes na Câmara dos Deputados, somente devem ser consideradas as mudanças de filiação realizadas com justa causa até a data da convenção de escolha do candidato, não computadas as transferências realizadas com fundamento na EC nº 91/2016.Ac.-TSE, de 17.3.2016, na Cta nº 49176: o número mínimo de deputados contido neste dispositivo deve ser compreendido como a quantidade de deputados federais pertencentes aos quadros de determinado partido político a impor a participação do candidato nos debates. Ac.-TSE, de 17.3.2016, na Cta nº 6275: na eleição proporcional, leva-se em consideração a representatividade de todos os partidos que compõem uma coligação; na eleição majoritária, a soma dos representantes dos seis maiores partidos que integrem a coligação.Ac.-TSE, de 16.6.2010, na Cta nº 79636: possibilidade de realização, em qualquer época, de debate na Internet, com transmissão ao vivo, sem a condição imposta ao rádio e à televisão do tratamento isonômico entre os candidatos.**I** – nas eleições majoritárias, a apresentação dos debates poderá ser feita: a) em conjunto, estando presentes todos os candidatos a um mesmo cargo eletivo; b) em grupos, estando presentes, no mínimo, três candidatos;**II** – nas eleições proporcionais, os debates deverão ser organizados de modo que assegurem a presença de número equivalente de candidatos de todos os partidos e coligações a um mesmo cargo eletivo, podendo desdobrar-se em mais de um dia; **III** – os debates deverão ser parte de programação previamente estabelecida e divulgada pela emissora, fazendo-se mediante sorteio a escolha do dia e da ordem de fala de cada candidato, salvo se celebrado acordo em outro sentido entre os partidos e coligações interessados. § 1º Será admitida a realização de debate sem a presença de candidato de algum partido, desde que o veículo de comunicação responsável comprove havê-lo convidado com a antecedência mínima de setenta e duas horas da realização do debate. Ac.-TSE nº 19433/2002: aplicação desta regra também quando são apenas dois os candidatos que disputam a eleição, salvo se a marcação do debate é feita unilateralmente ou com o propósito de favorecer um deles. § 2º É vedada a presença de um mesmo candidato a eleição proporcional em mais de um debate da mesma emissora. § 3º O descumprimento do disposto neste artigo sujeita a empresa infratora às penalidades previstas no art. 56. § 4º O debate será realizado segundo as regras estabelecidas em acordo celebrado entre os partidos políticos e a pessoa jurídica interessada na realização do evento, dando-se ciência à Justiça Eleitoral. Parágrafo 4º acrescido pelo art. 3º da Lei nº 12.034/2009. § 5º Para os debates que se realizarem no primeiro turno das eleições, serão consideradas aprovadas as regras, inclusive as que definam o número de participantes, que obtiverem a concordância de pelo menos 2/3 (dois terços) dos candidatos aptos, no caso de eleição majoritária, e de pelo menos 2/3 (dois terços) dos partidos ou coligações com candidatos aptos, no caso de eleição proporcional. Parágrafo 5º com redação dada pelo art. 2º da Lei nº 13.165/2015.

<sup>22</sup>Dois debates foram configurados da mesma maneira, seguindo nossa linha de seleção de *corpus*, optamos por analisar o segundo debate que se configura como o último daquela eleição de 1989.

Metodologicamente, mobilizaremos categorias de análise amparando-nos na organização utilizada por Coulomb-Gully (2009) em seu *Le corps présidentiel. Représentation politique et incarnation dans la campagne présidentielle française de 2007* que, no sentido de dar visibilidade ao corpo e demonstrar os processos de *estetização e encarnação* divide as análises em categorias como: *uma silhueta, um rosto e uma voz*<sup>23</sup>. Tomaremos, então, dessas categorias, a *silhueta* e o *rosto* e acrescentaremos o *verbo*. Exploraremos, também, a *arquitetura* do debate que sofre mudanças durante o período analisado e que, a nosso ver, interfere também na constituição do sujeito político eleitoral e de seu dizer em debate. Assim, na esteira dos estudos de Coulomb-Gully (2012), Jean-Jacques Courtine (2013), Michel Foucault (2010), Michel Pêcheux (2009) e demais teóricos que tomam, também, o corpo como objeto, analisaremos os debates presidenciais eleitorais de segundo turno que foram transmitidos pela Rede Globo e que são, tradicionalmente, os últimos debates dos pleitos eleitorais presidenciais brasileiros.

Logo, a tese será composta por três capítulos, sendo que no primeiro serão discutidas as questões teórico-epistemológicas que sustentam o trabalho, como a noção de *dispositivo* (FOUCAULT, 1993, 1999, 2013) que se coloca aqui como uma corrente condutora e o debate político eleitoral será focado no âmbito do funcionamento do discurso político. A noção de *espetacularização* (DEBORD, 1997) será trazida juntamente com a de *dispositivo* para suscitar nosso empreendimento teórico acerca da categoria de *dispositivo de espetacularização* o qual, segundo nossa hipótese, rege e é primordial para a construção do sujeito e do discurso político em campanhas eleitorais.

No segundo capítulo, desenvolvemos a parte analítica articulada às proposições teóricas a fim de analisarmos os debates eleitorais presidenciais evidenciando as diferenças e as regularidades do gênero. Assim, no segundo capítulo serão demonstradas o que convencionamos chamar de estratégias do discurso político. Por fim, o terceiro capítulo foi construído a partir das considerações levantadas pelas análises do segundo capítulo, as quais nos permitirão traçar considerações sobre o discurso político eleitoral presidencial relacionadas com suas condições de emergência e com a constituição do discurso político eleitoral presidencial em debate.

---

<sup>23</sup> Há diversos trabalhos que trabalham a perspectiva da voz no discurso político como o da própria Marlène Coulomb-Gully, 2009 *Le corps présidentiel. Représentation politique et incarnation dans la campagne présidentielle française de 2007*, por exemplo, e Piovezani, 2013 *A voz no feminino: uma análise discursiva de elementos prosódicos num pronunciamento eleitoral de Dilma Rousseff*.

# Capítulo I

## O dispositivo da espetacularização

*Estou convencido de que, se não víssemos as pessoas movimentarem os lábios, não saberíamos quem fala em uma sociedade, tampouco saberíamos qual é o objeto real em uma perfeita sala de espelhos.*

*G.C.Lichtenberg apud Courtine, 2009.*

Debord (1997), em sua obra *A sociedade do Espetáculo* aponta que o espetáculo aparece como o monopólio da aparência. O bombardeio imagético e a hegemonia da aparência dão o tom a esse dispositivo. A revolução midiática propiciada, em um primeiro momento, pela televisão inscreve um novo olhar do e para o sujeito, assim o dispositivo de espetacularização na incidência do discurso político é observado a partir das transformações que se dão nas condições de produção dos discursos que são históricas, culturais e semiológicas (em especial verbais e imagéticas).

Iremos, então, neste capítulo, tratar da noção de dispositivo mobilizada por Michel Foucault (2001, 2010, 2014), para argumentarmos na direção da existência de um *dispositivo de espetacularização*.

O termo “dispositivos aparece em Foucault nos anos 70 e designa inicialmente os operadores materiais do poder, isto é, as técnicas, as estratégias e as formas de assujeitamento utilizadas pelo poder. A partir do momento em que a análise foucaultiana se concentra na questão do poder, o filósofo insiste sobre a importância de se ocupar não “do edifício jurídico da soberania, dos aparelhos do Estado, das ideologias que o acompanham”, mas dos mecanismos de dominação: é essa escolha metodológica que engendra a utilização da noção de “dispositivos”. Eles são, por definição, de natureza heterogênea: trata-se tanto de discursos quanto de práticas, de instituições quanto de táticas moventes: é assim que Foucault chega a falar, segundo o caso, de “dispositivos de poder”, de “dispositivos de saber”, de “dispositivos disciplinares”, de “dispositivos de sexualidade” etc. (REVEL, 2005, p. 39).

O dispositivo está sempre inscrito em um jogo de poder, ligado a uma ou mais configuração de saberes dos quais, e ao mesmo tempo, ele nasce e é por eles condicionado. É

um instrumento que tem sua eficácia, seus resultados, que produz alguma coisa na sociedade, que é destinado a ter um efeito (FOUCAULT, 1993).

## 1.1 O discurso político como espetáculo: uma forma de debate

A *espetacularização* da política já dava indícios, embora muito discretos, nos anos de 1960, na candidatura à presidência de Jânio Quadros que já, naquele momento, surgiu fazendo uso da mídia. No entanto, a espetacularização foi oprimida pela Ditadura Militar em 1964 e, posteriormente, pela Lei Falcão de 1976, que limitava a propaganda política na televisão à narração dos nomes, aos dados dos candidatos e à veiculação de suas fotos.

Assim, foi nos idos anos de 1989, à época da redemocratização, momento no qual a mídia se fortalecia, que a espetacularização voltou a dar sinais durante a primeira campanha eleitoral presidencial democrática. No entanto, é nos anos 2000 que ela se consolida com o entrelaçamento do discurso político com o discurso publicitário, sustentado, assim, por uma relação interdiscursiva. Segundo Sá (2015, p.175), “o discurso político eleitoral ganhou notoriedade na mídia televisiva, que possibilitou a incorporação, para a propaganda eleitoral, de diferentes linguagens”. Foi, então, a incidência do discurso publicitário que se instaurou pelo marketing político, que cristalizou a *espetacularização* do discurso político, assim constituindo-se, “nas breves formulações sincréticas, com seus efeitos dialógicos e desierarquizantes, nas modalidades enunciativas personalizadas e nos ritmos dinâmicos de sua circulação” (PIOVEZANI, 2009, p. 218).

No entanto, mais do que somente na política, a *espetacularização* tornou-se figura constante na e da sociedade contemporânea. As mídias, as grandes produtoras de espetáculos, alimentam a “estetização do social e assumidamente na contemporaneidade, tornam-se o lugar primordial de fabricação do espetacular” (RUBIM, s/d p.12).

Podemos afirmar, na esteira de Rubim, que o espetáculo faz parte da sociedade contemporânea, em suas palavras “está onipresente no espaço e no tempo” (RUBIM, s/d p.13). Todavia, a mídia compreendida como campo que publiciza não pode ser diretamente relacionada ao espetáculo, sendo assim reduzida, pois não é a mera veiculação pela mídia que gera espetáculo, assim a *espetacularização* é bem mais que somente a midiaticização. Porém, a política está diretamente ligada à midiaticização, tanto que diversos termos foram elencados



para designar tal fenômeno como: midiapolítica por Roger Gérard Schwartzberg (1978), videopolítica por Giovanni Sartori (1989) e Oscar Landi (1992), dentre outros como a telepolítica para Rubim (s/d). No que tange às eleições, no período que constitui o *corpus* desse trabalho, a mídia é instrumento privilegiado das campanhas e apresenta impacto e influencia a campanha das ruas<sup>24</sup> (RUBIM, s/d, p.17).

a política vem apresentando alterações importantes pela necessidade de se adequar à dinâmica deste novo espaço eletrônico, configurado pelas redes de mídias como suporte da nova dimensão pública da contemporaneidade. A adequação deve ser entendida como absorção e utilização das linguagens e recursos midiáticos, em sua dimensão estético-cultural, mas não obrigatoriamente em uma condição mercantil, entretenimental e espetacular. (RUBIM, s/d, p.16).

Assim, o discurso político tem que se adaptar, já que não está ocupando seu lugar de conforto, o palanque, pois a televisão se constrói a partir de um jogo de sedução e convencimento e não se transformando meramente em um instrumento da política, nas palavras de WEBER (2000), “um palanque eletrônico”. Sendo uma ‘prática linguageira’ como diz Charaudeau (2006), funciona pela persuasão, assim “na elaboração do discurso interviriam com igual importância categorias de razão e categorias de paixão. É o que, de todo modo, se passa no discurso político” (CHARAUDEAU, 2006, p.82).

A *mise en scène* política na televisão é formatada pelo processo de estetização que, devido ao seu aspecto sensível, ou seja, apreendida pelo sentido, promove a catarse do telespectador, que na campanha eleitoral se funde ao eleitor e que, por sua vez, demanda a *espetacularização*. O espetáculo, “a versão virtual e estetizada do mundo”<sup>25</sup> como se refere Debord (1983), se comporta como um dispositivo, que segundo Deleuze (2015), se constrói com suas linhas, enunciado, poder e subjetividade que o atravessam e o conduzem. Sobre a formação desse *dispositivo de espetacularização* na discursividade política eleitoral mediatizada, pautamo-nos na seguinte definição de dispositivo:

---

<sup>24</sup>A adequação ao novo ambiente, não resta dúvida, implica em mudanças relevantes da dinâmica política, inclusive com a absorção de novos atores (mídias e peritos de diversas ordens, tais como marqueteiros, publicitários, analistas de sondagens quantitativas e qualitativas, comunicólogos etc); novos instrumentos operativos (a exemplo das sondagens, dos planejamentos estratégicos, dos dispositivos potentes de produção de imagens plásticas e sociais etc.); novas linguagens e modos de comunicar; nova relevância para as imagens plásticas e sociais (RUBIM, s/d p. 17).

<sup>25</sup> «la version virtuelle et esthétisée du monde».

Conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organização arquitetônica, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (FOUCAULT, 2001, p.244).

Ao tratar de dispositivo, Foucault relata que se trata de um caso mais amplo do que o de *episteme* que está relacionada ao discursivo, assim, em suas palavras, “dispositivo é ele próprio discursivo e não discursivo, sendo seus elementos muito mais heterogêneos” (FOUCAULT, 2014 p.47). Assim, configura-se uma nova ferramenta para o trabalho com os objetos de caráter heterogêneos os quais, por sua vez, garantem o exercício de poder. Segundo Sargentini (2015), Foucault seria o investigador do “*modo como*”.

Em sua obra, ele se distancia do objetivo de responder o que é a loucura, ou o que é o sistema prisional. Ele formula de outra forma essa pergunta quer saber “*o modo como se opera a divisão*” entre loucura e não loucura, entre comportamento normal e doença mental. Quanto ao sistema prisional, interessa-lhe estudar “*o modo como se pune*” (SARGENTINI, 2015, p.21).

Assim, é a análise do regime de práticas e não as teorias, ideologias ou instituições, que lhe interessa, pois, cada tipo de prática se constitui pelas suas próprias “regularidade, sua lógica, sua estratégia, sua evidência, sua razão” (FOUCAULT, 2003, p.338). Segundo Castro (2009, p.117), “a medida que Foucault substitui a noção de *episteme* pela de dispositivo e, finalmente, pela de prática, a análise do discursivo começará a entrelaçar-se cada vez mais com a análise do não discursivo (práticas em geral)”. Os dispositivos são construídos pelas linhas de visibilidade, de enunciação, de forças, de subjetivação e de fissura que se entrelaçam, negando assim, a ideia de “universais”.

As duas primeiras linhas destacadas por Foucault, segundo Deleuze (2015), “são como as máquinas de Raymond Russel, máquinas de fazer ver e de fazer falar”, as *curvas de visibilidade* e as *curvas de enunciação* referem-se ao que é dado a ver, ao que emerge diferentemente em cada dispositivo, e ao que é efetivamente dito, que está na esteira do dizível (DELEUZE, 2015, p.84). As *linhas de forças*, também comportadas por um dispositivo, compostas com o saber e com o poder perpassam todo esse dispositivo constituindo-o, e, por último, Foucault traz as *linhas de subjetivação*, “um processo, uma

produção de subjetividade (...) que não é nem um saber, nem um poder” (DELEUZE, 2015, p.87)<sup>26</sup>.

É pelo movimento de *continuidade* e também, pelo de *descontinuidade* que funciona um dispositivo, “assim, todo o dispositivo se define pelo que detém em novidade e criatividade, e que ao mesmo tempo marca a sua capacidade de se transformar, ou de desde logo se fender em proveito de um dispositivo futuro” (DELEUZE, 2015, p.92). Logo, o conceito de dispositivo, pautado na noção de rede e relações estratégicas, dá-nos parâmetros teóricos e metodológicos para acompanhar as práticas discursivas na reunião de sua dispersão, as quais produzem as transformações dos discursos que circulam na sociedade. A partir desse complexo dispositivo que envolve o discurso político, ocupar-nos-emos, em especial, do gênero debate presidencial.

Tomamos aqui o debate eleitoral televisivo como um dos lugares nos quais se dá a incidência do que denominamos *dispositivo de espetacularização*, já que, como acima assinalado, entendemos *dispositivo* como um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, estruturas arquitetônicas, leis, o dito e o não dito (FOUCAULT, 1993, 1999, 2013), e, segundo Agambem (2005, p.13) é a “capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”.

O *dispositivo de espetacularização*, que ora propomos, congrega uma diversidade de formas de enunciados que se rearranjam em função de uma rede que dá sustentação à distribuição do discurso político. Há também um certo preenchimento estratégico que produz transformações na produção do discurso político em função das conjunturas sociais e ideológicas.

Para um exemplo do que podemos compreender por preenchimento estratégico, referimo-nos, de forma comparativa, ao debate de 2010 e de 2014. No primeiro, os candidatos não dialogam, são colocados em estrutura que produz um efeito de arena de forma a responderem às perguntas de eleitores. No debate de 2014, quando a corrida presidencial acenava para uma disputa acirrada entre os candidatos e um histórico de baixa audiência dos debates, a arquitetura do debate se modifica, sendo que os candidatos são dispostos em plenária, frente-a-frente com a proposição de questões diretas em verdadeiras condições de se digladiarem.

---

<sup>26</sup> No capítulo três, trataremos mais considerações sobre os âmbitos do dispositivo entrelaçados ao *corpus*.

Sargentini (2015), a respeito do dispositivo de sexualidade, ao definir didaticamente a substituição do *dispositivo de aliança pelo dispositivo de sexualidade*, a partir do dizer de Foucault (1999), explicita que o dispositivo de aliança

estrutura-se por um sistema de regras que definem o permitido e o proibido; objetiva reproduzir o jogo de relações e manter as leis que as regem; centra-se no fato de que os membros do casal possuem um estatuto definido; está fortemente articulado na economia, visando à transmissão e à circulação dos bens (SARGENTINI, 2015, p.22).

À luz dessa discussão e ao avaliar a produtividade de se pensar em um *dispositivo de espetacularização*, consideramos que o sistema de regras sempre foi muito fortemente marcado já que o controle garantiria a distribuição, a estética e a qualidade do espetáculo. Nesse sentido, haveria sempre forças que expõem a resistência a esse extremo controle, como podemos ver na transcrição abaixo da fala do jornalista Vilas-Boas da Rede Manchete convidado a fazer questões no debate de 1989:

(...) pelas regras, pelas normas que os senhores impuseram a esse debate através de seus assessores, os jornalistas estão aqui relegados a uma posição secundária, marginal, quase ridícula. Cada um de nós tem o direito a uma pergunta de 30 segundos, três perguntas para cada um, que dá um minuto e meio para cada um, nós quatro ocupamos seis minutos do programa mais 30 segundos para cada moderador são mais dois minutos, 8 minutos no total de um programa que tem duas horas e trinta no mínimo (Transcrição nossa)

Neste trabalho, delineamos, não de maneira a esgotar e nem cercear o conceito, mas a fim de demonstrar no que consiste o *dispositivo de espetacularização* e como emerge a partir de um sistema de regras que, assim como no dispositivo de aliança, define o permitido e o proibido. Ao mesmo tempo, pode reproduzir o jogo de relações entre o político e o eleitor, ao manter as leis de conduta que as regem e estar centrado no fato de que os membros da relação possuem uma posição definida, pois está articulado com a campanha eleitoral que visa à conquista do eleitor. O conceito de dispositivo é uma via de mão dupla, pois está inscrito em um jogo de poder e também está relacionado a um saber que pode constitui-lo. Assim, ainda segundo Sargentini (2015, p.31):

O conceito de dispositivo é, portanto, pautado na noção de rede, de relações estratégicas, considerando que teórica e metodologicamente auxilia-nos a reunir a dispersão dos discursos e acompanhar as práticas discursivas que de forma ramificada produzem, em um ruído silencioso e contínuo, as transformações dos discursos que circulam na sociedade.

Dentre os componentes que constituem essa corrente, o debate – e toda sua constituição estrutural e disposição – tem grande importância para o processo democrático. A priori, seria nessa prática discursiva, o lugar do embate, da batalha, pois é nela que os candidatos são interpelados e postos em confronto, produzindo assim o efeito de arena dado ao debate. Além da cuidadosa construção fortemente retratada na arquitetura dessa *mise en scène* eleitoral, é no debate televisivo que os candidatos se expõem e produzem um efeito de falarem de maneira mais direta aos eleitores. É fato que não se trata de uma exposição espontânea, mas muito bem programada e de forte controle. Os eleitores são diretos ao se dirigirem aos candidatos, os candidatos, por sua vez, respondem aos eleitores diretamente ou aos jornalistas e, em outros momentos, são autorizados apenas a um diálogo entre si. Como vemos, a forma de interlocução varia conforme os interesses ora político-partidários, ora midiáticos que tenham força para interferir, deixando entrever o que consideramos ‘preenchimento estratégico’.

## 1.2 O debate: palco dos atores políticos eleitorais

Ao tratarmos de discurso político eleitoral brasileiro, objetivamos tratar das transformações da fala pública que, na Antiguidade Clássica, caracterizava-se a partir dos princípios da democracia grega, pela expressão dos fortes brados de eloquentes oradores que falavam a seus pares nas assembleias; na ágora e no teatro. Já, na Idade Média, tal fala pública modifica-se, sendo prioritariamente proferida pelo representante religioso, tomando, assim, um tom divino, enigmático e intimidador. Tal religioso, que se colocava como orador, falando do alto de uma tribuna, ali ocupava o lugar de dominador de seu rebanho que devia ser reconhecido como o mais próximo da divindade e a quem se atribuía dizeres incontestáveis (PIOVEZANI, 2009).

Somente na Idade Moderna, a fala pública é perpassada pela civilidade, segundo PIOVEZANI (2009, p.49):

A conveniência nas maneiras e nos costumes, que é perpassada por um saber, por uma ética e por uma estética intrinsecamente relacionados, apresenta estreitas articulações entre a civilidade e a conversação, visto que a emergência e o desenvolvimento da primeira estabeleceram-se, em larga medida, na associação de uma “educação da linguagem” e do “domínio de si”.

Assim, em relação à fala pública como constituída pela sociedade na contemporaneidade, caracteriza-se como uma fala afetada pela construção histórica da efemeridade e da rapidez. Sendo o discurso político “um tipo de fala pública” (PIOVEZANI, 2009, p.137), fruto de uma densidade histórica e, portanto, historicamente constituído, estando assim, características da modernidade líquida (BAUMAM, 2001) por ele perpassadas, emergindo, na contemporaneidade, em um discurso político “mais fluído, mais imediato que requisitaria o instante mais do que se inscrever na memória” (COURTINE, 2006, p. 84). O discurso político contemporâneo é também caracterizado por uma “língua de vento”<sup>27</sup> (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.23), que dá amplas margens para o lugar de destaque do homem político. Um discurso político que se inscreve e se adéqua aos aparatos audiovisuais, sendo que “o verbo não pode mais ser dissociado do corpo e do gesto, a expressão pela linguagem conjuga-se com aquela do rosto, de modo que não podemos mais separar linguagem e imagem” (COURTINE, 2011, p.150).

Ao mobilizarmos a noção de língua de vento, somos remetidos a uma outra noção outrora mobilizada, amparando as discussões iniciais da análise do discurso político, a de língua de madeira que segundo Patrick Seriot, em seu *La langue du bois et son double*<sup>28</sup> (1986a apud PIRES, 2012, p.28) “a noção de ‘língua de madeira’ é uma reflexão teórica posta e marcada pelos discursos da União Soviética, sendo característica dos discursos totalitários”

A “língua de madeira” soviética é aquela da ficção verbal, das identidades fictícias. É a língua do poder. Uma língua totalitária, fechada, que estabelece uma verdadeira ditadura, não acessível à maioria da população, e que obscurecia o real. Uma língua tomada pelas nominalizações, que apagavam o sujeito daquele dizer (SERIOT, 1985, p.834, tradução nossa).<sup>29</sup>

---

<sup>27</sup> “A ‘língua de vento’ permite à classe no poder exercer sua maestria, sem mestre aparente. Ela não serve tampouco a seu mestre. O imperialismo fala hoje uma língua de ferro, mas aprendeu a torná-la tão ligeira quanto o vento (GADET; PECHEUX, 2004, p. 24 apud PIRES, 2012).

<sup>28</sup> “A língua de madeira e seu duplo” (Tradução nossa).

<sup>29</sup> ‘La langue de bois soviétique est une langue est une langue qui dit Le mensonge la fiction verbal e La fable des entités fictives surréelles est la langue du pouvoir et est Le pouvoir qui donne sens aux mots car Il agit une langue totalitaire fermée monosémique qui établit une véritable dictature de la langue’ (SERIOT, 1985, p.834).

Ultrapassando as fronteiras da União Soviética, a noção de língua de madeira tomou outra proporção e ultrapassou também a fronteira dos discursos totalitários, assim a língua de madeira “concerne a formas longas, fixas e redundantes, que se inscrevem na memória discursiva da máquina de um partido”(COURTINE, 2006, p.86) e pode ser apreendida na expressão de um discurso no qual a máquina política é evidenciada e o sujeito falante apagado, em um discurso que promove a ideologização em detrimento da subjetivação.

Assim, diferente do que fora outrora, aparece-nos, na atualidade, um discurso político característico na modernidade pela “fala breve e efêmera”, “discurso curto, descontínuo e ininterrupto” (COURTINE, 2006, p.84), do qual é difícil depreender algo, pois é fluído, líquido, metaforicamente, aquele discurso que escorre por entre os dedos e para o qual se valoriza a expressão da subjetividade, de certo individualismo que dá amplas margens para o lugar de destaque do homem político.

Ainda conforme Courtine (2006), o discurso político da contemporaneidade, aquele veiculado em diversas mídias, já não visa à explicação ou ao convencimento do eleitor, mas, sim, à conquista. É nele que se marca o produtivo encontro do discurso político com o discurso publicitário, com uma forte prevalência do segundo. O conteúdo político, segundo o mesmo autor, adéqua-se às exigências do aparato audiovisual, assim, nosso *corpus*, constituído pelo gênero debate eleitoral presidencial reafirma o entrelaçamento de verbo e imagem, articulando “língua, conjuntura social e estrutura histórica, em um espaço onde se combinam ação e coerção no encontro entre uso e circunstância” (PIOVEZANI, 2009, p.146). O debate configura-se como uma arena para o embate discursivo eleitoral na qual cada candidato tem a oportunidade de fazer a propaganda de si e sua imagem deve ser coerente com sua proposição política.

Na esteira de Courtine & Piovezani, 2015 os locais de pronunciamento da fala pública, da ágora clássica à tribuna medieval, interferem na constituição da fala pública e a modificam, as diferentes disposições do debate político eleitoral podem interferir na construção do discurso político presidencial eleitoral, assim “levam em conta o sincretismo existente entre verbo e imagem e a densidade histórica que constitui os enunciados” (SARGENTINI, 2011, p.116).

## 1.3 A arena discursiva

É na esteira das discursividades sincréticas, da evidência da imagem que não mais pode ser desvinculada do verbo, que analisamos a construção da imagem do homem político, ao sofrer a incidência do processo de estetização nas circunstâncias do debate em campanha eleitoral. É possível constatar que a midiatização conferiu ao corpo dos indivíduos uma grande visibilidade e fez do corpo do homem político o primeiro operador de sentido, passando, então, a significar tanto quanto seu programa político (COULOMB-GULLY, 2003). O encontro com os eleitores e a multidão nos comícios, nos pronunciamentos públicos em que o palanque era a arena da discursividade política e promovia uma “distância próxima” (COURTINE, 2003, p. 29) foi acentuadamente modificado. Na contemporaneidade, esse encontro ocorre, de maneira mais frequente mediado pela televisão quando promove uma “intimidade distante”, preconizando a ilusão do contato do eleitor com o candidato. (COULOMB-GULLY, 2003).

Régis Debray (1994), em seu livro *O Estado Sedutor* aponta também para essa mudança de foco no discurso político que busca fascinar pela aproximação e não mais pelo distanciamento. Na televisão, o corpo físico deixa de ser real, verdadeiro e torna-se uma representação que necessita de construção e estetização. Há, então, o aumento da importância dos elementos não verbais “calculados secamente pelos computadores do marketing (expressão do rosto, 55% de eficácia, a voz, 38%; discurso, 7%)” (DEBRAY, 1994, p.23). O discurso e o corpo do político não se separam mais da gestualidade, da voz, da vestimenta, todos cuidadosamente construídos para serem exibidos na mídia audiovisual. Assim, “a relação física torna-se principalmente estética, o corpo torna-se uma imagem: é um corpo que representa” (COULOMB-GULLY, 2003, p.125).

Dentre as cenas que constroem a *mise en scène* eleitoral, o debate tem uma grande importância para o processo democrático, ou mais exatamente para um efeito de processo democrático. No debate, os candidatos participam de uma encenação cuidadosamente construída e moldada. A priori, seria ele, o debate, o lugar do embate, da batalha, pois, nele os candidatos são interpelados, e, em muitos debates

os candidatos não “pelejam”, visto que enfrentamentos discursivos entre eles não são permitidos. Isso significa que, formalmente, há um debate, na esfera pública, metaforizado pela “arena”, mas que, não se passando necessariamente entre os candidatos, permite inferir, não se saber ao certo com quem eles debatem porque, afinal de contas, rigorosamente não existem



interações envolvendo os interlocutores (FAUSTO NETO; RUBIM; VERÓN, 2003, p. 148).

Sendo um de nossos objetivos elucidar as diferenças entre os debates políticos eleitorais e, conseqüentemente, as mutações do discurso político eleitoral brasileiro, já antecipamos algumas das fortes distinções na arquitetura dos debates analisados e que neles estão envolvidos a questão do corpo político, não como um corpo real, mas aquele construído por um dispositivo da espetacularização, apresentado de modo midiático.

Assim, em seqüência, trazemos a discussão sobre *acontecimento* tão pertinente a Análise do Discurso. Propomos, neste momento, relacionar o pleito eleitoral ao acontecimento discursivo em seu desdobramento, tomando como base a noção de *acontecimentalização* proposta por Foucault em seu *Ditos e Escritos IV*.

## 1.3 Discurso eleitoral e o acontecimento discursivo

A noção de *acontecimento discursivo* (FOUCAULT, 1986) é central para os estudos da Análise do discurso, uma vez que está presente na teoria não só em seu diálogo com a história, por onde se iniciam as problemáticas que animam as reflexões sobre as continuidades e as descontinuidades, como também pelo suporte metodológico que esse conceito oferece.

Foucault (1986) postula a centralidade do acontecimento ao considerar que um enunciado é sempre um acontecimento, uma vez que sua análise não pode ser reduzida à língua, ao caráter semiológico ou simplesmente ao seu referente. Ainda na *Arqueologia do Saber* (1986), o autor insiste que, para análise, é preciso restituir ao enunciado a singularidade do seu acontecimento, tratando-o em sua irrupção histórica e descartando a proposição estruturalista de circunscrição da análise a um sistema. Dessa forma, a noção de *acontecimento* amplia-se ao se considerar sua relação com o passado, a memória e a história. Foucault (2003) propõe, ainda, a importância de se pensar em um conceito que marque o processo no qual se inscreve o acontecimento e por isso apresenta a noção de *acontecimentalização*.

Procuro trabalhar no sentido de uma “acontecimentalização”. Se o acontecimento foi, durante um tempo, uma categoria pouco avaliada dos historiadores, pergunto-me se, compreendida de uma certa maneira, a

“acontecimentalização” não é um procedimento de análise útil. O que se deve entender por “acontecimentalização”? Uma ruptura absolutamente evidente, em primeiro lugar. Ali onde se estaria bastante tentado a se referir a uma constante histórica, ou a um traço antropológico imediato, ou ainda a uma evidência se impondo de uma mesma maneira para todos, trata-se de fazer surgir uma “singularidade”. Mostrar que não era “tão necessário assim”; não era tão evidente que os loucos fossem reconhecidos como doentes mentais; não era tão evidente que a única coisa a fazer com um delinquente fosse interná-lo; não era tão evidente que as causas da doença devessem ser buscadas no exame individual do corpo etc. Ruptura das evidências, essas evidências sobre as quais se apoiam nosso saber, nossos consentimentos, nossas práticas. Tal é a primeira função teórico-política do que chamaria “acontecimentalização” (FOUCAULT, 2003, p.339).

Propomos com esse conceito sustentar a hipótese de que o debate eleitoral se constitui como um acontecimento tomado no interior de uma média duração a qual constitui nosso *corpus* e expostos a rupturas a cada nova edição. Tais rupturas não são, por sua vez, ocasionais ou motivadas apenas por avanços tecnológicos que se tornam disponíveis, mas estão inscritos em processos de acontecimentalização motivados por questões histórico-sociais e político-midiáticas. Assim, não se trata apenas de analisar a ruptura das evidências historicamente cristalizadas, mas sim, as também produzidas pelo pesquisador construindo um acontecimento.

Ao tratarmos da noção de acontecimento, a noção de enunciado emerge e para nosso trabalho é de extrema importância. Apresentada no interior da Análise do Discurso, por Jean-Jacques Courtine (2009, p.85) em sua tese *O discurso comunista endereçado aos cristãos*, a noção vem ampliar o que anteriormente era delimitado: “na AAD, o enunciado elementar designa um vetor indexado de categorias morfossintáticas que vem codificar um conteúdo proposicional”. Foucault (2009) traz a descrição do enunciado por meio de uma perspectiva discursiva atrelando a materialidade da língua e a materialidade do discurso; desse modo, o enunciado não seria uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem, ele se definiria a partir de quatro propriedades: (i) *o enunciado está ligado a um referencial* é ele que define as possibilidades de aparecimento e de delimitação, formando assim o lugar, a condição, o campo de emergência, (ii) *mantém com o sujeito uma relação determinada*; um sujeito *enunciador*, que enuncia de uma *situação de enunciação* determinada, de um lugar definido por um sistema construído nas relações sociais, relaciona-se com um enunciado que somente se configura como o mesmo se apresentar um (iii) *domínio associado* que consiste em uma rede de formulações. Tal domínio associado abarca as formulações intradiscursivas,

as que se reatualizam e as formulações consequentes, assim, o enunciado “entra, pois, em uma rede interdiscursiva de formulação” (COURTINE, 2009, p. 90).

O enunciado compreende então o intradiscurso, em uma perspectiva horizontal, e o interdiscurso de uma formação discursiva em uma perspectiva vertical, e, além disso, (iv) *apresenta uma existência material*, distinta daquela da enunciação.

Pode-se falar do mesmo *enunciado*, lá onde há várias *enunciações distintas*, já que a enunciação não se repete, cada enunciação proferida a cada minuto diferente é distinta da anterior, se a enunciação é a atividade de produção de um discurso por um sujeito enunciador em uma situação de enunciação (COURTINE, 2009, p. 91).

O enunciado está relacionado ao repetível. Enfim, enunciados são “elementos do saber próprio de uma formação discursiva (...) que governa a repetibilidade no seio de uma *rede de formulações*” (COURTINE, 2009, p. 91).

O discurso não deve ser assumido como o conjunto das coisas que se diz, nem como a maneira de dizê-las. Ele está outro tanto no não dito, ou no sinalizado por gestos, atitudes, modos de ser, esquemas de comportamento, deslocamentos espaciais. O discurso é o conjunto das significações coercivas e constrangedoras que perpassam as relações sociais (FOUCAULT, 1976,p.123 In COURTINE, 2013, p.26).

Por fim, ao inscrever metodologicamente em uma perspectiva arqueogenalógica nosso trabalho, consideramos a média duração e focalizamos as análises em cada debate, tomado-os como um acontecimento e, para isso, mobilizamos a noção de dispositivo em um exercício de ampliação. Ou seja, propomos o desenvolvimento teórico epistemológico da noção de *dispositivo de espetacularização* sustentado por uma estetização que envolve o corpo político em uma construção político midiática, o que possibilitaria a análise das mutações do discurso político no que se refere aos debates, sendo essas as análises de regime de práticas, práticas discursivas em campanha eleitoral, “das regularidades e dispersões, da condição de emergência dos enunciados, da rarefação dos dizeres” (SARGENTINI, 2015, p.18).

Para desenvolver as análises, mobilizaremos, pincipalmente, a noção de Formação Discursiva que foi levantada pelo próprio movimento do *corpus*, juntamente com demais ferramentas teórico-metodológicas a fim de promover “o *batimento entre descrição e interpretação* para usarmos a expressão cara a Pêcheux.” (SARGENTINI, 2015).

Para além de tais ferramentas mobilizaremos fortemente a noção de *dispositivo* a qual para nós se mostra não, apenas, uma ferramenta metodológica, mas sim, um conceito que abarca o discurso político contemporâneo no âmbito de sua constituição.

O discurso deve ser compreendido a partir daquilo que Foucault denomina “dispositivo”, isto é, de um conjunto heterogêneo de instituições e de leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas, de palavras e de textos, de ditos e de não ditos. ‘O discurso ele mesmo é imanente ao dispositivo que se modela sobre ele e que o encarna na sociedade; o discurso faz a singularidade (histórica), a estranheza da época, a nova tendência local do dispositivo’. É um ‘terceiro elemento’, uma ‘diferença última’ que, para além das coisas, ‘impregna’ os elementos heterogêneos do dispositivo que lhe dá existência material e histórica.

Assim, trataremos em capítulo seguinte da constituição do sujeito político eleitoral e de seu dizer, a fim de descrever o funcionamento do discurso eleitoral em debate assim como a construção do sujeito político eleitoral, a partir da mobilização de conceitos próprios da Análise do discurso e da noção, fortemente elevada por Foucault (1999b) de dispositivo.

## Capítulo II

# A constituição do sujeito político eleitoral na *mise en scène* do debate

*Numa sociedade como a do século XVII,  
o corpo do rei não era uma metáfora,  
mas uma realidade política:  
sua presença física era necessária  
ao funcionamento da monarquia.  
Michel Foucault, 2003*

Neste capítulo, direcionamos, mais fortemente, o olhar para o *corpus*, debates televisivos de segundo turno, e traçamos as análises pautadas nas características dos debates, os quais nos dão subsídios para mostrarmos como se configuram o sujeito político eleitoral brasileiro e a discursividade política eleitoral presidencial em debate. Por uma questão de recorte metodológico, é fato que não será possível esgotar as análises e nem, ao menos, propormos um modelo a ser seguido, mas sim, iremos demonstrar como o discurso político eleitoral – pelos seus atores políticos, pela marketização e, acima de tudo, pela sua constituição sócio-histórica, todos os elementos que reafirmam o funcionamento do *dispositivo de espetacularização* –, modificou-se e apresenta-se na atualidade, considerando suas regularidades, diferenças, continuidades e descontinuidades.

“A televisão muda a maneira de se fazer política?” (LE BART, 2010 p. 78)<sup>30</sup>. É possível dizer que o discurso político sofre alterações e se molda influenciado pelas ferramentas que promovem sua circulação, na atualidade, diferencia-se daquele que era objeto da AD em seu nascedouro nos idos anos de 1960. Em constante mutação, sendo ele sócio historicamente construído, passível de diferentes emergências e construtor de memória, possui características fluídas e também fixas as quais são moldadas pela incidência do *dispositivo de espetacularização* que ali funciona.

Assim, como movimento metodológico, partimos do isolamento de categorias, as quais foram dadas pelo nosso *corpus*, que se compilam por meio de estratégias que serão

---

<sup>30</sup>La télévision a-t-elle changé les façons de faire de la politique ? (Bonnafous éd., 1989 ; Tournier, Coulomb-Gully éd., 2001 ; Groupe de Saint-Cloud, 1995 ; Coulomb-Gully, 2001) (LE BART, 2010, p.78).

utilizadas para flagrar as regularidades e diferenças, continuidades e descontinuidades do discurso político eleitoral em debate e a constituição dos sujeitos políticos eleitorais. Na construção dessa discursividade, há continuidades e descontinuidades, há características que se mantêm e outras que se modificam e que sofrem certos deslizamentos, o que convencionamos chamar aqui de *estratégias* presentes na materialidade verbo-visual que ora funcionam conjuntamente, ora separadamente.

Identificamos seis estratégias que se inscrevem no âmbito das mutações e das regularidades. São denominadas como: *Estratégia de docilização* (E.D.); *Estratégia de agressividade* (E.A.); *Estratégia de afastamento partidário-ideológico*<sup>31</sup> (E.P.I.); *Estratégia de aproximação partidária/ideológica* (E.E.I.), *Estratégias intrínsecas ao discurso político* (E.I); *Estratégias de aproximação do político com o eleitor* (E.A.E.). Apresentamos no quadro abaixo as *Estratégias* e suas siglas que serão mobilizadas ao longo das análises.

Estratégias	Estratégia de Docilização	Estratégia de Agressividade	Estratégia de Aproximação com o Eleitor	Estratégia de Afastamento Partidário Ideológica	Estratégia de Aproximação Partidária Ideológica	Estratégias Intrínsecas ao Discurso Político
Siglas	<b>E.D.</b>	<b>E.A.</b>	<b>E.A.E.</b>	<b>E.A.P</b>	<b>E.A.P.</b>	<b>E.I.</b>

Como já foi apontado, não flagramos no discurso político contemporâneo, aquele veiculado pela televisão, a “língua de madeira” – aquela que verbalizava as ideologias estáveis, por exemplo, a do totalitarismo. Não encontramos mais o discurso inflamado, dos *companheiros*, apesar de ainda existirem resquícios de tal discurso, mas vemos, no início dos anos 2000, um discurso político que se vale de uma “língua de vento”, pois é ela quem caminha junto com a midiaticização e também, é ela que o *dispositivo da espetacularização* faz emergir prioritariamente, pautado no indivíduo.

O discurso político eleitoral regido pelo *dispositivo de espetacularização* foi se transformando durante o período analisado (1989 - 2014). Essas modificações estão expostas tanto na materialidade linguística quanto na constituição do sujeito político histórica e socialmente moldado, estando sua discursividade visível em seu corpo, em sua imagem. Entrelaçando-se com a construção desse discurso político e de seus sujeitos está a mídia

<sup>31</sup> Tomando aqui apenas os debates de segundo turno e tendo mobilizado uma polarização não afirmamos que não haja heterogeneidade na homogeneidade, mas sim, que há diversas marcas que atestam a polarização e colocam, muitas vezes, os candidatos em posições antagônicas.

televisiva, a qual fortalece e acelera o efeito de proximidade do homem público ao seu eleitor por meio de recursos como o suposto acesso ao âmbito privado do homem público (imagens da sua casa, da sua família, informações sobre seus hábitos diários) e da possibilidade de perscrutar a essência desse homem a partir de sua imagem ou pela proximidade com a sua face, seja por meio de fotos em meio jornalístico, seja por programas eleitorais na TV.

Dessa maneira, reafirmando as características de mutação do discurso político, observamos que nos novos regimes de discursividade, perpassados pela mídia televisiva, exige-se da análise do discurso que não se limite a caracterizar os discursos apenas por seus diferentes níveis de funcionamento linguístico, mas considerar que, nesse jogo discursivo, há o entrecruzamento de práticas verbais e não verbais complexas. Assim, para Courtine (2006, p. 57):

O projeto de uma análise dos discursos que restitui à discursividade sua espessura histórica não está, entretanto, ultrapassado [...] Parece-me, particularmente, que esse projeto poderá administrar a análise das representações compostas por discursos, imagens e práticas.

A constituição, formulação e circulação da discursividade política contemporânea mostra-nos que o discurso político na atualidade é marcado pela obsolescência das filiações históricas e pela instabilidade entre a retomada e a recusa dos princípios ideológicos. A análise do enunciado linguístico não é suficiente quando se considera a manifestação sincrética, rápida e fragmentada na qual o verbo não se dissocia do corpo, do rosto, dos gestos e das imagens. Ademais, a circulação dispersa do discurso político, em razão da transmissão em mídias novas e mais velozes, expõe uma nova forma de produção do discurso político, os novos suportes, sejam eles a televisão ou a internet, que constroem cada qual a seu modo uma teatralidade do espetáculo político: “o discurso perdeu sua autonomia e eficácia; ele é, desde então, indissociável da imagem do homem político e está frequentemente subordinado a essa imagem” (COURTINE, 2006, p. 112). Dessa maneira, tal discussão conduziu-nos ao estudo da Semiologia histórica da mensagem política (COURTINE, 2013), considerando que, na análise do discurso político, o verbo não se dissocia do corpo e do gesto e que não se separam linguagem e imagem (SARGENTINI, CURCINO, PIOVEZANI, 2011).

Assim, para comprovarmos o que denominamos de *Estratégias*, elegemos três categorias que consideramos relevantes para a análise da semiologia histórica da mensagem política. São as seguintes: o *rosto*, a *silhueta* e o *verbo*. Eleger o rosto como uma categoria justifica-se pelo sólido estudo desenvolvido por J.J. Courtine e C. Haroche (1988), em *A*

*História do Rosto*. O autor explica em sua *These d'Etat – Corps et discours: elements d'histoire des pratiques langagières et expressives* (1989) que seu estudo sobre o rosto, em parceria com a Claudine Haroche, deu-se por “um longo desvio, uma digressão imprevista, um feliz acidente de percurso na pesquisa que abriu a via pela qual seguiu um conjunto de trabalhos de antropologia histórica” (COURTINE, 1989, p. 84, tradução nossa). Courtine observa que em *Análise do discurso político: o Discurso Comunista Endereçado aos Cristãos*, quando pensava fazer um recenseamento do discurso político, tecia de fato um réquiem a esse discurso. Ele aponta que a mediação exige a centralidade do rosto e até mesmo do corpo do homem político. O rosto fala, assim, em um retorno à densidade da história; o autor observa que as percepções do rosto mudam lentamente, transformando a identidade individual entre os séculos XVI e XVIII. Com isso, ele afirma que “há necessariamente uma dimensão ‘semiológica’ nessa antropologia histórica, nessa história cultural ou das sensibilidades – chamemo-la como bem quisermos, porque isso não importa” (COURTINE, entrevista 2009).

Seguindo a hipótese de que os paradoxos do rosto são os paradoxos do indivíduo, Courtine e Haroche (1988) analisam as transformações que se dão na expressão facial em função do paradoxo que atravessa o sujeito exposto à obrigação de exprimir-se ou calar-se, de deixar-se ver de forma sincera ou mascarar-se. Não alheios às reflexões foucaultianas sobre o governo dos homens que não existe separado do governo de si (FOUCAULT, 2014), os autores focalizam a emergência da domesticação dos olhares, posturas e propósitos. Dessa maneira, o rosto produz sentido, estando assim, inserido em um médium e em um gênero discursivo. Da mesma maneira, o corpo é um operador de sentido que, na era da mídia, faz dos candidatos uma silhueta.

Pautando-nos em Courtine (2013), o corpo, na verdade, é uma invenção teórica recente, seu despontar como objeto de estudo deu-se ainda no século XX, século no qual a questão do corpo animado evidenciou-se. Foucault (1975) propunha, em seu *Pouvoir e Corps*, a edificação da arqueologia das ciências humanas por meio do estudo dos mecanismos de poder que investiram contra os corpos, os gestos e os comportamentos. Em *Vigiar e Punir*, o filósofo marca que

O corpo é também diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder operam sobre ele uma influência imediata; elas investem contra ele, o marcam, o adestram, o supliciam, o constroem a trabalhos, o obrigam a



cerimônias, cobram dele signos (FOUCAULT, 1975, p.30 apud COURTINE, 2013, p.16).

Dessa forma, o corpo constitui-se por ser uma “superfície de inscrição, lugar de dissociação do eu” sendo, também, assim como a materialidade linguística, lugar de enlace com a história. Atestando que não há discurso sem dispositivo, nem dispositivo sem discurso, sabemos que o debate, como parte do *dispositivo de espetacularização*, não está alheio a nenhuma dessas categorias, *o rosto e o corpo* são importantes, mas também a formulação linguístico-discursiva atua na construção argumentativa do debate. Ainda que o debate se caracterize por uma circunstância extremamente controlada, no qual o dizer sofre máxima vigilância, o modo de dizer diz muito e esse será um dos pontos que procuraremos focalizar em nossas análises.

Eleger *o rosto, o corpo e o verbo* como categorias de análise da construção do sujeito político auxilia-nos a reafirmar que os debates não se dão fora da espetacularização e mediação do discurso pré-eleitoral. Entretanto, interessa-nos ainda avaliar se tais categorias são focalizadas diferentemente em relação ao candidato ou à candidata. Por essa razão, observaremos também se ocorre e como alguma distinção na centralidade dessas categorias considerando a questão de gênero, e ainda, são tais categorias que nos permite demonstrar o que chamamos de estratégias do discurso político contemporâneo em debate.

## **2.1 Da Estetização à encarnação: a construção do sujeito político eleitoral**

Um dos processos mais evidenciados da democracia é o eleitoral que tem como ponto central a imagem, o corpo do sujeito político. Isto porque as eleições no Brasil estão calcadas, fortemente, na propaganda política eleitoral televisiva que possibilita a construção de um sujeito político moldado e estetizado para alcançar os eleitores; assim, é no momento da campanha eleitoral que o sujeito político é arquitetado. A mídia televisiva, promotora do encontro do político com o eleitor, proporciona ao candidato a possibilidade de entrar na “casa” dos eleitores para se posicionar e se exhibir ao construir uma realidade: a da campanha eleitoral. Nesse caminho, os mecanismos que marcavam a “distância simbólica”, como a referência generalizante ao telespectador, e o plano aberto, foram substituídas, em pouco

tempo, pelo vocabulário familiar, pelo plano fechado, evidenciando o rosto do político como uma estratégia de conquista do eleitor (a) pela aproximação e não mais pelo distanciamento (DEBRAY, 1994).

Portanto, o movimento de descer do palanque, ocupar a televisão, tendo o seu rosto como foco ao produzir uma aproximação virtual, proporciona uma nova constituição ao sujeito político pautada em um processo de *estetização e encarnação*.

Como definir essa noção de encarnação, que parece muito volátil e até mesmo arredia a qualquer formalização? Supomos que, se ela remete, em primeira instância, aos elementos tradicionais de representação política (o programa reivindicado por candidatos e todas as referências que os ancora em uma cultura específica a uma família ideológica [Bernstein, 2003]), dimensão amplamente explorada que nós não analisaremos aqui, a encarnação supõe também, talvez mais fundamentalmente, a consideração do próprio corpo dos candidatos (COULOMB-GULLY, 2009, p.26, tradução nossa)<sup>32</sup>.

A noção de estetização (COULOMB-GULLY, 2009) elucida a construção de um corpo político eleitoral midiaticizado, visual e esteticamente agradável, mais próximo possível do branco, heterossexual e jovem, já que estão inscritos em uma sociedade que os privilegia, que mais do que ocupar uma posição “encarna-a”. O corpo, definido como objeto de análise e como um dos protagonistas da campanha eleitoral, não se constitui por um corpo “real”, mesmo não sendo possível separá-los fisicamente, mas sim, por um corpo construído pela mídia e inscrito no *dispositivo de espetacularização*. Assim, retomando Coulomb-Gully (2009), seria um corpo construído pelo dispositivo midiático<sup>33</sup> – a televisão –, que passa a ocupar um dos primeiros fóruns políticos contemporâneos ao produzir novas exigências à imagem corporal.

Pautando-nos em Coulomb-Gully (2001), de fato, a televisão dá ao corpo dos políticos uma visibilidade jamais vista na democracia contemporânea, evidenciando a predominância da discussão figurativa e estética, relacionada ao sensível, e que promove a catarse do telespectador na midiaticização televisual do político.

---

<sup>32</sup>Texto original em francês: Comment cerner cette notion d’incarnation, qui paraît bien volatile, voi rerétive à toute formalisation? Nous faisons l’hypothèse que si elle renvoie en première instance à des éléments traditionnels de la représentation politique (le programme revendiqué par les candidats et toutes les références qui les ancrent dans une culture propre à une famille idéologique [Bernstein, 2003]), dimension largement explorée que nous n’analyserons donc pas ici, l’incarnation suppose aussi, peut-être plus fondamentalement, la prise en compte du corps même des candidats. (COULOMB-GULLY, 2009, p.26).

<sup>33</sup>Texto original em francês: «Construit par Le dispositif médiatique » (COULOMB-GULLY, 2007, p.26).

Segundo a autora (2001), toda campanha pode ser lida como uma metáfora da realidade social preconizada pelo candidato. Dessa maneira, o candidato multiplica os gestos simbólicos fortes, pois a televisão sustenta uma parte importante de sua eficácia sobre o símbolo imagético. A autora ainda exemplifica, por meio da performance em campanha de J. Chirac<sup>34</sup>, o entrelaçamento do dizer e dos gestos simbólicos ditos por ele, assim “é essencialmente, por meio da imagem, que o candidato J. Chirac faz passar a dimensão social de sua mensagem e ele esforça para encarnar a ruptura que verbaliza em seu discurso” (COULOMB-GULLY, 2001, p.28, tradução nossa)<sup>35</sup>.

Podemos destacar algumas diferenças de nosso corpus ao tomarmos as observações feitas por Coulomb-Gully (2007) sobre a construção do candidato J. Chirac, que é moldada a partir de uma figura próxima ao povo simples, com o emprego de gestos que o aproximam de seu eleitor. Com o candidato Lula, na campanha de 2002, observa-se o contrário: encobre-se a figura popular e insere-se a figura do político formal que ocupa um lugar acima da população, que ocupa o palanque, assim se esforçando para encarnar a ruptura já materializada em seu discurso, segundo Piovezani “ O porta voz dos trabalhadores não se confunde com os empresários e com os políticos conservadores, mas também não é só mais um trabalhador.”(PIOVEZANI,2015,p.331). A ruptura vista em Chirac pode ser vista também pelos candidatos José Serra na campanha de 2002 e Geraldo Alckmin na campanha de 2006. É possível notarmos tal ruptura, ou seja, um deslizamento de um sujeito que ocupa um lugar de *surplomb* aquele que fala do lugar de poder, aquele do monólogo, da credibilidade, o governante que traz as soluções, para um sujeito que divide seu saber e poder com o eleitor, que caminha no chão, ao lado do eleitor. Tal ruptura aparece materializada na *estratégia de docilização* do discurso político eleitoral e na *estratégia de aproximação do político com o eleitor*.

Segundo Le Bart (2009), os candidatos ocupam duas posições em geral, a da proximidade e a que ele denomina *surplomb* (didatizado pelo próprio autor no quadro abaixo), que está relacionada com o distanciamento exercido pelo político que ocupa uma posição acima, a do palanque.

---

<sup>34</sup>Referente ao pleito de 1995.

<sup>35</sup>Texto original em francês : «c'est essentiellement par ce biais que le candidat Chirac fait passer La dimension sociale de son message et qu'il s'efforce d'incarner La rupture qu'il verbalise dans son discours» (COULOMB-GULLY, 2001, p.28).

<b>Simbolismo da proximidade<sup>36</sup></b>	<b>Simbolismo do surplomb</b>
A política de escuta	A política de proposição
Deslocamento pelo chão	Tomar a fala do lugar de poder
Diálogo	Monólogo
Contato com pessoas ordinárias	Contatos com os grandes
Democracia participativa (difusão do sentimento de competência)	Democracia participativa (predominância da cultura de auto-entrega)
Ação pública negociada	Ação pública arbitrária
Apresentação de si centrada na pessoa	Apresentação de si centrada nas funções
Pretensão a representatividade	Pretensão a excepcionalidades
“Feminino”	“Masculino”
Baixo	Alto

Seria, então, pela televisão que o candidato se beneficia dessa posição que permite mostrar todo o gesto e o corpo do candidato e, assim, dando àquele sujeito, ali moldado, um lugar que nenhum modo de mediação anterior o tivesse atribuído, tornando a televisão, em sua dimensão que capta o telespectador, aquela do sensível, o maior plano da expressão política. Assim,

<sup>36</sup> ( Tradução nossa) -LE BART, 2009, p. 41

<b>Symbolique de la proximité<sup>36</sup></b>	<b>Symbolique Du surplomb</b>
Le politique écoute	Le politique propose
Déplacement sur le terrain	Prise de parole depuis les lieux de pouvoir
Dialogue	Monologue
Contacts avec les gens ordinaires	Contacts avec les grands de ce monde
Démocratie participative (diffusion du sentiment de compétence)	Démocratie représentative (prédominance de la culture de remise de soi)
Action publique négociée	Action publique arbitrée
Présentation de soi centrée sur la personne	Présentation de soi centrée sur les fonctions
Prétention à la représentativité	Prétention à l'exceptionnalité
« Féminin »	« Masculin »
Bas	Haut

Com efeito, contrariamente às interações anteriores nas quais se evidenciava um modo de presença *real* do ator político frente à multidão, a televisão, por sua vez, organiza esse encontro de modo fictício: se uma imagem mantém uma relação de analogia com seu referente, ela resta ali apenas como uma imagem, “só uma imagem”, segundo a expressão de J.L. Godard (COULOMB-GULLY, 2007, p. 98, tradução nossa)<sup>37</sup>.

É sob o plano físico, material que o corpo do político aparece na televisão, sendo que se dá centralidade, em uma primeira visada, para uma silhueta, pequena, magra ou encorpada, assim “o uso do corpo está socialmente determinado, a relação do físico torna-se principalmente estético, o corpo torna-se uma imagem: é um corpo representação” (COULOMB-GULLY, 2007, p.106).

A noção de encarnação é tomada no sentido mais abstrato de “representação simbólica” como um conjunto de valores que o candidato carrega, assim tornando “o corpo do político o primeiro operador de uma *mise en scène* figurativa integrando a aparência física em geral em relação ao espaço” (COULOMB-GULLY, 2007, p.107). Encarnar está além de ocupar um espaço, de falar daquele espaço ocupado, mas sim algo mais intenso. Encarnar é se transformar em uma personagem, é não só usar o terno rústico para parecer popular, mas sim conjugar todos os procedimentos discursivos de linguagem, vestimenta, gestualidade para ser, construindo uma verdade, o sujeito político que quer encarnar. Esse sujeito, tornando o dizer e o corpo significativos, constrói assim um discurso com efeito de verdade latente.

Portanto, “por ela ser uma mídia audiovisual, a televisão faz da encarnação, em sua dimensão física e figurativa, um dos primeiros dados da representação política, do poder de encarnação dos candidatos e, por conseguinte, dos argumentos em período eleitoral” (COULOMB-GULLY, 2007, p.147). A estetização do político faz lembrar que a relação com a coisa pública pode ser tomada a partir de uma dimensão afetiva com o respaldo da televisão e por meio da mídia é constitutiva do discurso político, assim pode ligar a relação estética ao sentimental. É a partir dessa relação que temos uma guinada na construção do político na televisão, é por ela, ligada às questões de sentido que a construção do sujeito político se pauta na emoção, no emotivo e também, na garantia da circulação de sua voz em âmbito privado.

---

<sup>37</sup> Texto original em francês : En effet, contrairement aux interactions antérieures qui relevaient d’un mode de présence réelle de l’acteur politique face à la foule, la télévision organise cette rencontre sur un mode fictif: si l’image entretient un rapport d’analogie avec son référent, elle n’en reste pas moins une image, “juste une image”, selon l’expression de J.L. Godard (COULOMB-GULLY, 2007, p. 98).

## 2.2 Dizeres sobre uma arquitetura, um rosto, uma silhueta e um verbo

### 2.2.1 Arquitetura dos debates

De acordo com a legislação eleitoral vigente, o debate é organizado pelos representantes dos candidatos e das emissoras de televisão que firmam protocolos específicos. Independentemente de quem o promove, todos os detalhes do debate são, a cada evento, discutidos e se transformam nas regras específicas para aquele debate. Havendo, assim, modificações na construção dos debates eleitorais.

Como lançaremos nosso olhar para diversos debates ocorridos em momentos diferentes, mobilizaremos as definições de Weber (2010) que classifica os debates em três tipos: convencionais, coloquiais e interativos os quais são subdivididos em onze modelos listados a seguir. Tal classificação tem efeito heurístico e se constitui como um procedimento de partida para a análise que será problematizada em nosso trabalho quando possivelmente propusermos alguns deslocamentos.

Segundo Weber (2010), os modelos de debate são:

- 1- Debate Convencional com Entrevistadores e Mediador: candidatos frente a frente, em pé numa tribuna, com um mediador no centro e jornalistas convidados do lado oposto a este;
- 2- Debate Convencional Simples: candidatos frente a frente, em pé numa tribuna, com um mediador central;
- 3- Debate Convencional Direto: candidatos frente a frente, em pé numa tribuna, o mediador não aparece;
- 4- Debate Convencional com Plateia-Cenário: candidatos em pé e com possibilidade de movimento em direção à plateia, tribuna de apoio com um mediador central e cenário;
- 5- Debate Convencional com Cenário: candidatos frente a frente, em pé numa tribuna, com um mediador central e cenário;
- 6- Debate Convencional com Plateia Passiva: candidatos em pé numa tribuna de frente para a plateia, mediador em um dos lados;

- 7- Debate Convencional com Mediador-Entrevistador: candidatos frente a frente, em pé numa tribuna, Mediador-Entrevistador no meio e sentado;
- 8- Debate Coloquial Simples: candidatos sentados junto a uma mesa/bancada e mediador no centro;
- 9- Debate Coloquial Complexo: candidatos sentados junto a uma mesa/bancada e mediador no centro;
- 10- Debate Interativo Simples: formato que permite deslocamentos e interações entre candidatos e mediadores;
- 11- Debate Interativo Complexo: formato que permite deslocamentos dos candidatos e interações/ perguntas enviadas por mídias diversas (feitas pelo mediador) e/ ou formuladas pela plateia.

Pautando-nos nas definições elencadas por Weber (2010), trataremos aqui mais fortemente do Debate Convencional com mediador e entrevistador e do Debate Interativo Complexo o qual surge nos anos 2000. No entanto, no Brasil, tradicionalmente, os debates de primeiro turno são construídos como “Debate Convencional com Cenário: candidatos frente a frente, em pé numa tribuna com um mediador central e cenário”, como no debate do primeiro turno de 2014 produzido pela rede Bandeirantes, ou “Debate Interativo Simples: formato que permite deslocamentos e interações entre candidatos e mediadores” como no debate de primeiro turno produzido pela rede Globo, para elucidarmos apenas o último pleito eleitoral.

O debate Interativo Complexo permite, na maior parte do tempo, o plano aberto e também permite a divisão de foco entre o candidato e o eleitor indeciso que compõe aquela *mise en scène*, promovendo, assim, diferentes construções e configurações da discursividade política e do sujeito político candidato, as quais serão delineadas no decorrer desse capítulo.

## 2.2.2 Do debate de 1989: tateamentos da marketização

Neste item, trataremos do debate de 1989 que se caracteriza por ser o primeiro pleito feito por voto direto para Presidente da República, depois da ditadura civil-militar. Nessa ocasião, havia múltiplos partidos, mais exatamente 34, dos quais 22 possuíam candidatos disputando o cargo para Presidente, fato que interferiu diretamente na construção dos debates daquele momento.

Assim, segundo Muller (S/D)<sup>38</sup>,

a ABERT, Associação Brasileira das Empresas de Rádio e Televisão, ciente da impossibilidade de realizar um debate com 22 candidatos, impetrou, junto ao Tribunal Superior Eleitoral, mandado de segurança em nome de suas associadas. Através do acórdão 10.871, aquele Eg. Tribunal decidiu que, em função da liberdade de informação, o debate poderia ser realizado, ainda que sem a presença de todos os candidatos.

Assim, tal debate foi construído a partir da transmissão feita por um “pool de imprensa” no qual quatro emissoras: Rede Globo, Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), Rede Manchete e Rede Bandeirantes se juntaram para transmitir o debate. Os mediadores eram jornalistas representantes de cada emissora que se revezavam pela ordem de aparição. Estiveram presentes os jornalistas Boris Casoy do SBT, Marília Gabriela da Bandeirantes, Eliakim Araújo da Manchete e Alexandre Garcia da Globo. Junto com os mediadores, estavam quatro jornalistas: Luiz Fernando Emediato do SBT, seguido por Joelmir Beting da Globo, Villas-Bôas Corrêa da Manchete, Fernando Mitre da Bandeirantes, participando de cada bloco e interrogando os candidatos. O debate foi dividido em quatro blocos e quatro temas, sendo o primeiro, economia; o segundo, questões sociais; o terceiro, justiça e democracia; e o quarto tema livre, contando com as perguntas feitas entre os candidatos que possuíam 2 minutos para responder às questões, 1 minuto de réplica e 1 minuto de tréplica.

Em 1989, momento da redemocratização brasileira, a organização do debate, construída tradicionalmente, como já dito, com os candidatos posicionados em suas tribunas,

---

<sup>38</sup>(MULLER, p.1) Disponível em: <[http://www.trerj.gov.br/eje/gecoi\\_arquivos/arq\\_050860.pdf](http://www.trerj.gov.br/eje/gecoi_arquivos/arq_050860.pdf)> Acesso em 10 de abril de 2016. Ainda segundo Muller, “2009, ocorreu a Reforma Eleitoral, efetivada através da edição da Lei 12.034. Sem alterar o caput, que continua assegurando nos debates apenas a presença dos candidatos com representação, a Lei 12.034/09 acrescentou os parágrafos quarto e quinto ao artigo 46 da Lei 9504, que passaram a permitir que o debate fosse realizado segundo regras estabelecidas em acordo celebrado entre o partido e a pessoa jurídica interessada em sua realização e que as regras para o mesmo poderiam ser aprovadas por 2/3 dos candidatos aptos, definidos pelo Eg. Tribunal Superior Eleitoral, como aquele (i) que esteja filiado a partido político com representação na Câmara dos Deputados e (ii) que tenha requerido o registro de sua candidatura. ”



com apenas meio corpo aparente e enquadramento de plano fechado<sup>39</sup>, produzia uma focalização do político e seu dizer. Ancorando-nos em Coulomb-Gully (2003), podemos afirmar que nesse momento, inicia-se, no Brasil, em debates eleitorais, o processo de significação do corpo do homem político e o encontro do candidato com a multidão mediado pela televisão que terá seu auge na campanha eleitoral de 2002.

Pautando-nos nas categorias elencadas por Weber (2010), o debate presidencial eleitoral, ocorrido em 14 de dezembro de 1989, é classificado como “Debate Convencional com Entrevistadores e Mediador: candidatos frente a frente, em pé numa tribuna com um mediador no centro e jornalistas convidados do lado oposto a este”, como na figura 1 abaixo.



Figura 1  
Debate presidencial eleitoral – 14/12/1989

Nesse pronunciamento de 1989, o processo de estetização já dava sinais. A imagem de Lula já elucida a construção de um corpo político, de um homem político candidato ao cargo mais alto do país. Naquele momento, não se produzia o efeito do candidato Lula como homem do povo, portando vestimentas que assim o identificava como jeans e camiseta que lhe era muito familiar, mas sim portava terno e gravata. A construção do homem político voltava-se para a modificação da vestimenta que se tornou formal e austera; no entanto, a barba não aparada e marcante foi mantida, o que contribuía na produção da associação do candidato como o sindicalista ainda distanciando-o da encarnação do modelo de candidato

---

<sup>39</sup> Adotamos apenas para descrição, as definições básicas de planos cinematográficos que são: plano aberto, médio e fechado.

branco de classe média, o que viria ocorrer posteriormente e a qual encarnação esta presente no candidato Fernando Collor. Nesse momento, a marketização também dava sinais, promovendo um candidato que encarnava o bom moço e que lutava contra os “marajás”, não existindo lugar para a emergência de uma *aproximação partidário-ideológica* com o apagamento de marcas das *formações discursivas*<sup>40</sup> opostas ali vigentes, já que não são apagadas as marcas de FDs, são apenas atenuadas no que se refere à formalidade da vestimenta.



Figura 2



Figura 3

Os candidatos posicionados em suas tribunas, com apenas meio corpo aparente e enquadramento de plano fechado promoviam uma focalização do político e seu dizer. Nas imagens, reproduzidas aqui, e por todo o debate, os candidatos apresentavam-se sob uma expressão endurecida, fechada ou exaltada e rubra marcando a força e agressividade que, naquele momento, ainda valorizavam a fala política, como vestígios dos discursos políticos anteriores à midiatização, os de palanque, e constituíam credibilidade. Os punhos cerrados, muito corriqueiros naquele momento, são mais uma marca de força e agressividade.

Podemos observar nos dizeres dos candidatos Lula e Collor, a manifestação das formas de polidez tradicionais, aquelas que competem à constituição e formalidade do gênero debate. Em relação à polidez, segundo Sargentini<sup>41</sup>, “é historicamente articulada ao processo discursivo de produção do discurso político que [...] assim como a civilidade, tem sua raiz no termo política. Ser polido é ser civilizado e vice-versa”.

No caso do enunciado proferido pelo candidato Collor logo no início do debate – “eu queria agradecer ao Pool de canal de televisão” – a polidez materializa-se por meio do

<sup>40</sup> Doravante, vez ou outra FD.

<sup>41</sup> Projeto “A polidez na política e a política da polidez: formas de polidez e de gentileza no funcionamento do discurso político” em fase de desenvolvimento.

agradecimento assim como no enunciado: “meu caro Boris” ao fazer referência ao jornalista. Em ambos os enunciados, há a manifestação das formas de polidez tradicionais. No primeiro, a forma polida materializa-se no cumprimento assim como em “o meu boa noite” e no agradecimento: “e os meus agradecimentos”. Tais formas de polidez não ultrapassavam os quesitos do gênero, eram apenas mobilizadas a acompanhar as exigências e formalidades que o debate demanda. Consideramos que, em 1989, não era a estratégia de docilização do candidato, de sua imagem e de sua voz que estavam em funcionamento no debate eleitoral.

Apoiando-nos na noção de condições de emergência do discurso, a partir de Foucault (2009) em *A ordem do discurso*, podemos dizer que esse discurso se inscreve em um dado momento que permitia sua emergência. Era o início da redemocratização, momento que cristalizava o retorno da fala pública. .

No Brasil, tínhamos dois candidatos que ocupavam lugares opostos e se inscreviam em diferentes *formações discursivas*, Lula inscrito na *FD de esquerda social* e Collor na *FD de centro democrático*, forma como era nomeado na ocasião. Naquele momento, tínhamos duas posições enunciativas diferentes, sendo os discursos dos candidatos perpassados por diferentes interdiscursos e marcados por formas cristalizadas, como demonstrado no decorrer das análises.

Voltando às relações teóricas que nos embasam permitindo assim nossas análises delinearíamos algumas categorias e definições.

Pêcheux (2009) irá considerar que a *formação discursiva* é a manifestação de uma determinada *formação ideológica* em uma dada situação enunciativa; assim, pensada por Pêcheux, é constituída pela égide da luta de classes, a partir da definição de Formação Ideológica que está imbricada com a noção de formação social que, por sua vez, é constituída

[...] por meio do modo de produção que a domina, da hierarquia das práticas das quais necessita esse modo de produção, dos aparelhos mediante os quais se realizam essas práticas, as posições que lhes correspondem, e as representações ideológico-teóricas e ideológico-políticas [...] (PÊCHEUX, 2011b, p. 72).

Advinda da consideração da formação social, a formação ideológica refere-se às posições de classe que se constituem pelo seu embate; desse modo, caracteriza-se por “um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ e nem ‘universais’, mas que se relacionam mais ou menos diretamente as posições de classes em conflito uma em relação às outras” (HAROCHE; PÊCHEUX; HENRY, 2007, p.102)

Amparado pela referência à luta de classes, Pêcheux et al (2007), então, define formação discursiva como um dos componentes da formação ideológica:

[...] uma ou várias formações discursivas interligadas, que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de um pronunciamento, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.) a partir de uma dada posição numa dada conjuntura: o ponto essencial aqui é que não se trata somente da natureza das palavras empregadas, mas também e, sobretudo das construções nas quais essas palavras se combinam “[...] as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam (PÊCHEUX, 2011b, p. 72).

Foucault (2009) define Formação Discursiva voltado para sua preocupação em compreender a arqueologia dos sistemas de saber. Para isso, parte da problematização da noção de enunciado para postular que:

No caso em que se puder descrever, entre um certo número de enunciados, semelhante sistema de dispersão, e no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações), diremos, por convenção, que se trata de uma formação discursiva – evitando, assim, palavras demasiado carregadas de condições e consequências, inadequadas, aliás, para designar semelhante dispersão, tais como “ciência”, ou “ideologia”, ou “teoria”, ou “domínio de objetividade” (FOUCAULT, 2009, p. 43).

Trata-se de um sistema de formação, “um feixe complexo de relações que funciona como regra” (FOUCAULT, 1969 apud COURTINE, 2009, p. 82) que aponta “o que pode e deve ser dito” por um sujeito falante a partir de um lugar determinado e em uma conjuntura no interior de uma FD “sob dependência do interdiscurso desta última” (COURTINE, 2009, p. 83).

Um sujeito enunciador, que enuncia de uma situação determinada, de um lugar definido por um sistema construído nas relações sociais, relaciona-se com um enunciado, que somente se configura como o mesmo se apresentar um “domínio associado” que consiste em uma “rede de formulações”. Tal domínio associado abarca as formulações intradiscursivas, as formulações que se reatualizam e as formulações consequentes, assim, o enunciado “entra, pois, em uma rede interdiscursiva de formulação” (COURTINE, 2009, p.90). O enunciado está, então, no interior do intradiscurso, em uma perspectiva horizontal, e compondo um interdiscurso de uma FD, em uma perspectiva vertical, e, além disso, apresenta uma existência material, distinta daquela da enunciação. Pode-se falar do mesmo enunciado, lá onde há várias enunciações distintas, já que a enunciação não se repete, cada enunciação proferida a cada

minuto diferente é distinta da anterior, uma vez que a enunciação é a “atividade de produção de um discurso por um sujeito enunciador em uma situação de enunciação” (COURTINE, 2009, p. 91).

A noção de formação discursiva e interdiscurso relacionam-se ao “espaço discursivo e ideológico onde se desenvolvem as formações discursivas em função das relações de dominação, de subordinação e de contradição” (SARGENTINI, 2006, p. 40). Podemos postular que o dizer do candidato Collor é atravessado pelo interdiscurso, ao ser perpassado, fortemente, pelo discurso religioso seja quando faz referência ao Natal no seguinte enunciado<sup>42</sup> – “*e as vésperas também, do Natal*” – ou quando, diretamente, Collor conclama a ajuda e o nome de Deus – “*que Deus haverá de nos ajudar*”. Seguindo a proposição de Courtine (2009), ao trazer Foucault (1989) para a Análise do Discurso, ele destaca que o enunciado se caracteriza por quatro propriedades: está ligado a um referencial, mantém com o sujeito uma relação determinada, tem um domínio associado e apresenta uma existência material distinta daquela da enunciação.

Os dois enunciados proferidos por Collor evocam a religião cristã, referencial que lhe dá condições de aparição em virtude dos eleitores/espectadores estarem inseridos em uma sociedade ocidental, no século XX e no Brasil, marcada pela forte presença da Igreja Católica e seu alto número de seguidores. Com isso, pode atribuir ao seu oponente o discurso de não cristão, da não manutenção do *status quo*, produzindo o efeito de sentido de insegurança no eleitor que não votar na defesa dessa posição enunciativa conservadora. O enunciado comporta também uma materialidade repetível e está inscrito em uma determinada rede de formulações (COURTINE, 2009). Nesse caso, o enunciado “*Que Deus haverá de nos ajudar*” da fala de Collor transcrita abaixo, está instalado em uma rede discursiva que se alimenta da fé cristã. É também essa ocorrência do discurso religioso mediante suas redes de memórias assim mobilizadas que atestam a inscrição do candidato na *FD* – denominada *centro democrática*.

---

<sup>42</sup> A fala de apresentação (ou primeira fala) do candidato Collor no debate está transcrita integralmente nas páginas seguintes, os enunciados que foram recortados e trazidos para as análises estão em destaque.

Enunciado 1<sup>43</sup> - Collor<sup>44</sup>: Inicialmente, o meu boa noite, e os meus agradecimentos pela oportunidade de mais uma vez poder participar de um **debate as vésperas de uma eleição presidencial, e as vésperas também, do Natal.** Daqui há dez dias estaremos **comemorando o nascimento de Cristo, nascimento de Cristo, dia que marca o recolhimento cristão de toda a família brasileira, de toda família que crê, acredita e tem fé, que Deus haverá de nos ajudar, também, e sobretudo, a nós sairmos dessa crise em que nos encontramos.** Daqui há três dias, também, nós estaremos escolhendo o novo presidente da república e essa pergunta vem bem a calhar. Porque não há como se discutir entre os candidatos as suas propostas para a saúde, para a educação sem que antes nos posicionemos de uma forma muito clara as grandes diferenças, as fundamentais diferenças que existem, entre uma candidatura e outra. De um lado, está a candidatura do centro democrático, por mim representado, do outro lado, está uma candidatura que espousa teses estranhas ao nosso meio teses marxistas, teses estatizantes, teses que não primam pelos princípios democráticos consagradas na nova carta constitucional, até porque, o partido daquele que é meu adversário se negou a assinar, ou não assinar, mas votou contra o texto constitucional. O que nós estamos vendo no Leste Europeu é a demonstração clara, é a demonstração nítida de que os princípios democráticos devem ser preservados e devem ser perseguidos. Durante trinta dias, eles levaram para erguer o muro de Berlim e nós precisamos de trinta anos para derrubá-lo, derrubamos essas teses atrasadas, arcaicas que não dizem respeito ao nosso dia a dia, essas teses que são contra a livre iniciativa que são contra a liberdade e que sufocam, que oprimem o povo. Lá, no Leste Europeu, não havia liberdade, não há liberdade de imprensa, não há livre iniciativa, há sim a presença do Estado enorme, maciço, corrupto interventor, lá não há liberdade de se comprar aquilo que se deseja, lá não há liberdade de salário, lá não há competição, lá não há eficiência, lá não há felicidade. Este outro lado é o que eu **combato** porque acredito firmemente que é possível nós construirmos uma sociedade democrática, mas uma sociedade democrática com absoluta liberdade, com meios perfeitamente compatíveis com que quer a nossa constituição e sem utilizarmos da **luta armada**, da intolerância, da baderna, da bagunça, do caos, do desrespeito mais absoluto como querem aqueles que se contrapõe a nossa proposta. Eu acredito que o senhor Gorbachev com a sua Perestroika ele deu uma grande demonstração que o nosso caminho é o caminho correto (...)

---

<sup>43</sup> A numeração refere-se ao recorte trazido para análise; portanto, a indicação numérica não corresponde a sequência de enunciados e momentos de fala proferidos pelo(s) candidato(s) e jornalista(s) no debate.

<sup>44</sup>Primeira resposta do candidato Collor para o jornalista e mediador Boris Casoy

Enunciado 2 - Collor<sup>45</sup>: Paraná que tem muitos nordestinos e que recebeu do presidente do PT, lá no Paraná, os nordestinos, a seguinte frase: “O Nordeste já é uma espécie de gueto aonde vivem hoje mais de trinta milhões de pessoas praticamente inúteis para o resto do país” (...) É por isso que esse senhor Pedro, que pessoas sofridas como ele, acreditam nas nossas propostas e na minha mensagem porque minha mensagem tem somente uma cara, tem somente uma face, tem somente um compromisso que é sobretudo ajudar a parcela mais sofrida da população brasileira. Eu não tenho compromissos com segmentos não vendo nem entrego meu programa, porque esse programa foi feito pela sociedade brasileira não me pertence mais e ela aprovou esse programa por 20 milhões de eleitores (...) é por isso que o seu Pedro e pessoas como ele, humildes e **tementes a Deus** (...).

As inscrições em formações discursivas opostas, também estão marcadas no léxico, até mesmo pela mobilização de termos que fazem referência direta ao posicionamento ideológico que opõe os dois candidatos, aos quais são atribuídas identificações ou com os ideais trabalhistas de defesa do trabalhador ou com o os ideais dos princípios democráticos, ambos marcados e postulados pelos candidatos ali inscritos como exemplificado abaixo:

Enunciado 3<sup>46</sup> - Lula: Eu vou mostrar o livrinho outra vez, o livrinho que eu ajudei a construir, embora tenha tido a dignidade e a decência de dizer na tribuna da câmara que assinaria, mas votaria contra isso aqui, **porque entendíamos que ainda não estava contemplado os interesses maiores do conjunto da classe trabalhadora brasileira, mas apenas em parte porque as grandes conquistas que os trabalhadores tiveram na constituição ficou para ser regulamentada e nós vamos ter um longo período de convencimento do parlamento para regulamentar a constituição.** E é lógico que nós temos clarezas de que fizemos pouca promessa nessa campanha eleitoral. O meu adversário fez promessas, o meu adversário tentou utilizar o povo como massa de manobra, tentou contar inverdades, como agora no inciso da sua fala, dizendo que o PT é um partido marxista quando não existe nenhum documento do PT, oficial, de congresso, que coloca o PT na linha marxista. Mas nós vamos brigar para que seja cumprida

---

<sup>45</sup> Resposta do candidato Collor para o jornalista Fernando Mitre que proferiu a questão aqui ilustrada. “O senhor Pedro Manuel do Rosário é um brasileiro de 52 anos (...) e mora numa casa muito humilde (...) no interior do Paraná. Ele disse, isto está numa das revistas semanais brasileiras recentemente, que vai voltar no Fernando Collor porque na primeira semana de governo “Ele vai mudar a nossa vida”. (...) O senhor não teme, se eleito, uma fase, logo no primeiro ano de governo, de uma descrença muito grande com uma frustração profunda e até perigosa podendo contribuir para algo semelhante a uma desagregação social no país?”

Trecho da resposta de Fernando Collor- “(...) Paraná que tem muitos nordestinos e que recebeu do presidente do PT, lá no Paraná, os nordestinos, a seguinte frase: “O Nordeste já é uma espécie de gueto aonde vivem hoje mais de trinta milhões de pessoas praticamente inúteis para o resto do país” (...) É por isso que esse senhor Pedro, que pessoas sofridas como ele, acreditam nas nossas propostas e na minha mensagem (...)”

<sup>46</sup> Resposta do candidato Lula ao jornalista Luis Fernando Emediato sobre o projeto econômico, social e político do PT.

esta constituição e pra defendê-la nós usaremos todos os instrumentos que o Estado dispõe para que a gente permita que a sociedade brasileira alcance o que foi aprovado aqui e promulgado no dia 5 de outubro de 1988.

Collor: De um lado está a candidatura do centro democrático, por mim representado (...)

No entanto, a atribuição dada pelo candidato opositor tende a desqualificar as inscrições quando o candidato Collor, por exemplo, atribui ao candidato Lula “ser marxista”, abraçar uma ideologia totalitária e defender os símbolos comunistas. Enquanto Lula, sobre suas ações, diz que irá discutir com o Congresso, quer um congresso forte e se desvincula da atribuição diretamente. Com isso, ele afasta de si qualquer ideologia totalitária, constantemente desconstruindo o dizer do outro.

Enunciado 5 - Collor: O candidato adversário defende uma tese exatamente contrária ao seu programa, contrária à ideologia totalitária, **a ideologia totalitária** prescindem do legislativo, (...) eles estão lá em todos os países que abraçam essa mesma **causa marxista, da bandeira vermelha, da foice e do martelo.**

Enunciado 6 - Lula<sup>47</sup>: A constituição, ela é uma constituição quase que parlamentarista pra funcionar corretamente vai ter que ter um presidente capaz para discutir com o congresso nacional (...). Eu acredito piamente, Vilas-Boas, que não há dificuldade nenhuma em lidar com o congresso nacional (...) acho que um congresso tem que ser forte (...) **e eu quero um congresso forte, porque quanto mais forte for o congresso menos erro comete o presidente da república.**

Ainda no enunciado 7 a seguir, o termo luta (em destaque) é empregado pelo candidato do PT, forma muito cara aos movimentos sindicais de esquerda, havendo a recorrência do emprego direcionado a favor do socialismo, marcando, mais uma vez, a inscrição na formação discursiva de esquerda. Já o candidato do PRN emprega, no enunciado 1 acima, o termo com direcionamento contrário, associado a armada (em negrito) o que marcaria sua inscrição na formação discursiva de direita, da mesma maneira com o termo combate (em negrito).

---

<sup>47</sup>Resposta do candidato Lula ao jornalista Vilas-Boas Correa sobre o relacionamento e a liberdade de imprensa



Enunciado 7 – Lula: Eu acho que há uma razão de ser, da luta no Leste Europeu (...) mas é preciso lutar por um socialismo democrático.

Nesse debate de 1989, acerca das questões feitas por jornalistas, destacamos a seguinte pergunta do jornalista Boris Casoy:

Enunciado 8 – Boris Casoy<sup>48</sup>: Os países comunistas atravessam grandes transformações sob o aspecto político e econômico estão optando pelo caminho da Liberdade política, maioria deles, e pela eficiência do mercado na econômica, inclusive no que diz respeito a salários o que mostra no estado empresário está falindo naqueles países. Pediria aos senhores que se posicionassem, dessem a sua opinião sobre as transformações no mundo comunista sob o aspecto econômico e de que maneira esses fatos, essas transformações podem ser aproveitadas no Brasil como **lição**.

Apresentamos a seguir a resposta do candidato Lula a essa questão e chamamos especial atenção para a sequência discursiva: “X pode ser aproveitado como lição” que permite dois posicionamentos ideológicos diferentes.

Enunciado 9 – Lula<sup>49</sup>: Em primeiro lugar, eu queria agradecer ao Pool de canal de televisão por mais esse debate e por mais essa oportunidade dos candidatos poderem provar que é possível, num debate como esse, tentarmos elevar o nível de consciência política do nosso povo. E em segundo lugar, meu caro Boris, eu acho muito difícil, muito complicado eu tentar comparar o que está acontecendo no Leste Europeu com o que acontece no Brasil e com o que precisa acontecer no Brasil (...). É preciso saber, de antemão, que desde 1980, portanto, já há dez anos atrás, e quando foi fundado o partido dos trabalhadores, ele foi fundado na base da liberdade política, na base da liberdade de autonomia sindical, na base do pluralismo político, nós sempre entendíamos que não haveria socialismo possível se não houvesse uma sociedade democrática, se não houvesse vários partidos políticos. Eu acho que há uma razão de ser, da luta no Leste Europeu acredito piamente que um conjunto da sociedade tem razão porque o Estado não pode, efetivamente, estar tendo ingerência em toda a atividade da economia, o Estado precisa ter ingerência nos setores considerados estratégicos da economia, nos setores considerados essenciais da população e permitir que a própria sociedade crie mecanismos para se auto financiar, se auto determinar, a nível de conquistas, a nível de investimentos, a nível de inovações tecnológicas, a nível de inovações de investimentos. **Eu acredito que o que está acontecendo no Leste Europeu, e que começou em 1980 com a criação do sindicato Solidariedade é um exemplo concreto ao mundo, é um exemplo para a América Latina, é um exemplo pro**

---

<sup>48</sup>Primeira questão do debate proferida pelo mediador Boris Casoy.

<sup>49</sup>Primeira resposta do candidato Lula.

**terceiro mundo de que é preciso continuar lutando pelo socialismo, mas é preciso lutar por um socialismo democrático, por um socialismo pluralista, por um socialismo que não negue a necessidade da liberdade, da autonomia sindical, a necessidade do direito de greve, a necessidade da classe trabalhadora de se organizar livremente no local de trabalho.** Essa briga foi a briga que fez com que o PT nascesse, essa briga foi que fez com que nós criássemos um sindicalismo combativo no Brasil, essa briga foi com que serviu para acontecer e para surgir a CUT no Brasil, daí porque a minha tranquilidade e a minha solidariedade com que esta acontecendo no Leste Europeu, da mesma forma que os alemães derrubaram o muro da vergonha que era o muro de Berlim nós vamos nos eleger dia 17 e vamos derrubar o muro da vergonha do Brasil que é a fome que campeia na casa de cada brasileiro.

Observamos que na resposta do candidato Lula, enunciado 9 acima, o argumento (destacado em negrito) encaminha para a afirmação: X pode ser aproveitado como " uma vez que se torna um exemplo a ser seguido na América Latina. Já a resposta de Collor (enunciado 10) está pautada em um argumento em oposição: “X pode ser aproveitado como lição” uma vez que é um exemplo de opressão do povo.

Enunciado 10 – Collor<sup>50</sup>: uma vez que o que nós estamos vendo no Leste Europeu é a demonstração clara, é a demonstração nítida de que os princípios democráticos devem ser preservados e devem ser perseguidos (...).Lá, no Leste Europeu, não havia liberdade, não há liberdade de imprensa, não há livre iniciativa, há sim a presença do Estado enorme, maciço, corrupto interventor, lá não há liberdade de se comprar aquilo que se deseja, lá não há liberdade de salário, lá não há competição, lá não há eficiência, lá não há felicidade.

Mesmo tendo “sim” como resposta, os encaminhamentos são antagônicos. Segundo Courtine (2009, p.96): “A definição do enunciado não é, pois, fixada; essa indecisão deve ser relacionada à concepção descrita anteriormente, de uma posição de sujeito como forma vazia, indiferentemente preenchida por locutores intercambiáveis. ”

Collor ao fazer referência a Lula mobiliza o termo *adversário*, evidenciando assim o embate. Não há a referência aos nomes dos candidatos os quais são substituídos por *adversário*, pelo pronome *ele* ou o *outro candidato*, demonstrando o afastamento e o antagonismo dos candidatos. Novamente temos encaixamentos diversos que nos demonstram o afastamento dos candidatos afirmando a *estratégia de afastamento partidário/ideológico*

---

<sup>50</sup> Ainda a primeira resposta do candidato Collor.

por meio da sentença: *É preciso para X* que permite dois posicionamentos ideológicos em oposição.

**É preciso para ser uma sociedade democrática:** levar comida à mesa do povo e isso, levar à mesa a comida, para que todos se alimentem bem e convenientemente não se pode fazer invadindo as terras produtivas:

Enunciado 11 – Collor<sup>51</sup>: O que nós precisamos, minha gente é construir uma sociedade democrática, **levar comida a mesa do povo e isso, levar a mesa a comida, para que todos se alimentem bem e convenientemente não se pode fazer invadindo as terras produtivas** que estão produzindo, mal ou bem, com produtividade ou não, mas os alimentos que servem para chegar a mesa do trabalhador, e também, para conseguir lá fora os dólares, via exportação, de que nós precisamos para financiar nosso desenvolvimento.

**É preciso, para ser uma sociedade democrática:** levar comida a mesa do povo invadindo terras produtivas:

Enunciado 12 – Lula: Eu tenho consciência absoluta de que é preciso para que se faça uma política de distribuição de renda correta, para que possamos recuperar o poder aquisitivo que o salário mínimo tinha em 1959, e faço questão de reiterar, que 1959 o salário mínimo permitia se comprar 94kg de carne e que hoje o salário mínimo permite se comprar, apenas 24 kg de carne. Que uma dona de casa que saia para uma feira, para um supermercado com salário mínimo naquela época, ela trazia alimento para comer o mês inteiro e que hoje, ela não traz para comer uma semana. E, obviamente, que nós temos clareza que para recuperar o poder aquisitivo da classe trabalhadora é preciso que a gente aumente o crescimento do PIB nesse país, consequentemente é preciso que se aumentem os investimentos nesse país, mas sobretudo, é preciso que mude a cabeça do nosso empresariado. Eu disse já aqui, você já ouviu Emediato que o empresariado brasileiro, uma parte dele, ainda não chegou na Revolução Francesa que já completou 200 anos. É preciso que os empresários compreendam que cada capital, cada cruzado aplicado, não pode ser recuperado no mesmo dia, tem que ter uma recuperação a médio e a longo prazo, e que é preciso uma parte do lucro seja revertido em salário para que o trabalhador possa comprar aquilo que ele próprio produz. É por isso que eu digo sempre, é preciso que o rico ganhe menos para que o trabalhador possa ganhar mais [Resposta do candidato Lula ao jornalista Luís Fernando Emediato].

---

<sup>51</sup> Trecho da resposta do candidato Collor para o jornalista Fernando Mitre

Em relação aos posicionamentos é a primeira pessoa do singular que aparece (*eu acho, acredito*), no entanto, ao final, quando se referem ao governo, mobilizam um *nós* e a terceira pessoa do plural, demonstrando a existência de um grupo de governo, não dando ênfase a um sujeito político individualizado. Há também uma grande incidência de anáforas no processo de referenciamento como no trecho abaixo:

Enunciado 13 - Collor: **O outro candidato** não respondeu a pergunta, fugiu da pergunta, naturalmente porque ele não pode se explicar diante do que lhe foi perguntado. **Ele defende abertamente a luta armada, ele defende a invasão de terra produtiva ou não, ele defende a invasão de casas de apartamentos, ele defende a intransigência nas questões programáticas hoje de nosso país, ele defende somente as suas teses**, todos aqueles que forem contra as suas teses devem ser condenados e nós vimos isso no decorrer de toda esta campanha eleitoral pela intolerância que foi manifestada pelos militantes do partido que se opõe a mim. Fundamentalmente, ele diz que o partido não é marxista, mas em todas as cerimônias do partido, eles, ao final, não cantam o hino nacional, cantam a internacional socialista que é o hino marxista, conforme a própria Folha de São Paulo divulga num episódio que houve aqui há poucos dias no Pacaembu<sup>52</sup>.

Ao utilizar o nome do candidato de oposição, há um processo de evidência daquele sujeito, trazendo-o para o discurso, assim, justifica-se que haja um apagamento do nome do candidato de oposição para não inseri-lo naquele dizer, obscurecendo-o. O recurso da repetição sintática cria um efeito de sentido de acúmulo que, no caso, reúne uma soma de argumentos que desqualificam o candidato opositor. Nesse debate, é marcado fortemente o antagonismo existente entre os dois candidatos, que caracterizam o funcionamento de uma *estratégia de agressividade*.

O “falar forte” que, segundo Charaudeau (2006, p.171), “evoca um imaginário de potência” corrobora com aquilo que se “encarna”, o político forte, potente, enérgico, nas palavras do próprio candidato Collor “de saco roxo”. O líder político capaz de combater os problemas e de encarar as mazelas com a força de seu dizer e de seus cerrados punhos.

---

<sup>52</sup>Parte do comentário do candidato Fernando Collor referente à questão feita pelo jornalista Luis Fernando Emediato do SBT ao candidato Lula que versava sobre o programa de governo do Partido dos Trabalhadores e sobre a inscrição do partido no socialismo, insinuando que o candidato Lula pegaria em armas para manter suas convicções socialistas. Não nos é pertinente a análise da questão, pois ela não faz parte de nosso *corpus*, no entanto, é necessário pontuar que os jornalistas que ali estavam ocupavam todos o mesmo lugar, o lugar da mídia televisiva que como um todo, se afastava das ideias socialistas que, naquele momento, pautavam a esquerda brasileira.

Devemos aqui distinguir que a fala forte não se apresenta no âmbito da *estratégia de agressividade*, tratando-se somente de uma condição enérgica daquele locutor. No entanto, é o falar exaltado que é acompanhado dos rostos enrubescidos, testas enrugadas (como ilustram as figuras 4 e 5 abaixo), vozes em tom mais altos, e não somente fortes, punhos cerrados e dedo em riste que materializam, assim, no corpo a *estratégia de agressividade* tão latente nesse debate.



Figura 4



Figura 5



Figura 6

Há também mobilização de enunciados cristalizados no meio político (**mamando nas tetas do**) como sendo de ataque ao opositor que fizeram e ainda fazem parte do discurso político, de enunciados que promovem a descredibilidade do outro como em:

Enunciado 14 - Collor: (...) portanto eu que já fui prefeito, já fui governador do estado portanto, tenho experiência administrativa coisa que meu adversário não tem. Ele dirigiu um sindicato, sindicato importante, é verdade, mas talvez **não saiba a diferença de uma fatura e uma duplicata.**

Juntamente com termos de ofensa e usando a ironia:

Enunciado 15 - Lula: (...) mas me parece que ele está disposto **a virar o Pinóquio** nessas eleições. Porque não é o Lula que invadiu terreno, a imprensa divulgou essa semana que meu adversário (...) invadiu 4 mil metros do Distrito Federal, do governo do distrito federal, para aumentar a sua residência (...).

Enunciado 16 - Collor: Aquele codinome de **Pinóquio** que o deputado tenta colocar no programa, no partido, eu acho que cabe muito bem a ele , ele que é um grande **Pinóquio até porque eu sabia que o Pinóquio pelo menos lia, eu não sei se ele sabe ler.** A grande realidade é que essa questão do gabinete (...) [Trecho da resposta a pergunta sobre previdência proferida pelo Jornalista Joelmir Beting].

Enunciado 17 - Collor: Bom, o candidato, meu adversário, ele tem uma boa experiência em relação à questão habitacional, afinal de contas, desde 78 sem dar um murro numa broa, sem bater um prego num pedaço de madeira porque não trabalha desde 78, conseguiu hoje chegar a um salário de 200 mil cruzados por mês, é o que ele ganha, (...) morar num apartamento gratuito, em Brasília de 350 m quadrados ter construído uma casa, como ele colocou, uma casa bonita, eu vi pela televisão, inclusive com aparelhagem ultramodernas e sofisticadas de som que na minha casa eu não tive ainda a oportunidade de ter, ele conhece bem esse problema habitacional [<sup>1</sup> Comentário do candidato Collor a questão feita pelo jornalista Fernando Mitre sobre habitação].

Atribuir ao outro a mentira é uma estratégia do discurso político. Em um debate a troca de acusações elevam o tom agressivo, trazendo esta aresta que compõe a discursividade política eleitoral, ao limite. Ainda sobre os tais enunciados cristalizados (**mamando nas testas**) a partir da mobilização da expressão base temos dois encaixamentos enunciativos como no Enunciado 18 abaixo **mamando nas tetas do governo** e no Enunciado 19 abaixo **mamando nas tetas do regime militar.**

Cada enunciador atribui ao outro as benesses, desqualificando o oponente por aceitar receber vantagens não advindas de suposto mérito próprio.

Enunciado 18 - Collor: O PT se negou a assinar, o PT não quis assinar isso, porque ele quer que os seus deputados continuem **mamando nas tetas do governo** tendo esse enorme mordomia que ofende o trabalhador [Trecho da resposta do candidato Collor dada ao candidato Lula. Bloco do debate com perguntas feitas entre os candidatos].

Enunciado 19 – Lula: Esse cidadão que é candidato e que está falando com você (...) quando meu adversário que, **mamando nas tetas do regime militar**, que recebia a prefeitura de Maceió de presente do Regime Militar (...) quando esse candidato recebia todas as benesses do regime militar este candidato já defendia em um congresso de trabalhadores [Réplica do candidato Lula a questão feita pelo jornalista Fernando Mitre sobre habitação]

Ainda sobre o afastamento, o candidato Fernando Collor marcando mais ainda a oposição ao candidato Luís Ignácio Lula da Silva em resposta ao jornalista Luís Fernando Emediato, no momento em que câmera o focaliza, leva as mãos ao rosto (figura 7) em um gesto historicamente atribuído à erudição, ao pensador; assim, fortalece uma posição de erudição na qual o candidato pretendia se inscrever e, distancia-se de Lula, que se inscrevia mais próximo a população, marcando assim a *estratégia de afastamento partidário/ideológico*.

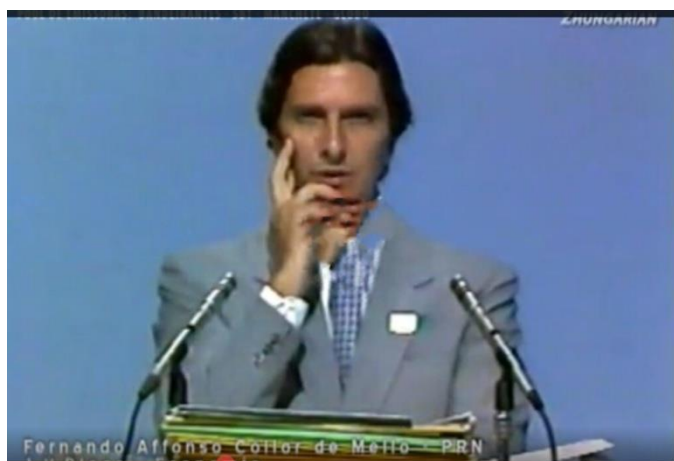


Figura 7

Por fim, em 1989 temos um debate construído no estilo Debate convencional com Mediador e Entrevistadores (Weber, 2010) no qual temos a predominância de duas estratégias a de agressividade e a de afastamento.

Sendo 1989 o momento no qual se instaurava uma nova democracia e, também, o momento no qual se dissipava a Guerra fria e sua bipolarização do mundo, tínhamos, ainda, fortemente marcado a diferença ideológica na política brasileira.

Aqui pela materialidade linguística e pela significação do corpo político podemos atestar tal distanciamento na medida em que as estratégias elencadas demonstram os movimentos daquela discursividade e daqueles sujeitos políticos em campanha eleitoral.

Portanto, a *estratégia de agressividade* juntamente com a *estratégia de afastamento partidário/ideológico* demonstram, para além do tom, o funcionamento do debate eleitoral do segundo turno do pleito eleitoral presidencial de 1989.

No ponto a seguir trataremos do início dos anos 2000. Como já pontuado anteriormente, seguiremos para os anos 2000, pois as eleições de 1994 e 1998 não tiveram segundo turno. Tal salto não nos é prejudicial na medida em que 1989 se constitui como um ponto de partida para abordarmos o discurso político eleitoral contemporâneo e os anos 2000 se constituem como a cristalização do que será tal discursividade política eleitoral em debate.



## 2.2.3 Do debate de 2002: a docilização como estratégia



Figura 8



Figura 9

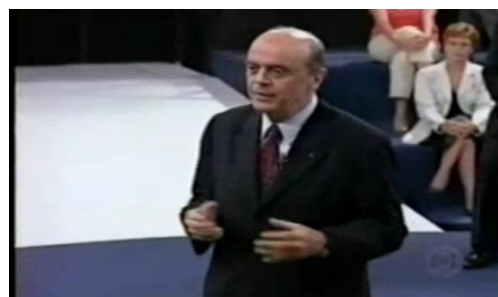


Figura 10

O debate ocorrido no dia 25 de outubro de 2002 inaugura um novo modelo, inspirado nos norte americanos, denominado *town-hall meeting*<sup>53</sup>, ou seja, um encontro de comunidade que preconiza maior informalidade. Dessa maneira, pautando-nos nas categorias elencadas por Weber (2010), o debate de 2002 se encaixa na definição de *Debate interativo complexo* que permite o deslocamento dos candidatos e a interação com o público no estúdio<sup>54</sup>.

<sup>53</sup> Do debate americano, três coisas foram aproveitadas: a arena, a possibilidade dos candidatos se movimentarem livremente e a plateia que fazia perguntas. “Mas a gente tropicalizou tudo aqui. Tivemos a ideia de pôr na plateia eleitores indecisos, escolhidos pelo Ibope, com auditoria da Price Waterhouse Coopers”, conta Schroder. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2002/um-debate-diferente.htm>>. Acesso em 30 abril 2016.

<sup>54</sup> O debate – exibido ao vivo, com aproximadamente duas horas de duração – foi dividido em cinco blocos. Nos quatro primeiros, Lula e Serra responderam juntos a um total de 16 perguntas sobre temas considerados pela emissora como de interesse da população, e, no último bloco, cada participante teve dois minutos para fazer suas considerações finais. Não houve pergunta de candidato para candidato – as próprias respostas eram usadas para provocar a reação do adversário. Bonner foi novamente o mediador e, assim como na primeira vez, fez perguntas complementares sempre que julgou necessário. Como previsto, os dois candidatos se movimentaram livremente pela arena e seus movimentos eram captados por várias câmeras. Assim, segundo avaliação da emissora,

A construção do debate se dá dentro de uma arena, pois os candidatos José Serra (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) caminham livremente por espaço circular rodeado por arquibancas ou bancos para os espectadores/eleitores, ambiente que lembra apresentações musicais, teatrais ou eventos esportivos; além disso, os candidatos também podem explorar um púlpito e uma cadeira de apoio. Os candidatos são interpelados pelos eleitores, há na plateia cinquenta e três eleitores indecisos, a ordem para a resposta dos candidatos é dada a partir de sorteio, assim como, a ordem dos eleitores questionadores juntamente com o tema. O debate é dividido em cinco blocos, nos quatro primeiros são feitas, pelos eleitores indecisos presentes, dezesseis questões e o último bloco é destinado às considerações finais. Os temas abordados nas questões foram: habitação, previdência, saúde, programas sociais, aplicação financeira, favela, tráfico de drogas, salário mínimo, criminalidade, impostos, dólar, meio ambiente, transporte urbano, inflação, desemprego e qualidade das escolas. O tempo de resposta dos candidatos era curto tendo os candidatos dois minutos para a resposta, um minuto para a réplica e outro para a tréplica, a questão proferida pelo jornalista Willian Bonner, mediador do debate, podia ser respondida em 45 segundos, devido ao tempo muito exíguo, repetidas vezes os candidatos não finalizavam as respostas e eram cortados pelo mediador.

O debate de 2002, estruturado a partir do estilo norte-americano, traz uma *mise en scène* diferente, isto porque os candidatos encontram-se no mesmo plano/nível espacial que os eleitores, assim também se dá a focalização dos candidatos que são enquadrados juntos com os eleitores como plano de fundo, não aparecem sozinhos como um pano de fundo neutro, os eleitores se fazem presentes. Ao mediador é permitido fazer questões, para assim esclarecer alguns temas apenas. A divisão, enquadramento entre candidatos e eleitores e a utilização de plano médio, na maioria do tempo de debate, retira o foco do candidato, aproximando, assim, o político com o eleitor, demonstrando a “intimidade distante” (COULOMB-GULLY, 2003).

A constituição do debate de 2002, que preconiza menos formalidade e maior intimidade entre o candidato e o eleitor, é uma forte característica do discurso político atual no qual “o homem público se dirige diretamente a cada um, sob a forma de conversação privada” (COURTINE, 2006, p.133).

O ano de 2002, um marco da utilização do marketing no discurso político, indica mudanças singulares como a valorização da estetização, os candidatos passam a se preocupar

---

enquanto Serra falava, Lula poderia se aproximar bem dele para encará-lo ou vice-versa. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-2002/um-debate-diferente.htm>>. Acesso em 30 abril 2016.

em produzir mudanças visuais para atingir a suposta boa imagem. Haja vista José Serra, primeira vez candidato à presidência, que nutre um semblante de homem equilibrado, percepção que é intensificada pela voz pausada e em tom médio. O candidato do PT, por sua vez, ressurgiu de barba mais curta, o que lhe confere semblante mais leve, uma expressão aberta e muitas vezes esboça um leve sorriso, deixa-se prioritariamente ver como político candidato à presidência e apaga o sindicalista de olhar intransitável, de fala desafiadora, de traços marcantes do trabalhador que outrora existiu. Segundo Piovezani (2009, p.312),

a indignação e até mesmo a ira do sindicalista, de cabelos mal alinhados e de barba densa mal aparada, expressas em vociferações exaltadas, foi substituída por uma serenidade e uma simpatia que fizeram de Lula um sujeito carismático e cativante. Agora, ele tem cabelos e barba grisalhos e bem feitos, seus dentes foram limados, ele usa ternos que lhe caem bem, possui uma expressão aberta e sorridente.

Ambos os candidatos usam ternos escuros e austeros e focalizam a marca partidária no broche preso na lapela. A gestualidade contribui com a leveza da feição, as mãos marcadamente abertas (figura 11) e, quando fechadas, não estão cerradas, mas sim fechadas de maneira mais leve, nutrindo o processo de docilização, juntamente com o “falar tranquilo, o qual se aproxima da conversação familiar (CHARAUDEAU, 2006) que encontra moradia definitiva em 2010.



Figura 11  
Serra proferindo sua resposta e Lula observando e aguardando sua vez

Os dois enunciados a seguir representam o tom desse debate que foi permeado de dados, números, explicações econômicas didatizadas o que pode produzir um efeito de

sentido de credibilidade, exposição de características intrínsecas ao discurso político, que chamamos aqui de *estratégias intrínsecas*, juntamente com o movimento do *eu* (candidato) e do *nós* (governo). Nesse momento, a incidência da nominalização (o governo, o estado) ou até mesmo a referência temporal (últimos 8 anos) vela o agente da ação, tornando-se uma forma polida e docilizada de embate como no trecho a seguir.

Enunciado 20 - José Serra: Em primeiro lugar, queria dar boa noite a todos e a todas que estão nos assistindo, agradecer a rede globo pela promoção desse debate que eu tanto queria, debate muito importante pra gente confrontar posições, fazer comparações, ter mais claros os caminhos que se apresentam pro Brasil. E, queria agradecer a pergunta que me parece bastante oportuna. A questão fundamental da casa própria no Brasil ela não pode ser encarada pra todo mundo da mesma maneira, tem gente que tem dinheiro pra poder pegar um financiamento, tem gente que não tem dinheiro. Nesse caso, o poder público, e me refiro ao federal, o estadual e o municipal, tem que entrar no assunto, tem que ter subsídio e nós pretendemos fazer isso em nosso programa de habitação para o Brasil, recursos federais, recursos dos estados e recursos dos municípios junto com financiamento do fundo de garantia do tempo de serviço e, eventualmente, da caderneta de poupança para as famílias de baixa renda, não dá pelo lado de poupança, mas dá pelo lado do fundo de garantia que o juro é menor e se você tiver um subsidio governamental você alivia bastante a situação. E, nós pretendemos no Brasil fazer com que seja **construída por ano 500 mil novas casas, 200 mil a mais do que hoje tem sido feito, 200 mil a mais, é... mobilizando esses recursos todos que eu disse.** E, especialmente, no que se refere à população do campo, nós pretendemos fazer um programa diferente, que é a Vila Rural, pra que a pessoa invés que ir pra cidade, congestionar mais cidades, possa ficar morando no campo, com terreno de 5 mil metros quadrados no fundo onde, inclusive, poderá fazer a sua subsistência. Este é um programa crucial pra a gente poder ter a população no campo vivendo melhor sem congestionar a cidade [Primeira resposta do candidato José Serra dada ao eleitor indeciso presente na plateia que fez uma questão sobre o tema habitação].

Enunciado 21 - Lula: Eu queria até falar diretamente pra a Adélia, também. **Porque de 1995, Adélia, a 1998 no Brasil foram construídas quatro milhões e quatrocentas mil casas, dessas o governo só financiou setecentas mil, três milhões e setecentas** foram feitas pelo próprio povo, do jeito que você sabe que o povo faz, faz um quarto a cozinha entra dentro. O que precisa, definitivamente, é o governo entender que nós só vamos vencer o **déficit habitacional de 6 milhões e meio de casas se o governo investir o dinheiro do fundo de garantia que são 4 bilhões e meio de dólares, de reais que tem pra isso. Além do que, alguns Estados, como São Paulo, já**

**tem há muito tempo um por cento do ICMS destinado a habitação. Se utilizar esse dinheiro para fazer casa, e nós temos um projeto que propõe fazer essas casas em 15 anos, gastando 6 bilhões de reais por ano** e, inclusive, pra essas pessoas que ganham pouco, salário mínimo, ou que não ganham nada, estão aí como indigentes, nós temos que assumir o subsídio [Resposta do candidato Lula sobre habitação].

A crítica ao governo anterior surge, então, por meio de nominalizações, o que demonstra um embate mais ameno e polido, até mesmo quando o candidato irá discordar ou corrigir o outro, o faz pautado na docilização como ilustrado no enunciado 22 abaixo, uma tréplica do candidato Serra sobre a inflação que faz referência ao que foi dito em momento anterior por Lula: “as prefeituras do PT tem dado demonstração de responsabilidade fiscal mais do que qualquer outra prefeitura no país”.

Enunciado 22 – Serra: Quanto à questão de quem segue e quem não segue a reponsabilidade fiscal **me permitiria aí, com todo o respeito, lembrar um dado pro Lula**, o governo do Estado do Rio Grande do Sul é o que tem o maior déficit entre os estados brasileiros com proporção da receita quem tem, três vezes. Ou seja, 9% de pagamentos atrasados, não tem essa responsabilidade.

Ao mobilizar enunciados que fazem parte dos dizeres populares, candidatos promovem um efeito de sentido de didatização do dizer ao tornar mais acessível ao eleitor e fazendo funcionar a *estratégia de aproximação com eleitor*, como no enunciado 23 a seguir em que Serra responde a uma pergunta sobre educação.

Enunciado 23 - Serra: Olha, essa experiência que o Lula agora crítica foi começada pelo PT, inclusive em São Paulo. E na verdade, ela procurava responder uma questão verdadeira que é a questão da criança que fica repetindo sem acabar nunca, ela se refere a um problema real, eliminar a progressão continuada não vai ter nenhuma vantagem imediata porque para aquelas crianças vão continuar **ficando marcando passo**. O que a gente tem que fazer outra coisa, é aperfeiçoar esse processo, nós **não podemos jogar fora a criança junto com a água do banho** e tem uma boa ideia, não funciona com se pretendia no início - pega e joga fora com motivação, inclusive, de natureza eleitoral porque parece uma crítica fácil de se fazer. A questão não é essa, a questão é investir na qualidade, na recuperação e nos professores, esse é o ponto essencial e é isso que nós vamos fazer com ensino pré-escolar, com o ensino fundamental, inclusive, melhorando a qualidade daqueles que ensinam as crianças.

Mesmo quando há algo de agressivo, ele vem amenizado, encoberto pela docilidade da voz, do rosto, da silhueta (figura 12) e da polidez formal; no momento da imagem (figura 12) o candidato profere o enunciado 24 em que é possível notar um pedido de permissão com o usos do verbo permitir “até se me permitir fazer um comentário”; e uma ofensa amenizada pela sentença de negação evidenciando o locutor como sujeito daquele dizer, trazendo a ação para si, e a mobilização do substantivo o que confere também modalização ao que seria ofensivo. “não teria a arrogância de dizer”<sup>55</sup>.

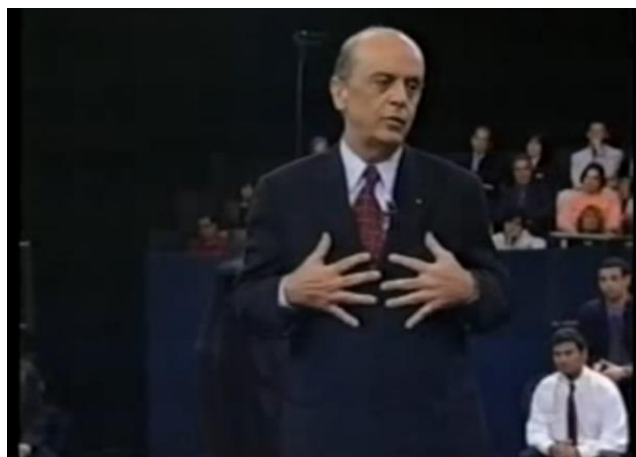


Figura 12

Enunciado 24 - Serra: Ela não vai ser retomada a inflação por que nós temos uma política consistente experiência nesse assunto, isso não vamos permitir que aconteça. **Agora, eu queria, até se me permitir fazer um comentário**, eu não me apresento como única possibilidade para um acordo social no Brasil, na medida em que eu sou o candidato, eu me apresento como a melhor possibilidade, **mas não teria arrogância de dizer** que eu sou a única. Nós estamos exatamente numa eleição expondo as nossas posições, as nossas teses, as nossas propostas, os caminhos para o Brasil para que no domingo a população possa decidir soberanamente. Essa é uma questão essencial me parece, pra deixar claro, uma vez que o candidato fez um comentário, evidentemente somos os dois candidatos eu não me considero o único, não, mas me considero o melhor.

---

<sup>55</sup> Resposta de Lula, dada a Willian Bonner sobre a possibilidade do aumento de juros em relação a aumento da inflação, a qual o candidato Serra faz alusão: “Primeiro vai ter que render frutos porque você sabe, tem acompanhado que eu sou a única possibilidade que o Brasil tem de construir um pacto social juntando o que investiu de mais importante no empresariado brasileiro e nos trabalhadores brasileiros com o Governo pra gente estabelecer plano de metas para que as coisas possam acontecer no Brasil”.

O debate de 2002 instaura um modelo de *Debate interativo complexo* (WEBER, 2010) como um debate altamente controlado e pasteurizado, pautado na formalidade e docilização, assim sendo a *estratégia de docilização* predominante.

## 2.2.4 Do debate de 2006: entre gentilezas, emoções e confrontos



Figura 13



Figura 14

Seguindo o modelo de debate instaurado, do dia 28 de outubro de 2006 manteve o estilo *town hall meeting* no qual os candidatos Geraldo Alckmin (PSDB) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT) possuíam espaço para caminhar na arena central. Em 2006, havia 80 eleitores indecisos posicionados nas arquibancadas, os quais fizeram 12 perguntas já previamente formuladas e analisadas. O debate foi dividido em quatro blocos, nos três primeiros blocos havia questões do público/eleitoral e também dos candidatos, assim mantendo uma interação constante entre os dois candidatos e no quarto bloco os candidatos fizeram perguntas entre si e finalizaram com as considerações finais. Os temas abordados foram: educação, previdência,



saúde, saneamento, desemprego, meio ambiente, segurança, transporte, corrupção, impostos, habitação e legislação trabalhista. Nos três primeiros blocos os candidatos tinham 1 minuto e 20 segundos para responderem às questões dos eleitores indecisos, 40 segundos para formularem uma outra questão do mesmo tema da proferida pelo eleitor para o candidato adversário, 1 minuto para a resposta, 2 minutos para réplica e 1 minuto para a tréplica.

Como em 2002, o debate de 2006 também traz uma *mise en scène* distinta da tradicional, pois os candidatos encontram-se no mesmo patamar que os eleitores, assim também se dá a focalização dos candidatos que são enquadrados tendo como plano de fundo os eleitores. No entanto, diferentemente do debate de 2002, ao mediador não é permitido fazer questões, ele apenas faz a mediação. A divisão de enquadramento entre candidatos e eleitores e a utilização de plano médio, na maioria do tempo do debate, assim como em 2002, retira o foco exclusivo do candidato. A possibilidade de questionamentos entre os dois candidatos e a disposição dos mesmos permitiu uma maior interação entre eles a ponto de se tocarem em alguns momentos. Ambos usam ternos escuros e austeros e não há uma marca partidária física. Mantem-se a preocupação com a apresentação dos candidatos e, como em 2002, a gestualidade corrobora a leveza da feição, as mãos prioritariamente abertas.



Figura 15



Figura 16

Da mesma maneira que nos outros debates estruturados no estilo *town hall meeting*, há referência ao primeiro nome dos eleitores que fazem as questões evidenciando a relação de proximidade entre político e eleitor, demonstrando a *estratégia de aproximação do eleitor*. Seguem alguns fragmentos das respostas dos candidatos aos eleitores indecisos:

Enunciado 25 - Rutilene (eleitora): Tenho uma filha de quatro anos e desde já me preocupo com seu futuro, principalmente no que diz respeito aos seus estudos, já que percebo que as escolas públicas estão cada vez mais abandonadas. Como não tenho recursos e não tenho como pagar uma escola particular me questiono. Como verei minha filha ingressar em uma universidade? Qual a sua proposta para educação básica a fim de que a mesma possa preparar os estudantes para ingressar em uma universidade pública?

Enunciado 26 - Alckmin: Boa noite, **Rutilene** (...) Rutilene sua pergunta é extremamente importante, e essa é a nossa prioridade. A educação básica, que começa com a creche, crianças de zero a três anos de idade, depois o ensino infantil, três a cinco anos e depois, seis a quatorze, o ensino fundamental e o médio. No governo passado, do presidente Fernando Henrique, do ministro Paulo Renato, foi feito o Fundef e nós universalizamos o ensino fundamental, de primeira a oitava série. Qual a tarefa agora? A tarefa agora é ir pro ensino infantil, que é sua filha que tem quatro anos, ela ter oportunidade de ter um ensino infantil. Pra isso a necessidade do Fundeb. Infelizmente, o governo atual, presidente Lula, teve quatro anos, mas não aprovou o Fundeb, o Fundeb é exatamente o fundo pra financiar a educação básica. Creche hoje no Brasil, Rutilene, só tem 12% das crianças em creche. E a creche é importante para mãe que trabalha, pra criança ter o seu cuidado, pra ela ter sua alimentação adequada, o ensino infantil. Eu fui prefeito, da minha cidade natal, e fiz muita pré- escola, é..., muito ensino infantil. Por quê? Porque a criança já entra no primeiro ano numa situação muito melhor que as outras crianças.

**Enunciado 27 - Lula: Bem candidato**, normalmente em debates, toda vez que se pergunta sobre um tema delicado como educação, as pessoas costumam dizer que já foi feito coisas e que a educação tava melhor, você citou a tua cidade, citou o Estado. O dado concreto é que a **companheira** que fez a pergunta tem razão, a educação no Brasil não está de boa qualidade e ***não é responsabilidade de um de dois ou de três governos é uma responsabilidade quase que histórica de não cuidar da educação por que uma que na elite tem direito*** [Pergunta de Lula para Alckmin interrompida em virtude do tempo de 40 segundos disponibilizado ter se esgotado].

A interação entre os dois candidatos está evidenciada, pois não há um apagamento do outro (candidato interlocutor), pelo contrário, houve uma intensificação da presença desse outro que é mostrada quando expressam o nome do opositor, como nos exemplos: Alckmin: *“Infelizmente, o governo atual, do presidente Lula”* e Lula; *“O próprio Alckmin que foi governador”*. A organização de turnos de fala desse debate permitiu uma maior interlocução,

marcada pelo embate, já que os candidatos faziam perguntas chegando até mesmo a se tocarem civilizadamente.

O relato de benfeitorias elencadas pelos candidatos permeia tal debate, produzindo efeito de sentido de credibilidade sobre o candidato e contribuindo para o esvaziamento ideológico que marca a *estratégia intrínseca ao discurso político*. Há o emprego de formas cristalizadas, tais como: companheira (enunciado 27) e companheiro (enunciado 28) e, na esteira do debate anterior, a polidez e a formalidade imperam. Da mesma maneira que se apagou o agente com a nominalização no debate anterior (2002), aqui se apaga o agente não culpando uma gestão ao lançar mão de negativas e de sentenças como em “responsabilidade quase que histórica” do enunciado 27.

Enunciado 28 – Lula: Mais uma vez um **companheiro** de Carapicuíba. A questão do saneamento básico sempre foi esquecida no Brasil [Tréplica de Lula da pergunta do eleitor indeciso sobre saneamento básico].

Nos enunciados de 29 a 35 transcritos a seguir, o emprego da ironia atua como *estratégia de agressividade expressa de forma a* manter uma postura de suposta *polidez*. O século XXI, segundo Sargentini<sup>56</sup>, problematiza no campo político, assim como em outros, a expressão de manifestação da agressividade, da prevalência de um discurso viril e das formas de violência, seja na fala, na gestualidade ou na imagem.

A ironia dá-se pelo desacordo entre o enunciado e a enunciação. Enquanto o enunciado afirma, a enunciação contesta. Em diversos momentos, a ironia se faz presente já que “o sujeito-irônico prefere – por uma razão ou outra – enunciar algo por meio de uma não-verdade que o protegerá, sem dúvida, das sanções que um enunciado muito agressivo ou direto poderia provocar” (MACHADO, 2014, p.117). Assim, por esse dizer há a desvalorização do outro, o seu escárnio, o que se configura por uma agressividade maquiada, advinda da ironia e não de sua manifestação direta como ilustrado nos enunciados de 29 a 35, mais especificamente, nos trechos em destaque. Outro mecanismo usado para produzir sentido quando se quer atacar de modo indireto e, por isso, utiliza-se de um enunciado irônico, é, a partir de uma hipérbole que atribui ao outro o exagero, o que podemos observar nos enunciados 29, 31, 32, 33, 34.

---

<sup>56</sup> Projeto “A polidez na política e as política da polidez: formas de polidez e de gentileza no funcionamento do discurso político” em fase de desenvolvimento.

Enunciado 29 - Lula: Olha, Denise, você percebe que num debate como esse **as pessoas** nem sempre medem as palavras que falam. Porque o meu adversário fala como se nunca tivesse governado o Brasil e que o Brasil começou a ser governado a partir do meu mandato em 2003 [Tréplica do candidato Lula em resposta a pergunta sobre previdência feita por uma eleitora indecisa].

Enunciado 30 - Lula: É, quem poderia explicar o que é feito no Estado que **eles governaram** - Porque na verdade o que nós fizemos, está aqui o governador de São Paulo, o governador de Minas Gerais [Réplica do candidato Lula para a questão sobre saúde feita pela eleitora indecisa].

Enunciado 31 - Lula: Quando eu digo que o candidato Alckmin aprendeu. **Deve ter uma técnica de psicodrama que ele fez**, ele chuta as coisas.

Enunciado 32 - Lula: Bom, você sabe que eles governam o Brasil pelo menos há 500 anos. Quando Cabral chegou aqui já era gente deles e nunca conseguiram mudar [Tréplica sobre a questão feita pelo eleitor indeciso sobre legislação trabalhista].

Enunciado 33 - Alckmin: Diz que a saúde no Brasil está chegando **a beira da perfeição**, eu vejo de forma diferente (...) a saúde foi sucateada até aqueles mutirões para tratar diabete, fazer cirurgia de varizes, aquilo tudo parou [Réplica do candidato Alckmin da questão sobre saúde].

Enunciado 34 - Alckmin: Olha, ele acha que está **tudo uma maravilha, tudo uma maravilha**. Publicaram hoje em véspera de eleição no dia do debate baseado em 14 fotos [Tréplica do candidato Alckmin da pergunta sobre meio ambiente].

Enunciado 35 - Lula: A **perfeição** da polícia de São Paulo resultou no PCC que vocês acompanharam, o cuidado dele com jovens adolescentes resultou na Febem, (...) porque nesse país, lamentavelmente, quando o governador consegue que sua polícia prenda um bandido famoso até o governador vai para a televisão tirar fotografia, não deixa nem o delegado, é ele [Tréplica feita pelo candidato Lula da questão sobre segurança].

Contudo, os enunciados 35, 36 e 37, trazem *a estratégia de agressividade* por meio de uma descredibilização do interlocutor com a incidência da segunda pessoa pela interlocução direta ou pela interlocução indireta dada pela terceira pessoa. Mesmo estando a *estratégia de agressividade* nebulosa em grande parte do debate; em alguns momentos, há sua evidência pela mobilização de termos de ofensa quando produzem um ataque mais direto, assim,

estamos diante do que Amossy (2014) denomina de argumento *ad hominem* o qual refere-se diretamente ao interlocutor.

Enunciado 35 - Lula: Esse é o quarto debate que eu faço e não tem jeito, e **ele continua o mesmo, dizendo as mesmas coisas**. A polícia federal detectou que 86% das armas utilizadas em crime são armas brasileiras, fabricadas no Brasil (...) até a lei do abate você sabe que aprovamos no congresso nacional com voto do PSDB, do PT, do PFL [Réplica do candidato para a questão sobre segurança].

Enunciado 36 - Lula: Cê parece que não leu o jornal hoje.

Enunciado 37 - Lula: Apesar do seu cinismo.

Cabe ressaltar que o a *Estratégia de aproximação partidário-ideológica* pode ser notada nesse debate, mas, não fica evidente um antagonismo ideológico. Não há, na materialidade linguística, tampouco no corpo desse sujeito político, marcas fortes de oposições discursivas (PÊCHEUX, 1975), o que não quer dizer que as diferentes FDs não existam já que olhamos para dois sujeitos políticos que ocupam lugares diferentes e que se inscrevem em formações discursivas diferentes.

No debate de 1989, a presença do discurso religioso, como um discurso outro que perpassa o discurso político, marca fortemente a *Estratégia de afastamento partidário/ideológico* vigente naquele momento, já que tal discurso está presente no dizer do candidato Collor o qual se inscreve em uma FD considerada na ocasião centro democrática. No entanto, no momento do debate de 2006, temos então diferentes condições de produção e a forte vigência do *dispositivo de espetacularização* regendo a aproximação partidário-ideológica identificada, também, pelo discurso religioso. Podemos assim postular que o funcionamento desse dispositivo pasteuriza o discurso político que é marcado pelo aparecimento do discurso religioso no dizer do candidato Lula: “Deus escreve certo por linhas tortas”, atestando a *Estratégia de aproximação partidária/ideológica*. Nesse caminho, observamos um PT e um PSDB entrelaçados que mobilizam léxicos muitos parecidos, são perpassados pelos mesmos discursos, mas guardam algo de suas raízes que se manifestam por meio de suas escolhas lexicais, luta e companheiro, por exemplo.

Nesse momento, o discurso religioso não funciona mais como um divisor de águas, ou melhor, de FDs, mas sim como um aspecto de aproximação. Em 2006, temos então outros discursos funcionando, outras emergências que são construídas e trabalhadas mediante a regência desse dispositivo. Por isso, quanto mais espetacularizado maior investimento estético há, o dispositivo de espetacularização é nutrido pelo embelezamento, por um esforço de harmonia estética que seduz esse eleitor e ocupa a cadeira de telespectador.

Em dois momentos do debate (enunciados 38 e 39), Lula introduz a narrativa de sua vida a qual se relaciona com as mazelas a serem resolvidas citadas pelo eleitor que fez a questão, promovendo um movimento de identificação que corrobora com *a estratégia de aproximação com o eleitor*. A partir da narrativa, da inserção desse discurso outro, além daquele enunciado, é que o procedimento de identificação se constrói fortalecendo a *estratégia de aproximação com o eleitor*.

Enunciado 38 - Lula: Eu sei o que é enchente porque morei na Vila Carioca em São Paulo, no bairro do Ipiranga, porque morei na vila São José em São Caetano, porque morei na Ponte Preta em São Paulo e todas as casas que eu morei até um metro e meio de água entrava dentro de casa, por isso eu sei o que é enchente.

Enunciado 39 - Lula: Em 1964, quem é de São Paulo sabe o que eu vou dizer, eu trabalhava encostado à Igreja Nossa Senhora Aparecida no bairro do Ipiranga e morava na divisa com São Caetano, eram mais de 9 km que eu ia a pé todo dia, porque não tinha uma moedinha de 50 centavos para pagar o transporte.

O candidato Alckmin não pode lançar mão desse procedimento, pois não está inscrito na mesma FD de homem do povo como seu adversário. Dessa maneira, Alckmin, sujeito que não ocupa o mesmo lugar de dizer de Lula, lança mão de outro tipo de procedimento, e, para constituir a estratégia de *aproximação do político com o eleitor*, mobiliza o discurso do sentimento, da afetividade que tem com o eleitor.

Enunciado 40 - Alckmin: Vou abrir meu coração.

Enunciado 41 - Alckmin: Isso machuca, diminui a autoestima da pessoa.

Assim, é no debate de 2006 que a *estratégia de aproximação partidária/ideológica* se fortalece. É possível atestar na materialidade linguística e na significação do corpo político eleitoral o entrelaçamento das discursividade político eleitoral daquele momento.

É, também, em 2006 que *estratégia de aproximação do político com o eleitor* é fortemente expressada. Naquele momento aquela estrutura de arena, aquela *mise en scene* já não era mais novidade fazendo com que aqueles atores políticos já se mostrassem familiarizados e pudessem tomar mais facilmente todo aquele espaço.

A arena que possibilitava o político ao centro e os eleitores a sua volta permitia, também, uma ampla movimentação a interação do político com seu eleitor, possibilidades essas já assimiladas e bem utilizadas pelos candidatos em 2006.

Portanto, o debate eleitoral presidencial do segundo turno do pleito de 2006 não apaga o confronto, porém, o esconde por entre as gentilezas, aproximações e emoções.

## 2.2.5 Do debate de 2010: o afastamento das emoções



Figura 17



Figura 18



Figura 19



Figura 20



Figura 21

O último debate eleitoral presidencial de 2010 ocorreu dia 20 de outubro e foi protagonizado pelos então candidatos José Serra (PSDB) e Dilma Rousseff (PT). O cenário



seguiu a estrutura dos dois anos eleitorais anteriores, uma arena (figuras 18 e 19) que permitiu a movimentação dos candidatos cercados pela arquibancada que abarcava 80 eleitores indecisos, selecionados pelo Ibope dentre todas as classes sociais e em diferentes estados do país. Da mesma maneira que o debate de 2006, com mediação do jornalista William Bonner, o de 2010 foi estruturado em quatro blocos, nos três primeiros os candidatos responderam às perguntas dos eleitores indecisos sobre temas como: funcionalismo público, agricultura, corrupção, segurança, saneamento, educação, legislação trabalhista, saúde, meio ambiente, política social, impostos e previdência. Os candidatos tinham dois minutos para responderem às questões dos eleitores, tanto na réplica quanto na tréplica. Na última parte, cada candidato teve dois minutos para as suas considerações finais. Diferentemente do debate de 2006, não há interação entre os candidatos que não fizeram perguntas entre si e foi a primeira vez que uma mulher protagonizou um debate eleitoral presidencial de segundo turno.

O campo político é historicamente marcado pela dominação masculina, não sendo lugar previamente ocupado por mulheres, pois “o espaço público moderno foi definido como esfera essencialmente masculina, do qual as mulheres participavam apenas como coadjuvantes, na condição de auxiliares.” (RAGO, 2013 p. 603), foi no século XIX que parte do que o indivíduo é hoje foi moldada assim como o papel da mulher, sendo dada a fundação da cultura burguesa em “binarismos e oposições, tais como natureza/cultura, pai/mãe, homem/mulher, superior/inferior” (TELLES, 2013, p.403), marcando, também, a partir desse binarismo, a relação de hierarquia, atribuindo-se superioridade ao homem em detrimento da mulher.<sup>57</sup> Assim, a sociedade se estruturou e ainda se estrutura de maneira dual e separatista entre homem e mulher, preconizando que o espaço privado, o da casa, da família é delegado à mulher, sendo o lugar a ela destinado, e o espaço público, o da rua, das interações externas, das rodas de conversas é delegado unicamente ao homem. Dessa maneira, não sendo socialmente cabível à mulher frequentar o espaço público. Segundo Bourdieu,

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica, tendendo a ratificar a dominação masculina na qual é fundada: é a divisão sexual do trabalho (...) a estrutura do espaço, com a oposição entre o lugar da assembleia ou o mercado, reservado aos homens, e a Casa, reservada às mulheres (1998, p.22 e 23, tradução nossa)<sup>58</sup>.

---

<sup>57</sup>Pela importância e pelo ineditismo de termos uma mulher candidata à presidência, dividimos a análise do debate de 2010, tratando do feminino e do masculino em dois momentos distintos.

<sup>58</sup> Texto original em francês: L'ordre social fonctionne comme une immense machine symbolique tendant à ratifier la domination masculine sur la quelle el est fondé: c'est la division sexuelle du travail, (...) c'est la structure de l'espace, avec l'opposition entre le lieu d'assemblée ou le marché, réservés aux hommes, et la Maison, réservée aux femmes (BOURDIEU, 1998, p.22 e 23).

No cenário político brasileiro, a presença feminina é existente, mas ainda está longe de ser equiparada à presença masculina, vide gráficos a seguir que atestam que o empoderamento feminino político no Brasil está longe do ideal, distante, ainda, do índice de igualdade. De acordo com os gráficos, o Brasil perdeu posição em 2016 caindo do septuagésimo quarto lugar para o octogésimo sexto.

### The Global Gender Gap Report 2014 e 2016 (Brasil)<sup>59</sup>

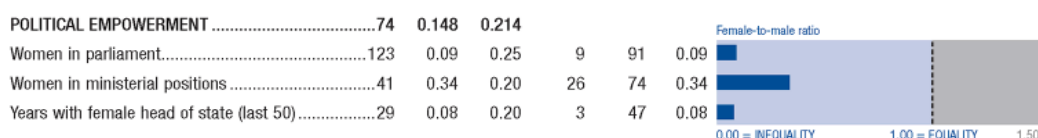


Figura 22<sup>60</sup>

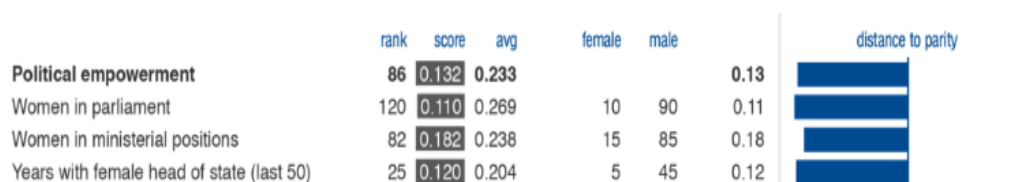


Figura 22

Dessa maneira, para tratarmos da mulher no campo político, apoiar-nos-emos em estudos de Coulomb-Gully (2012), que acompanha a candidatura de mulheres à presidência na França, analisando como a mídia as retrata de 1974 a 2007, já que a primeira aparição da mulher nas eleições presidenciais francesas deu-se em 1974, condicionando a mudança no campo político francês. De acordo com os estudos de Coulomb-Gully (2012), há diferentes

<sup>59</sup>Através do Relatório Global de “Gender Gap”, o “Fórum Econômico Mundial” quantifica a magnitude das disparidades com base no gênero e rastreia seu progresso ao longo do tempo. Como nenhum parâmetro pode capturar, sozinho, a situação completa, o Índice de “Gender Gap” busca mensurar um aspecto importante da igualdade entre gêneros: as lacunas relativas entre mulheres e homens por quatro áreas chave: saúde, educação, economia e política. Temos aqui, para ilustração, os gráficos relativos ao empoderamento político de 2014 (ano do início efetivo de nosso trabalho) e 2016. Disponível em: <<http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2014/economies/#economy=BRA>> Acesso em jan de 2014; <<http://reports.weforum.org/global-gender-gap-report-2016/economies/#economy=BRA>> Acesso em jan de 2017.

<sup>60</sup>Os gráficos estão compostos pelo ranque, ponto, média, números absolutos de homens e mulheres, relação entre eles e a distância que o país está da igualdade.

mulheres políticas que são discursivizadas de maneiras distintas, em diferentes épocas na França. Em 1974, a primeira candidata à presidência, Arlette Laguiller, apresentava-se discursivizada sob o aspecto da androgenia, sem fortes marcas de gênero. Vestindo sempre, calças compridas, camisetas, não usando maquiagem, nem tampouco joias, encarnando, assim a antítese dos modelos de feminilidade valorizados na sociedade burguesa. Diferentemente de Laguiller, Ségolène Royal, em sua candidatura de 2007, apresentou-se bela e feminina. “Royal escolheu, nessa campanha, cumprir os critérios de beleza valorizados pela norma contemporânea” (COULOMB-GULLY, 2012, p.237, tradução nossa)<sup>61</sup>, encarnando, deveras, a feminilidade, se inscrevendo definitivamente no gênero feminino. Para Coulomb-Gully (2012), o desafio consiste em assegurar a compatibilidade da imagem entre o feminino e o político, há muito tempo construída como antônima, contraditória, assim a mulher política tende a movimentar-se por dois lugares, o feminino e o masculino.

Sendo a mulher um sujeito socialmente construído em uma sociedade patriarcal e sexista, na qual “espera-se das mulheres, que sejam femininas, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas, e às vezes até mesmo eclipsadas”<sup>62</sup>. (BOURDIEU, 1998, p.94, tradução nossa) o sujeito encarnado por Dilma Rousseff inscreve-se, em nossa hipótese, na neutralização do feminino. Dilma porta um semblante sério, sem sorriso. Segundo Goffman (1988), o sorriso é característica feminina por excelência, essa seria uma das razões para se afastar da posição dita feminina<sup>63</sup>, como também esse afastamento está marcado simbolicamente em seus curtos cabelos. Entretanto, apesar dos cabelos curtos, a maneira como é penteado e sua coloração marcam a feminilidade. Tais marcas são discretas, dessa maneira, temos uma feminilidade levemente marcada e entrelaçada com o masculino<sup>64</sup>.

No âmbito da estetização, observa-se a construção de um corpo político que discursiviza discreta feminilidade que pode ser vista nos adereços, como joias discretas, que sugeriram sua inscrição no âmbito do gênero feminino. O terno, austero de cor cinza é acompanhado pelo gesto das mãos para trás em conjunto com o andar forte e duro, como se pressionasse o solo, gestos geralmente relacionados ao masculino, possivelmente uma estratégia para não perder a força e demarcar sua posição de candidata à presidência em um

---

<sup>61</sup>Texto original em francês: Royal a choisi, pour cette campagne, de se conformer aux critères de beauté valorisés par la norme contemporaine” (COULOMB- GULLY, 2012, p.237).

<sup>62</sup>Texto original em francês : «On attend d’elles qu’elles soient «féminines» c’est dire souriantes, sympathiques, attentionnées, soumises, discrètes, retenues, voir effacées» (BOURDIEU, 1998, p.94).

<sup>63</sup> Ao nos referirmos ao feminino, ou usar o termo feminilidade, fazemos referência à construção histórica-social e estereotipada do feminino. Não defendo aqui que essa construção social como única e verdadeira, apenas atesto sua existência e também sua aceitação, ou não, no campo político.

<sup>64</sup>Ao nos referirmos ao masculino, fazemos referência à construção histórica-social e estereotipada do gênero, não defendo aqui, de maneira alguma, uma construção única e verdadeira.

lugar notoriamente machista como a política. Entretanto, o peito aberto demonstra uma possível proximidade com o eleitor, gesto de docilidade, assim como as mãos, que em vários momentos, assinalam certa brandura, pois estão, em geral, abertas ou contra o seio. Tais características demonstram a transitoriedade de lugares ocupados pela candidata que ora se manifesta no espaço feminino ora no masculino.

Voltando para a análise da formulação do discurso político produzido em debates eleitorais, trazemos a seguir dois fragmentos do debate de 2010 em que a candidata Dilma responde às questões de eleitores indecisos.

Enunciado 42 - **Dilma: Boa noite** Bonner, boa noite jornalistas da rede globo, boa noite os eleitores indecisos que enriquecem hoje nosso debate, **boa noite candidato**, boa noite você que nos acompanha em casa. Desejo a todos nós um bom debate.

Enunciado 43 – eleitora indecisa: Meu nome é Misterly Rêgo, tenho 34 anos, sou técnica em Educação e moro em São Paulo. Eu como cidadã sei o quanto é difícil e burocrático, e muitas vezes, até impossível, o acesso aos serviços públicos, mas como funcionária pública sei também que isso é consequência de baixos salários e nenhuma perspectiva de crescimento e nem plano de carreira, simplesmente alguém presta um concurso para ser funcionário público e é esquecido. Quais as propostas que atendem ao mesmo tempo o cidadão e o funcionário público? [Primeira questão do debate de 2010 proferida pela eleitora indecisa].

Enunciado 44 – Dilma responde: É... queria dizer **Misterly que a sua pergunta é muito correta**. De fato, no Brasil, há uma tradição de pagar mal ao funcionalismo público e muitas vezes, inclusive, a desvalorizá-lo, é... **nós defendemos**, no governo Lula, uma política de valorização dos professores, por isso criamos o piso nacional do magistério e temos uma política de valorização, também, dos policiais e da área da saúde, **fizemos** concursos e criamos plano de carreira

Eu, no governo, vou ter um compromisso muito forte com a questão da educação. Porque todo mundo fala em qualidade da educação, mas na hora de ver quem é que garante a qualidade, todo mundo esquece que quem garante a qualidade é o professor, e professor para garantir qualidade, ele tem que ser bem pago, até para atrair as pessoas para aquela profissão e tem de ter formação continuada.

Eu sou contra que se mantenham serviços terceirizados e precários na função pública, porque desestimula o funcionário, o funcionário é um ser humano e tem de ser tratado como tal, ele tem de ser incentivado, ele tem de ser valorizado porque assim ele vai trabalhar melhor, isso nós tivemos uma experiência muito boa em várias áreas. Na área, por exemplo, de educação, **nós fizemos isso** com os professores afetos ao governo federal né, os professores das universidades federais e das nossas escolas

técnicas. **Fizemos isso também** com os profissionais da polícia federal, tanto os agentes, como os delegados **e fizemos também** na área da saúde até na área da previdência, por quê? Porque na previdência também tem de ter médico que faça perícia e que faça sendo valorizado  
Por isso a sua pergunta é muito correta.

Enunciado 45 – Dilma **Eu acho** essa pergunta muito importante vejo que, é ...**você que mora** no distrito federal tem essa sensibilidade para essa questão **Eu considero** que nos últimos anos, quando **nós reforçamos** e profissionalizamos a polícia federal, **nós começamos** a ver uma porção de casos de corrupção sendo apurados e pela primeira vez foram atingidas pessoas de gradação mais elevada, **nós tivemos** prisões de empresários, de governadores e isso resultou, eu acho, num combate à corrupção bastante forte, por isso eu queria dizer uma coisa, dando esse exemplo da polícia federal. Mal feito, você pode ter certeza que em qualquer lugar em que houver impunidade ou não houver investigação, ele vai ocorrer, então é importante investigar e punir , você tem de investigar e punir **doa a quem doer e atinja a quem atingir**. E aí, a polícia federal, foi e é um dos maiores instrumentos de apuração de processo de corrupção.

Há outro elemento fundamental na área do governo federal, foi a controladoria geral da união, o que a controladoria geral da união, por exemplo, foi responsável pela investigação dos sangue sugas, **não sei se você lembra disso**, ela que investigou descobriu que havia é... todo um processo, né de uso é... do dinheiro público na área da saúde , tanto é que chamou de sangue suga a operação é.. . junto com a polícia federal a CGU denunciou e a polícia federal investigou no ministério público.

É importantíssimo que não haja o engavetador geral da república, que o procurador ele vá, tome conhecimento, vá, investigue, eu considero que é importante que nós façamos uma melhoria na justiça[Resposta da candidata a questão do eleitor indeciso Lucas sobre corrupção].

O início do enunciado 42 é construído a partir das manifestações das formas de polidez tradicionais materializadas pelos cumprimentos de “boa noite” dirigidos a cada um dos participantes do debate, aos eleitores ali presentes e também aos eleitores/telespectadores. Ao fazer referência ao candidato de oposição, utiliza-se a forma “candidato” para marcar uma polidez informal. A referência aos eleitores/telespectadores, no caso o primeiro nome da eleitora, (enunciado 44) sinaliza a aproximação do candidato com o eleitor, o que, na atualidade, consiste mais na tentativa de conquista do que aproximação, assim como o elogio à pergunta da eleitora (enunciado 44, trecho em destaque). O enunciado 45 também corrobora com a estratégia de aproximação com o eleitor, na medida em que traz interlocuções diretas por meio de interrogações que promovem o efeito de sentido de inserção no discurso, como: “você que mora” e “não sei se cê lembra”, destacadas acima.

Há uma alternância no emprego dos pronomes, utiliza-se um *nós* para fazer referência ao governo passado, ou seja, tal utilização está demarcando o passado, enquanto que o *eu* demarca o tempo futuro e também individual, promovendo o descolamento desse sujeito político do passado e do governo anterior, visando o futuro governo. No enunciado 45, observamos a incidência desses pronomes funcionando como ferramentas de distinção entre o sujeito político individual: “Eu considero, eu acho”, e um governo conjunto “nós reforçamos, nós fazemos” marcado pelo ‘nós’ tão característico do dizer político eleitoral.

No enunciado 44 em que Dilma responde à pergunta da eleitora Misterly, há um movimento estratégico de evidenciar temáticas que são caras aos eleitores. No caso da questão elucidada, o tema educação é um dos mais lembrados pelos eleitores, pela população que reivindica melhorias. Dessa maneira, a evidência do tema, a partir do movimento metonímico (professor) é pertinente e estratégico, assim como o movimento de elencar benfeitorias do governo do qual fez parte ou ao qual pertencia o seu partido, é movimento característico e constituinte do discurso político eleitoral, marcando as *estratégias intrínsecas ao discurso político*.

Quando tratamos da corporeidade do sujeito político feminino, atestamos um bailar desse sujeito que ora ocupava uma posição feminina, ora masculina, fato que emerge em conjunto com a materialidade linguística ao trazer indícios dessa dança de posições entrelaçadas. A didatização presente no dizer da candidata Dilma nos remete ao discurso dito feminino, no entanto, a materialidade linguística aparece também sob o signo da neutralização de termos ditos femininos e uma notória utilização de um dizer mais didatizado, característica pertinente ao discurso político contemporâneo, demarcada pela utilização de conjunções explicativas e perguntas retóricas.

O dizer da candidata é composto de fatos e dados sobre o governo anterior, o que dá credibilidade ao dizer político e que o constitui, assim, novamente, não destoa da forma do discurso político contemporâneo.

Enunciado 46 - Dilma: Porque pra gente que somos um país de 90 milhões de habitantes nós precisamos gerar posto de trabalho. **É fato que nós geramos 15 milhões de empregos nos últimos anos** [Resposta da candidata Dilma sobre legislação trabalhista].

Analisando a materialidade linguística, observamos o emprego recorrente da repetição sintática na construção frasal, criando um efeito de didatização da forma de dizer como nos

trechos destacados do enunciado 44 acima. A repetição dos termos “nós fizemos isso” “Fizemos isso também”, “e fizemos também na área” indica a recorrência da ação, que pelo seu acúmulo marca a quantidade, sendo a repetição sintática e lexical uma estratégia didática de fortalecer o efeito de forte atuação do sujeito do discurso.

Já no fragmento retirado do enunciado 45: “doa a quem doer e atinja a quem tiver de atingir”, cria o efeito de sentido de credibilidade a partir do pulso firme que remete ao espaço masculino e eleva o que é social e historicamente relacionado à masculinidade, tal como a força. A candidata, mais uma vez, recorre a esse tipo de identificação para ocupar um espaço tido como masculino em um momento em que os debates eleitorais suscitam uma nova postura, fala, gestualidade; mas, em virtude de Dilma ser mulher, ela recorre ao mundo da masculinidade para se firmar enquanto candidata plenamente capaz de ocupar um campo, até então, dominado por homens.



Figura 23



Figura 24

O candidato José Serra apresenta-se com uma expressão leve, mesmo guardando a seriedade, estratégia que constrói credibilidade e sua feição não é sisuda, como podemos observar nas figuras 24 e 25 acima. Há seriedade, porém sem agressividade na expressão, um olhar tranquilo que é assim respaldado pela voz pausada e em tom médio, bem como há equilíbrio no movimento do corpo. Observamos certa amenidade e docilidade na composição, na feição desse sujeito político o que constitui a *estratégia de docilização* tão cara a esse debate.

Como é possível observar por meio do congelamento de imagens trazido para essa pesquisa (figuras 24 e 25), José Serra aparece portando um terno escuro austero, vestimenta muito comum em ocasiões formais. Diferente de outros momentos e ambientes, como as falas feitas do palanque e as convenções partidárias, o candidato não carrega símbolos do partido, como broche ou adesivo, não há, também, referência ao partido nas roupas, não há a cor azul

ou a cor amarela, as quais estão relacionadas com o PSDB, assim a silhueta do candidato aparece na esteira da neutralidade, promovendo a atenuação da visibilidade de uma posição político partidária estereotipada o que pode indicar a *Estratégia de aproximação partidária/ideológica*.

Em relação à gestualidade, as mãos abertas, predominantes em todo o debate, indicam uma leveza, diferente do punho cerrado mais agressivo, que é intensificada pelas mãos levadas ao peito, intensificando a *estratégia de docilização*. O peito aberto, também predominante, demonstra a possibilidade de aproximação com o eleitor, materializando a *estratégia de aproximação*. Assim, o corpo docilizado e esteticamente coerente é agradável aos olhos e passível de aproximação.

O candidato encarna um soberano paternal caracterizado pela docilização do corpo e de seu dizer como (CHARAUDEAU, 2006) alguém detentor de seu controle, capaz de resolver todos os problemas mundanos, carregado de potencial. Como oposição, à candidata adversária, mulher, mãe do povo, cuidadora da nação, o candidato Serra, então, encarna uma figura de provedor ao marcar o lugar do homem em relação ao da mulher. Nota-se a incidência dos discursos estereotipados e socialmente difundidos do que seria o homem e a mulher, discursos esses perpassando esse sujeito político eleitoral e os constituindo. É aqui o primeiro momento da oposição de gênero, dos discursos do homem e da mulher em sua binaridade<sup>65</sup>.

Ainda sobre a *Estratégia de docilização*, mesmo quando um candidato corrige o outro como no seguinte enunciado proferido por Dilma. (enunciado 47) e rebatido por Serra (enunciado 48).

Enunciado 47 - Dilma: O cadastro de criminosos já existe no Brasil, há um cadastro nacional hoje [Resposta da candidata sobre o tema segurança].

Enunciado 48 - Serra: fichário nacional de criminosos pra funcionar de verdade.

Não há procedimentos de agressividade, modulação mais forte na voz ou um olhar de reprovação (figura 26), os candidatos evitam se olharem, fazerem qualquer troca, mantendo assim a formalidade, a distância. Mesmo quando há reprovação ao governo do opositor, por

---

<sup>65</sup>Devemos ressaltar aqui que não postulamos apreciações sobre gênero, apenas trazemos o funcionamento dos diversos discursos.



exemplo, ao responder a questão sobre saneamento, a candidata novamente atribui sujeitos generalizantes às ações, ao mobilizar Brasil e Governo federal no enunciado 49 abaixo.

Enunciado 49 - Dilma: O Brasil parou de investir em saneamento durante muito tempo, o governo federal voltou a investir agora nesses últimos tempos.

Produz-se um efeito de distanciamento dos agentes dessas ações, não evidenciando os partidos, as marcas ideológicas pré-estabelecidas são atenuadas e a *aproximação ideológica* marcada pela não evidencia e a não mobilização dos partidos, o que promove o apagamento dos mesmos e sustenta certa *docilização*.



Figura 25

Enunciado 50 – **Serra:** Boa noite Bonner, um abraço a você e **boa noite** aos eleitores que aqui estão que representam milhões de brasileiros, boa noite a **candidata** Dilma, **boa noite** aos presentes e **boa noite** aos telespectadores de todo o Brasil que vão nos assistir. (...)

Obrigado **Misterly**, na verdade **é uma pergunta muito oportuna**. Pra que as pessoas sejam bem atendidas no Brasil é preciso ter um funcionalismo qualificado, um funcionalismo que realmente assuma a condição de servidor público. **Eu defendo**, em matéria de funcionalismo, a carreira, o concurso, a valorização dos profissionais de cada área, isto é fundamental porque sem isso nós não vamos ter um bom serviço público e quem paga o preço é a população. **Eu acredito**, inclusive, que no Brasil tem que haver muito avanço nessa área, nós devemos prestigiar, dar força aos funcionários de carreira, fazer concurso sempre que houver condição legal pra isso porque o concurso, valoriza o mérito e tem que ter também incentivo material ao longo do tempo pra que as pessoas se sintam motivadas. Isso vale pra educação, isso vale pra saúde, isso vale, praticamente, para todas as áreas de governo e eu creio, inclusive, que o serviço público bem valorizado, de boa

qualidade, faz com que as pessoas se sintam, melhore sua autoestima, melhora a autoestima do país mesmo, né! Agora, tem que ter um exemplo de cima, porque funcionário público não trabalha direito se o exemplo de cima é ruim, esse é um caso típico de funções, por exemplo, como de arrecadação de impostos né, como por exemplo, na área da saúde, como por exemplo, na área da educação. **Eu defendo** também que o funcionário em tempo integral tenha, no final da sua carreira, depois da sua aposentadoria, uma aposentadoria integral, por quê? Porque é alguém que teve que se dedicar exclusivamente àquela tarefa, diferente de pessoas da área privada, que possa ter isso [Primeira resposta do candidato sobre o tema funcionalismo público].

Enunciado 51 - **Serra:** Muito bom **Lucas, você tem toda razão** a corrupção no Brasil chegou em níveis insuportáveis tanto do ponto de vista de desvio do dinheiro público, que é dinheiro que vem dos impostos, que as pessoas pagam, quanto do ponto de vista do amor próprio da auto estima da sociedade que se vê comprometida com esses exemplos que se repetem de péssima qualidade na vida pública. **Eu creio** que o trabalho contra a corrupção começa por fortalecer os órgãos de fiscalização: o tribunal de contas que no Brasil tem um papel que deve ser reforçado e não simplesmente atacado como tem acontecido. O ministério público que é outra peça fundamental nisso, e eu me lembro, que quando eu fui pro ministério da saúde, **eu fiz** um acordo com o ministério público para que os promotores e procuradores viessem para dentro do ministério para acompanhar tudo que tinha licitação etc. Terceiro, a imprensa que, na verdade, a imprensa no Brasil é que descobre a grande parte das irregularidade que acontecem, a imprensa não pode ser inibida, não pode ser coibida, não pode ser perseguida, não pode ser pressionada por causa disso e a justiça, né, que deve ser também fortalecida e a legislação porque o que espanta no Brasil não é só o nível de corrupção, é o grau de impunidade nos vemos escândalos grande que aconteceram nos últimos 20 anos, escândalos de grande porte não ficou ninguém preso essa é uma demonstração de que o sistema de punição não esta funcionando direito e que a impunidade floresce, então, nós temos que pensar em primeiro lugar nesses aspectos, segundo o exemplo tem que vir de cima o chefe de governos seja prefeito, governador seja presidente da república, tem que começar dando exemplo, escolhendo bem as suas equipes e punindo quando alguma irregularidade acontecer.

Eu estava dizendo, **Lucas**, que na questão da corrupção o exemplo tem que vir de cima, tem que escolher bem as equipes, tem que ser implacável com quem cometer irregularidade, não passar a mão na cabeça. Quando o chefe do governo, o presidente, passa a mão na cabeça. ou o governador, ou o prefeito é terrível do ponto de vista do exemplo pra sociedade e também do ponto de vista de que isso aí vai acabar se repetindo porque as pessoas vão achar que vão estar protegidas quando cometem irregularidade,

evidentemente todo mundo pode pecar mas uma boa escolha minimiza os pecados que podem ser cometidos, essa é uma questão essencial.

A controladoria geral da república é importante, foi criada pelo Fernando Henrique só que eu acho que é um cargo de confiança do presidente, sendo um cargo de confiança que pode ser demitido, nomeado, etc, não tem aquela liberdade e aquela independência e há varias demonstrações nos anos recentes da falta de independência, da tendenciosidade ou até de política eleitoral nessa área. É uma área que não pode comportar política eleitoral na questão da corrupção como atrapalha também os ataques aos órgãos que são responsáveis por fiscalizar, por controlar, enfim por serem guardiões da causa do bom uso do dinheiro do governo porque o dinheiro do governo é de todos nós. E olha, tem casos que até hoje estão insepultos, né?! Que não aconteceu nada, lembra dossiê dos aloprados, por exemplo, quando foi feito na eleição de 2006 tinha 1 milhão e 700 mil que a polícia prendeu tirou foto e etc e tal, ninguém foi condenado, não tem processo, quer dizer, tudo ficou andando esse é um mal exemplo até para diferentes partidos, né?! Porque se um fez no passado e não aconteceu nada a tendência é repetir esse tipo de coisa. **Mas eu quero te cumprimentar pela importância de sua pergunta e revelar minha disposição** pra combater de maneira firme a corrupção [Resposta do candidato Serra a pergunta proferida pelo eleitor indeciso de nome Lucas que versava sobre corrupção].

Quanto à materialidade linguístico-discursiva, o cumprimento no enunciado 47 é construído a partir das manifestações das formas de polidez tradicionais materializadas no termo boa noite dirigido a cada um dos participantes do debate, aos eleitores presentes e também aos eleitores/telespectadores. Ao fazer referência ao candidato de oposição, utiliza-se a forma candidata, marcando uma polidez informal e *estratégia de docilização*. A referência aos eleitores/telespectadores, no caso o primeiro nome da eleitora, marca a aproximação do candidato com o eleitor, o que, na atualidade consiste mais na tentativa de conquista do que aproximação, assim como o elogio à pergunta da eleitora e do eleitor na segunda resposta (em destaque no enunciado 50 e 51).

Defendemos aqui uma *estratégia de aproximação partidária/ideológica*, no entanto, sabemos que no discurso há continuidades e discontinuidades e que na homogeneidade há heterogeneidades, que há interdiscursividades e assim, formações discursivas perpassadas por outras, discursos outros se entrelaçando os quais respondem por determinadas FDs e por elas são constituídos. Desse modo, ao tratamos da *estratégia de aproximação partidária/ideológica*, observamos uma dissolução de marcas categóricas/cristalizadas das formações discursivas antagônicas nas quais se inscreviam os candidatos, marcando a heterogeneidade discursiva advinda das relações interdiscursivas que são materializadas nos

enunciados divididos. Dilma e Serra, porém, ainda há algo que marca, mesmo que nesse momento, ano de 2010, ainda que não houvesse, nitidamente na sociedade, nas ruas, o movimento de resgate dos posicionamentos políticos, eles aí estavam, materializados na língua mesmo que obscurecidos pelo claras e pastéis estratégias de docilização do discurso político.

Dessa maneira, é pela mobilização de termos distintos que a formação discursiva na qual o Partido Social Democrata Brasileiro (PSDB) se inscreve. Trata-se de uma FD de centro direita meritocrática, sendo que esse lugar de fala aparece, ao mobilizar, no caso do candidato Serra, termos como formação, qualificação, como no enunciado 52 que se firma na meritocracia. Diferentemente da candidata Dilma, que se firma na remuneração – “pagar bem” –, aspecto muitas vezes clamado em greve e pelos movimentos sociais representantes da classe, assim trazendo a FD de esquerda social, lugar de nascedouro do Partido dos Trabalhadores.

Enunciado 52 - Serra: “e a sala de aula depende muito da **qualificação** e da **formação**” [Resposta dada a questão sobre educação]

Enunciado 53 - Dilma: pagar bem o professor é o grande desafio que nós temos.

É notória a utilização de um dizer explicativo, didática característica e pertinente ao discurso político contemporâneo, visto o aparecimento de conjunções explicativas e perguntas retóricas, demonstrando as *Estratégias intrínsecas do discurso político*. O predomínio da primeira pessoa do singular demarca o individual, colocando em evidência o homem, o sujeito político e não seu governo. Os termos elencados pelo candidato como *acredito* e *defendo* (em destaque nos enunciados 50 e 51) contribuem com esse movimento. A formulação do discurso de envolvimento e culpabilização do partido adversário em atos de corrupção é feito de forma indireta. O enunciador não nomeia o partido opositor, no caso o PT, tampouco se dirige diretamente à candidata desse partido, mas culpabiliza ambos por não apurarem denúncias, por indicar nomes para o ministério público, por estarem envolvidos no caso do Dossiê dos Alopados que foi considerado como forjado, produzido como uma falsa acusação. Comparado à resposta da candidata Dilma Rousseff a essa mesma questão, consideramos que há maior quantidade de informação e conseqüentemente maior gravidade nos fatos trazidos para comentar a resposta, entretanto eles são expostos de forma pouco agressiva, no que se

refere ao tom de voz e ao olhar acusatório (figura 27), o que pode caracterizar tanto uma *estratégia de aproximação com o eleitor* quanto uma *estratégia de docilização*:



Figura 26

Enunciado 54 - Serra: A corrupção no Brasil chegou em níveis insuportáveis tanto no ponto de vista de desvio de dinheiro público, que é dinheiro que vem dos impostos que as pessoas pagam, quanto do ponto de vista do amor próprio da auto estima da sociedade que se vê comprometida com esses exemplos que se repetem de péssima qualidade na vida pública.

O debate de 2010 foi marcado pelo ineditismo. Era a primeira vez que uma mulher ocupava aquele espaço, chegando ao segundo turno de uma eleição presidencial no Brasil. Foi a primeira vez que uma mulher chegava tão perto de ocupar o espaço público político local marcadamente masculino até aquele momento.

O debate de 2010, então, marcado pelo ineditismo promove um afastamento das emoções na medida em que a interlocução entre os candidatos não existiu. Naquele momento a estrutura daquela mise en scene sofre uma mudança, não há perguntas entre os candidatos.

Assim, não tendo tal interlocução, as *estratégias intrínsecas ao discurso político de sobressaem*, assim como a *estratégia de aproximação do eleitor* se sobressaem. Naquele momento as emoções são veladas e o eleitores são colocados em primeiro plano.

## 2.2.6 Do debate de 2014: ânimos exaltados



Figura 27



Figura 28



Figura 29

O último debate do pleito eleitoral de 2014 ocorreu no dia 24 de outubro e, de forma diferente do debate anterior, promoveu maior interlocução entre os candidatos na medida em que inseriu um púlpito ao meio e a possibilidade dos candidatos fazerem questões um ao outro com tema livre. Dessa maneira, em 2014, se mescla o debate “interativo complexo” com o “convencional direto”, aqui há a possibilidade de deslocamento dos candidatos, há interação com os eleitores, os quais proferem questões aos candidatos e sua interlocução direta.

O debate de 2014 foi construído, também, a partir de um cenário arena, no qual constavam 70 eleitores indecisos, de todas as regiões do país, posicionados na arquibancada ao redor da arena. Tais eleitores escreveram perguntas sobre 14 temas de interesse geral, das quais foram selecionadas 12 questões, ditas mais representativas, das quais 8 delas foram, a posteriori, sorteadas para serem efetivamente proferidas pelos eleitores que as formularam. Os candidatos tinham 30 segundos para fazerem perguntas entre si no primeiro e no terceiro blocos, 1 minuto e 30 segundos para as respostas, 50 segundos para a réplica e 50 segundos para a tréplica, podendo fazer três questões cada um em cada bloco, nos segundo e quarto

blocos os candidatos possuíam o mesmo tempo para responderem às questões dos eleitores que ali estavam.

Como já dito, diferentemente do debate de 2010, no primeiro e no terceiro blocos desse debate de 2014, os candidatos fizeram perguntas um para o outro. Cada um dos candidatos teve direito a fazer três perguntas para o adversário. No segundo e no quarto blocos, foram feitas as perguntas dos eleitores indecisos presentes no debate. Nos blocos que promoviam a interlocução direta, os candidatos se posicionavam sobre uma bancada no centro do tablado possibilitando, em uma parte do tempo, ao telespectador visualizar o corpo do candidato (figura 31), e também os colocando frente a frente, assim promovendo uma arquitetura de enfrentamento direto ali materializada e delimitada apenas pelo púlpito. Isso é diferente do que ocorre quando os candidatos têm apenas a arena, como espaço de cerceamento, pois, segundo Manzano (2015, p.79), a arena promove “ uma ilusão visual de que os candidatos estão realmente em um *enfrentamento* sem obstáculos, cujo corpo participa de maneira global”. No entanto, ainda que a arena promova essa possibilidade de contato físico, nos anos anteriores, ela não deu margem para o enfrentamento agressivo, mesmo permitindo a aproximação dos candidatos como em 2006.

No debate de 2014, a presença no centro da arena de uma mesa de tampo transparente, ao mesmo tempo em que atuou como o elemento físico que separa os candidatos, obriga-os a uma conversa frente a frente em completa exibição do corpo.



Figura 30

Sendo uma mescla de dois tipos de debate, o “convencional direto” com o “interativo complexo” (WEBER, 2010) temos também dois aspectos de focalização. Na maioria das

vezes, no momento em que os candidatos se encontram posicionados frente a frente há tanto plano aberto quanto plano fechado, no entanto, o plano fechado é privilegiado quando os candidatos respondem às questões, evidenciando o candidato que está com a palavra (figuras 32 e 33).



Figura 31



Figura 32

Em várias ocasiões, os candidatos se enfrentam com expressão exaltada como se esbravejassem e rosto rubro (figuras 34 e 35) signo de força tão marcado no discurso político; tais expressões são, por sua vez, intercaladas pelas mãos abertas. Aqui, temos um momento no qual o processo de docilização é substituído pela fala e pela gestualidade da agressividade, voltando assim a *estratégia de agressividade*. Não por acaso, isso se dá na campanha eleitoral na qual se diminui drasticamente a distância entre o primeiro e segundo candidatos com mais intenções de voto.



Figura 33



Figura 34

Em um momento de forte oposição entre proposições políticas, a sociedade brasileira vê-se imersa em um confronto polarizado entre dois partidos, fato perceptível no debate, no qual a questão de gênero, ainda que presente, já não é mais mote central da candidatura. Muito diferente de 2010, no qual as marcas partidárias não se evidenciavam, nem mesmo na silhueta dos candidatos, nesse momento as marcas se encontram em evidência. Assim, pela



gravata azul e pela blusa vermelha encontram-se as marcas partidárias, dos dois grandes partidos PT e PSDB que ali se digladiavam, materializando na *estratégia de afastamento partidário/ideológico*.

Diferentemente dos debates de 2002, 2006 e 2010, a estrutura desse debate permite uma diferente constituição do discurso político eleitoral em debate. No que concerne ao verbo, devido à possibilidade de interlocução direta, as formas de referência são inúmeras vezes mobilizadas, o que marca o início dos turnos pelo termo vocativo '*candidato*' empregado, muitas vezes, sob uma modulação longa, permitindo, assim, o efeito de sentido de repreensão.

Enunciado 55 - Aécio: Candidata, essa campanha vai passar para a história como a mais sórdida das campanhas eleitorais do nosso sistema democrático, a calúnia, a infâmia, as acusações irresponsáveis foram feitas não em relação a mim, mas a Eduardo Campos, em relação a Marina, agora em relação a mim, isso é um péssimo exemplo, mas **eu faço** uma pergunta, candidata. A revista hoje publica que um dos delatores do "petrolão" disse que a senhora e o ex-presidente Lula tinham conhecimento da Petrobras. **Dou a oportunidade**, a senhora sabia, candidata, da corrupção na Petrobras?

Enunciado 56 - Dilma: Candidato, é fato que o senhor tem feito uma campanha extremamente agressiva a mim e isso é reconhecido por todos os eleitores. Agora, essa revista que fez e faz sistemática oposição a mim faz uma calúnia, uma difamação do porte que ela fez hoje, e o senhor endossa a pergunta. Candidato, a Revista Veja não apresenta nenhuma prova do que faz. Eu manifesto aqui a minha inteira indignação, porque essa revista tem o hábito de nos finais das campanhas, na reta final, tentar dar um golpe eleitoral e isso não é a primeira vez que ela fez. Fez em 2002, fez em 2006, fez em 2010, e agora faz em 2014. O povo não é bobo, candidato. O povo sabe que está sendo manipulada essa informação, porque não foi apresentada nenhuma prova. Eu irei à Justiça para defender-me e ao mesmo tempo, eu tenho certeza que o povo brasileiro vai mostrar a sua indignação no domingo, votando e derrotando **essa proposta que o senhor representa** e que é o retrocesso no Brasil.

Já no início do debate (enunciados 55 e 56 transcritos acima) aborda-se o tema corrupção, reafirmando o que já vinha acontecendo na campanha eleitoral como um todo. A grande incidência de pronomes pessoais e da primeira pessoa demonstra um discurso ainda pautado no homem político no que tange a sua moralidade. Podemos dizer que aqui temos o que Debray (1994) enuncia como sendo a substituição do debate de ideias pela análise da

moralidade, fato que reafirma a tessitura do discurso político na contemporaneidade. No entanto, na esteira de Le Bart (1998)<sup>66</sup> de que a conjuntura política pesa sobre a produção dos discursos, e, também, na esteira das condições de emergência foucaultianas, o momento de bipolarização política transparece na medida em que emerge uma ideologia, um grupo, um partido que se constitui por determinada proposta e se coloca, então, em determinada posição como no excerto: “essa proposta que o senhor representa” (enunciado 56, trecho em destaque).

O debate de 2014 começa a se configurar a partir de um distanciamento do que outrora constituía o discurso político em campanha eleitoral, que era a desideologização em detrimento da evidência do homem político. Desde o início, redesenha o discurso político eleitoral presidencial brasileiro em confronto, ao trazer características partidárias marcadas, ao ratificar a polarização política e ao se distanciar, dessa maneira, de seu desenho anterior. Em 2014, emergem as máquinas partidárias calcadas em suas ideologias originárias e diferenciam-se, novamente, uma esquerda e uma direita, não como se diferenciavam em 1989, pautadas nas divergências econômicas e ideológicas do capitalismo e do socialismo que ancoravam a bipolaridade mundial naquele momento, mas ainda assim antagônicas, de dois partidos com raízes nessa bipolaridade, porém inscritos nos anos 2000. Inicia-se um dizer calcado e marcado em formações discursivas divergentes, que estão não só sinalizadas no broche do paletó, mas também, em sua silhueta (gravata azul versus tailleur vermelho) e não mais nas formas cristalizadas. A *estratégia de aproximação* manifesta-se em toda a constituição desse sujeito político, vemos a emergência de um dispositivo de espetacularização que dá à imagem do sujeito político grande notoriedade.

O candidato Aécio, por exemplo, aparece sob a insígnia da valorização da estetização, encarnando ar de jovialidade, feição limpa. Durante o debate, contudo, o candidato parece, em vários momentos, expor um leve sorriso irônico que ratifica a agressividade que ali se edifica. Nessas circunstâncias, também a candidata Dilma retesa sua face, expondo feição de desagravo. Aqui, em 2014, no âmbito da estetização, a candidata Dilma Rousseff aparece com evidentes marcas de feminilidade, ao portar brincos maiores e colar mais brilhante do que usava em 2010. Nesse momento, no pleito de 2014, a candidata já ocupava o cargo de presidenta, assim sendo, já não parecia mais necessário apagar totalmente a feminilidade.

Como já pontuado, historicamente a sociedade se construiu a partir da divisão do público/rua e do privado/casa, tendo destinado ao homem a rua e à mulher a casa. A partir

---

<sup>66</sup> Citação original em francês: “La conjuncture politique pèse également sur la production des discours” (LE BART, 1994, p.40).

disso, foi vetada à mulher a sua participação e contribuição para o meio público, restringindo o papel da mulher ao privado. No entanto, nesse momento, a candidata já ocupava o cargo de presidenta, ou seja, ocupava devidamente o espaço público e supostamente sua imagem já havia circulado muito na sociedade, vindo a ser possível marcar mais fortemente a encarnação do feminino, até mesmo fazendo uso de batom de cor mais forte, pois se acreditava que já havia condição de considerar naturalizada a presença de uma mulher no cargo de presidência, já estaria licenciado e materializado em sua fala algumas cristalizações do dizer dito feminino como os diminutivos “brasileirinhos e brasileiras” e o termo “querido”.

Enunciado 57 - Dilma: Candidato, desculpa, você pode ser um dia candidato, né, **querido**. Mas o que eu quero te dizer, nós, hoje temos um milhão e 800 mil casas entregues. E tem um milhão e 800 mil em construção. A cada dia, esse número aumenta, porque as casas vão sendo entregues. Você pode ter certeza que esse foi o único programa feito desse porte no Brasil. Nós vamos construir até, nós vamos construir e entregar, contratar até o final desse ano, 3.750 milhões moradias. Nunca no Brasil aconteceu isso. Agora, por que eu acho que eu tenho condições de fazer? Porque nós construímos o programa, não é que ele seja monopólio, é que nós fizemos, eles jamais fizeram. Eles não têm experiência [Resposta de Dilma a eleitora indecisa de Belém sobre habitação].

Enunciado 58 - Dilma: Muito boa a sua pergunta. Eu tenho assim um grande compromisso com creche e pré-escola. Porque eu acredito que creche e pré-escola é o futuro do país. A gente dá oportunidade para os **brasileirinhos** e para as **brasileirinhas**, nós vamos fazer 6 mil creches, duas mil já entregamos, e estamos construindo mais 4 mil. Se eu for eleita, eu vou construir mais tantas creches quantos forem necessárias, primeiro, para a gente universalizar de quatro a cinco anos a pré-escola e ampliar o número de crianças de zero a três. Agora eu queria te dizer uma coisa, nós aprovamos uma lei no congresso, que dá 75% dos royalties e 50 do fundo social do pré-sal para a educação para, para quê? Para pagar melhor o professor. É a condição para esse país ter educação de qualidade [Pergunta de eleitora indecisa sobre educação].

O interlocutor masculino inserido no lugar que lhe é previamente destinado, detentor do poder cede, algumas vezes, espaço para a mulher que ali ocupa o mesmo lugar que ele. Por diversas vezes, o candidato Aécio mobiliza o verbo ‘dar’ seguido do termo ‘oportunidade’, produzindo sentido de detentor daquele espaço público de fala como o trecho destacado no enunciado 55, transcrito acima e também no excerto em destaque no enunciado 59 e 60 a seguir.

Enunciado 59 – Aécio: Candidata, eu **apenas dei a senhora a oportunidade** de apresentar sua defesa, não acredito que a acusação à revista ou a tentativa do seu partido de tirá-la de circulação seja a melhor resposta. A delação premiada traz ao réu o benefício dele obviamente apresentar provas, caminhos que levem à comprovação das acusações e nós temos que aguardar que isso ocorra. Uma outra revista, para ver que não há um complô contra a senhora, lança hoje na sua capa, a revista Isto É, fala da campanha da mentira, da campanha da infâmia. Hoje aqui no Rio de Janeiro, na sede do seu partido, foram apreendidos boletins apócrifos contra a minha candidatura. No Nordeste brasileiro, carros de som estão circulando, dizendo que se o eleitor votar no 45, ele está automaticamente desligado do Bolsa Família. A senhora se orgulha, candidata, de uma campanha nesse nível? [Réplica do candidato Aécio sobre corrupção na Petrobrás]

Enunciado 60 -Aécio: Candidata, vamos a um tema que interessa de perto a todos os brasileiros. Inflação, vamos voltar a ele, até porque é preciso que os brasileiros que nos assistem saibam que a senhora nos últimos debates reafirmou que a inflação no Brasil está sob controle. Eu não acredito nisso, candidata. Ela estourou o teto da meta, e ao mesmo tempo, a perversa equação que seu governo deixará ao sucessor e estou preparado para ela, a inflação alta e crescimento baixo. **Dou-lhe mais uma oportunidade**, o que o seu governo fará se vencer as eleições para controlar a inflação, candidata, ou ela não é um problema? [Questão sobre inflação proferida pelo candidato Aécio]

O debate foi permeado por ataques do início ao fim, mesmo quando os interlocutores se dirigiam aos eleitores, havia, nas respostas, referência ao outro candidato, marcado assim pela *estratégia de agressividade*, tornando esse debate, mesmo com todos os seus ritos e polidez necessários ao gênero, um verdadeiro embate. Amossy (2014) apresenta parâmetros para sistematizar e categorizar o funcionamento da violência verbal. Elencamos alguns desses parâmetros caros às análises. São eles: a) Ponto de vista apresentado é totalmente desconsiderado e ridicularizado. Linguisticamente, o contra-discurso não apresenta a fala adversária se não sob formas fortemente desvalorizantes, mobilizando todo o arsenal do discurso relatado. A fala do outro é reprisada, reformulada, descontextualizada e invalidada, de modo a lhe privar de sua coerência própria, tratando-a de forma irônica, paródica. b) O polemista ataca a própria pessoa do opositor. Temos aqui um argumento dito *ad hominem*, que foca mais na pessoa do que sua tese. c) O polemista usa insultos contra seu adversário. Atribui-se ao outro qualidades que o desqualificam. d) O polemista incita a violência contra o outro.

Os procedimentos usados foram variados, como:

i) A desqualificação *ad Hominem*

Enunciado 61 - Dilma: Eu acho que o senhor está mal informado (...) Candidato, o senhor não entende, não conhece direito então esse programa.

Enunciado 62 - Aécio: Mais um engano da senhora (...); Lamento, candidata, que a senhora esteja tão desinformada em relação ao seu governo..

ii) Ponto de vista ridicularizado por meio da ironia;

Enunciado 63 - Aécio: Fernando Henrique, aquele a quem a senhora teceu elogios que talvez eu não tenha tido ainda a oportunidade de fazer.

Enunciado 64 - Dilma: Aí, o senhor vai me desculpar, mas eu vou concordar com o humorista José Simão, vocês estão levando o Estado para ter um programa "Meu Banho Minha Vida" é isso que vocês conseguiram.

Houve até mesmo a quebra do rito instaurado no debate momento no qual o candidato Aécio expressa um riso irônico.

Enunciado 65 -Aécio: Eu era líder do PSDB, mas vamos deixar isso um pouco mais barato.

Enunciado 66 - Dilma: Dá no mesmo.

Enunciado 67 -Aécio: Para quem não conhece o Congresso Nacional, talvez sim, mas é muito diferente, muito diferente.



Figura 35

Ainda em relação aos procedimentos de agressividade, elencamos aqui o procedimento de direcionamento de respostas. A todo momento, os candidatos, ao responderem as questões, direcionam o ataque produzindo a agressividade e construindo a estratégia.

Enunciado 68 - Aécio: Candidata, aproveite a pergunta sobre o Minha Casa Minha Vida para mais uma vez denunciar o terrorismo que o seu partido vem fazendo.

Enunciado 69 - Dilma: O meu governo, nada, agora acredito que o seu tem muito que esconder quando se trata dos gastos com publicidade, não claramente veiculados no que se refere aos jornais e a televisão da sua família.

Muito diferente do debate de 2010, que era permeado pela *estratégia de docilização* que foi permitida pela própria arquitetura daquele debate, no qual não houve interlocução direta, o debate de 2014 consentiu estratégia diferente que foi até mesmo levada para o momento no qual o foco não era os dois candidatos, mas sim o eleitor, ou seja, no momento que os eleitores proferiam as questões, dividindo o foco com os candidatos.

O momento de polidez se dava devido às obrigações do gênero que impelem um rito e um mecanismo a ser seguido. Assim, a polidez ocorria somente quando era imposta pela necessidade do gênero, ou seja, de maneira forçada.

Enunciado 70 - Aécio: Candidata aqui nos brinda com uma pérola. Quer dizer que a senhora é contra o financiamento privado.

Enunciado 71 - Dilma: Empresarial, candidato.- Dilma

Enunciado 72 - William Bonner: Candidata, a senhora precisa aguardar que ele responda.

Enunciado 73 - Aécio: Vamos manter as regras?

Enunciado 74 - William Bonner: Vamos retomar do começo, 50 segundos para o candidato Aécio Neves.

Enunciado 75 - Aécio: Agradeço sua gentileza e a da candidata.

Quanto às *estratégias intrínsecas* que estão relacionadas às características do discurso político relacionadas com o plano de governo, ou ações realizadas em governos anteriores, como: argumentos pautados em dados estatísticos e/ou em números de investimentos, promessas e referência a programas e ações que já foram feitas anteriormente pelo candidato; ficam marcadas fortemente no momento em que há a interlocução entre o político e os eleitores como nos enunciados a seguir. Diferentemente do momento de interlocução direta que propiciou o embate, a estrutura da interlocução político/eleitor possibilita a predominância das *estratégias intrínsecas ao discurso político* (como destacadas nos enunciados abaixo); porém, não promovendo o total apagamento das outras estratégias, as quais coexistem na discursividade político eleitoral.

Enunciado 76 – Dilma: **Luiz Alexandre, muito boa pergunta.** Você vai me dar oportunidade para lhe falar do Minha Casa Minha Vida. **O Minha Casa Minha Vida contempla quem quer ter e comprar um imóvel até R\$ 5 mil. Com vários níveis de subsídio. Até R\$ 1.600, o subsídio é maior, mas nas duas outras faixas também tem subsídio que facilita a você a pagar a prestação.** Que não compromete muito da sua renda, e ao mesmo tempo garante uma série de vantagens, como, por exemplo, que você não pague o seguro, porque nós assumimos o seguro, e você também não tenha de dar garantias, porque a gente tem um fundo garantidor. Assim, **Luiz Alexandre, nós vamos fazer, se eu for eleita, mais 3 milhões de casas do Minha Casa Minha Vida, e vamos reajustar as faixas de renda, ampliando as faixas de renda.** Porque de quatro em quatro anos, a gente faz isso. A gente amplia as faixas de renda. E assim, eu tenho certeza que você vai poder ser uma das pessoas contempladas, caso você seja sorteado, porque é um processo bastante democrático. Para impedir que haja uso

político e manipulação. Não passa por nenhum órgão político, passa diretamente do empresário com você. O empresário que vai construir a casa e a gente não financia o empresário [Resposta da candidata ao eleitor indeciso que questionou sobre habitação].

Também é nesse momento que se privilegia a estratégia de aproximação com o eleitor, seguindo assim, a esteira dos debates anteriores que promovem pela sua arquitetura a possibilidade do candidato dividir o foco com o eleitor e dirigir-se a ele.

Enunciado 77 - Aécio: Renata, respondo com uma alegria enorme a sua pergunta, eu a cumprimento, estive na sua terra essa semana, peço que leve um abraço aos amigos do Pará, de Belém, e realmente se nós não enfrentarmos com coragem, não com promessas, mas com coragem a questão da baixíssima qualidade da educação no Brasil nós não vamos a lugar algum. Este é o grande desafio, **esta é a grande questão, eu fui governador de Minas, Renata, e consegui fazer com que Minas Gerais, que é o Estado que tem o maior número de municípios no Brasil, são 853, é um Estado muito heterogêneo, porque nós temos o nordeste encrustado no nosso território, conseguimos fazer com que Minas tivesse a melhor educação do Brasil. A minha proposta é fazer isso em todo o Brasil, nós vamos começar pelas creches, e as creches que tiverem recurso público no nosso governo vão ficar abertas até oito horas da noite, como a pré-escola, que vão receber crianças, também com qualidade ficarão abertas até esse horário.** Vamos qualificar o ensino médio flexibilizando os currículos, Renata. É muito importante que a pessoa se forme para uma atividade que vai exercer na região onde a família more. É muito importante, compromisso do meu governo, apoiar a qualificação e a remuneração dos professores. Nós não vamos ter educação de qualidade se os professores não forem bem remunerados. O meu governo vai apoiar aqueles municípios e Estados que remuneram pior os seus professores, que têm dificuldades financeiras de dar um salário melhor e uma qualificação melhor a seus professores, nós vamos revolucionar a educação no Brasil, Renata [ Resposta do candidato a pergunta sobre educação].

Diferente dos anteriores debates dos anos 2000, a referência aos partidos se deu aqui de maneira intensa, não havia nominalizações como em 2002, mas sim a evidência dos agentes das ações mais fortemente marcada pela mobilização da denominação partidária, no caso PT e PSDB, o que reforça a *estratégia de polarização partidária/ideológica*, distanciando os dois candidatos que se mostravam realmente antagônicos e marcando suas inscrições em seus partidos. Isso também se dava, já naquele momento, nos movimentos das ruas, da sociedade, como podemos demonstrar nas transcrições aqui ilustradas,



Enunciado 78 - Aécio: Candidata, o ano passado, um ano não eleitoral, o seu partido, o **PT**, recebeu 80 milhões de reais em doações empresariais, candidata. Que o senhor seu partido não têm autoridade para falar sobre isso. A sua campanha é uma campanha milionária. Agora, às vésperas do segundo turno, o seu coordenador financeiro da campanha pediu para aumentar o teto de gastos, porque não tinha mais onde colocar dinheiro, candidata. Eu não, eu sempre defendi limitações no financiamento privado e defendi o voto distrital misto, e defendi a cláusula de desempenho, algo, inclusive, que foi aprovado no tempo em que eu estava na Câmara dos Deputados. A senhora apresenta uma proposta que eu gostaria de conhecê-la, porque não sei como funcionaria, dois turnos de eleição proporcional, essa é a primeira vez que ouço. As nossas propostas para reforma política estão claras, entre elas, o fim da reeleição e mandatos de cinco anos para todos os cargos públicos [Tréplica de Aécio a sua questão sobre reforma política<sup>1</sup>

Enunciado 79 - Aécio: Minha querida conterrânea, eu reconheço que você hoje expressa o sentimento de milhões de brasileiros que não aguentam mais abrir todos os dias os jornais e ver qual é o caso novo de corrupção, e quando não há punição a indignação é ainda maior. É o que nós estamos assistindo no Brasil de hoje, eu vejo a candidata Dilma apresentar aqui um conjunto de propostas. Muitas delas estavam em tramitação no Congresso Nacional durante esses últimos anos, não houve qualquer ação do **PT** ou do governo do **PT** para que algumas dessas propostas pudessem avançar. Por quê? Porque não houve preocupação do **PT** no combate efetivo à corrupção. Essa é a grande realidade. Eu vou dizer olhando nos seus olhos. Existe uma medida que está acima de todas as outras e não depende do Congresso Nacional para acabarmos com a corrupção no Brasil, vamos tirar o **PT** do governo.- **Aécio** [Resposta de Aécio a eleitora indecisa sobre o tema corrupção<sup>1</sup>

Enunciado 80 - Dilma: Carla, muito boa sua pergunta, porque ela mostra uma coisa: quem criou o fator previdenciário? Criou o fator previdenciário o governo **PSDB**, sendo líder o senador, na época eu acho que ele era deputado. Então, Carla, essa é uma questão muito séria. E você perguntou o seguinte: quando o país ficar cheio de idosos, quem vai pagar a aposentadoria daqueles que ficaram idosos e que não trabalham? Vai ser, como sempre, o pessoal da ativa. Por isso, quando a gente olha para a questão do fator previdenciário, é muito importante abrir a discussão com as centrais sindicais. Nós sistematicamente abrimos. Quase chegamos a um acordo de 85 para a mulher, 95 para os homens. Eu acredito que esse acordo é possível, um acordo que resolva a questão criada pelo governo do **PSDB**, que é esse do fator previdenciário. [Resposta da candidata sobre previdência<sup>1</sup>

Enunciado 81 - Dilma: Para o seu governo, candidato, os seus governos, tanto do **PSDB** como o seu em Minas Gerais, vocês jamais repassaram para as APAE o que nós repassamos em todo o meu período de governo. R\$ 5,9

milhões. Isto, candidato está escrito e registrado. Nós fizemos com as APAE o maior programa dentro do que nós entendemos como viver sem limites. Ao mesmo tempo, candidato, nós oferecemos para as pessoas com deficiência toda uma assistência e uma atenção, seja no que se refere à saúde como à educação. Além disso, candidato, tem um dado importantíssimo, a nossa política para as pessoas com deficiência reconhece nas pessoas com deficiência cidadãos brasileiros [Tréplica sobre o tema políticas para pessoas com deficiência]

Por fim, a partir das categorias elencadas é possível demonstrarmos o funcionamento das estratégias no discurso político eleitoral ao elucidar como se configura o sujeito político eleitoral brasileiro e a discursividade política eleitoral presidencial em debate. Dessa maneira, no capítulo seguinte, objetiva-se explicar o funcionamento de tais estratégias no que concerne à predominância e à incidência do dispositivo de espetacularização, o qual interfere na construção das tais estratégias e molda o discurso político eleitoral em debate e seu sujeito.

## Capítulo III

### As mutações do debate

*É pelo movimento de continuidade e também,  
pelo de descontinuidade que funciona um dispositivo,  
“assim, todo o dispositivo se define pelo que detém em novidade e  
criatividade, e que ao mesmo tempo  
marca a sua capacidade de se transformar,  
ou de desde logo se fender em proveito de um dispositivo futuro.  
Deleuze, 2015*

Pretendemos, neste terceiro e último capítulo, delinear as considerações advindas das análises que nos demonstram a constituição do discurso político presidencial eleitoral no Brasil. É possível, a partir das análises empreendidas em nosso trabalho, traçar características do discurso político presidencial eleitoral em debate televisivo e a construção do sujeito político em campanha eleitoral regido pelos dispositivos de espetacularização a fim de atestar o funcionamento de tal dispositivo.

### 3.1 Sobre a incidência do dispositivo no discurso: um movimento recíproco

*Pertencemos a um dispositivo e nele agimos.  
Deleuze, 2015*

Em seus trabalhos sobre a produção de saberes e a arqueologia das ciências humanas que norteiam sua fase arqueológica Foucault (1986) traz como foco os domínios da *episteme*, debruçando-se inicialmente sobre o discurso e o enunciado. No entanto, ao voltar-se aos estudos do poder, Foucault irá repensar no sentido de buscar um referencial teórico-metodológico mais apropriado para esse novo desafio, o que permite o surgimento da noção de dispositivo com o intuito de se circunscrever na lida com uma massa documental e institucional e, assim, entender do funcionamento do poder (PAIXÃO, 2017).

O dispositivo se caracteriza pela sua inscrição num jogo de poder, ligado a configurações de saberes que produz algo na sociedade, por isso, estamos inscritos em um dispositivo e nele agimos, há um dispositivo que incide sobre o sujeito e o constitui (DELEUZE, 2015). Segundo Sargentini e Varoni de Carvalho (2014, p.28), “Uma das principais funções do dispositivo seria, conseqüentemente, a capacidade de atuar na produção da subjetivação”.

Os dispositivos atuam na produção/fabricação de sujeitos historicamente situados, envolvidos em uma trama de discursos a partir dos quais se constituem, aderindo-os ou a eles se opondo. Essa ligação entre o discursivo e o histórico nos direciona a problematizar a subjetividade como construção/fabricação, sempre movente, e descartar qualquer concepção totalizadora e transcendental em relação ao conceito de sujeito, tomando-o como uma forma histórica, “modelada a cada época pelo dispositivo e pelos discursos do momento” (FERNANDES, 2015, p. 179, grifos do autor).

Assim, os dizeres de Veyne (2009) e os apontamento de Foucault (2004) fortalecem o fato do sujeito estar atravessado pela história e pelos discursos que o constituem. A partir das metamorfoses dos espaços permitidos à fala pública, da utilização das mídias modernas como suporte para essa fala, dos palanques à televisão e mais recentemente às mídias sociais que seriam se constituem por novos dispositivos dando vazão a “novos sujeitos que se formam a partir da relação com os dispositivos” (SARGENTINI E VARONI DE CARVALHO, 2014 p. 28). Dessa maneira, a noção de sujeito foucaultiana é muito cara ao tratarmos de dispositivo já

que concebe o sujeito como sendo fruto dos lugares sociais que ocupa o indivíduo, pois, ao transitar por diversos lugares, ele deixa ver a heterogeneidade que o constitui como produto desses diversos dispositivos pelos quais ele está perpassado. Nesse caminho, é possível entender como o referencial condiciona a emergência do enunciado que mantém com o sujeito uma relação determinada.

o sujeito do enunciado é uma função determinada, mas não forçosamente a mesma de um enunciado a outro; na medida em que é uma função vazia, podendo ser exercida por indivíduos, até certo ponto, indiferentes, quando chegam a formular o enunciado; e na medida em que um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos (FOUCAULT, 2009, p.105).

Concebe-se “um sujeito *enunciador*, que enuncia de uma *situação de enunciação* determinada, de um lugar definido por um sistema construído nas relações sociais” (PIRES, 2012, p.27). O *dispositivo de espetacularização* incide na constituição do sujeito político eleitoral brasileiro e produz, então, as estratégias do discurso político eleitoral e a construção daquele corpo. Assim, a noção de dispositivo dada, segundo Sargentini (2015, p.24) seria:

Como um percurso metodológico que incorpora na análise os discursos por sua vez expressos por elementos heterogêneos (ou ainda composto por enunciados, que são, conforme expressão foucaultianas, elementos discursivos e não discursivos). Essa articulação ressaltada por Courtine (2013, p.29): “se existe algo que parece não deixar nenhuma dúvida, é realmente o fato que não existe discurso fora dos dispositivos, e dispositivos sem discurso”.

O discurso e o dispositivo estariam essencialmente imbricados para sua constituição, ideia que pode ser comprovada, por exemplo, por meio do debate político eleitoral quando suscita um determinado discurso político eleitoral para existir e, ao mesmo tempo, emerge para constituir o dispositivo. Ademais, se os dispositivos funcionam como máquinas de fazer ver e fazer falar, o dispositivo de espetacularização faz ver pelo processo de estetização que se constitui pelas mudanças e intervenções no rosto e na silhueta, faz falar nas mudanças, regularidades e diferenças por meio da materialidade linguística, do verbal e do visual que funcionam em consonância para produzir determinados sentidos. O político aparece na campanha eleitoral juntamente se ocupando de diferentes estratégias discursivas quando se depara com a necessidade sócio-histórica de se transformar, o que exige do discurso político

e dos debates eleitorais, novos procedimentos, novos modos de expressão advindos da espetacularização, pois “cada dispositivo tem seu regime de luz, uma maneira como cai a luz, se esbate e se propaga, distribuindo o visível e o invisível fazendo com que nasça ou desapareça o objecto que sem ela não existe” (DELEUZE, 2015, p.84).

Assim, o debate produziu-se na arquitetura de uma arena e o estilo norte americano foi incorporado em virtude do *dispositivo de espetacularização* não só reger uma parte da construção social, mas também funcionar como um todo na contemporaneidade ao interferir e construir o discurso político eleitoral do presente. A arquitetura, no caso a arena dos anos 2000, é a materialização do funcionamento desse dispositivo em sua intensidade, é exatamente esse formato, o do espetáculo da antiguidade, que toma o lugar da fala pública, mais ainda, da fala pública eleitoral que comprova a existência desse dispositivo e ilumina sua heterogeneidade.

Nesse sentido, há um dispositivo em que buscamos os elementos que intervieram em uma racionalidade, em uma organização (FOUCAULT,1993), portanto, defendemos aqui o fato do debate eleitoral demonstrar tal funcionamento, pela sua arquitetura, pela materialidade linguística e pela construção do corpo do sujeito:

Foucault (2003) no texto “Sobre a história da sexualidade” de 1978, esclarece o que considera como de natureza essencialmente estratégica, o que pressupõe uma certa manipulação das relações de força, uma intervenção racional e organizada nestas relações de força, seja para desenvolvê-las em determinada direção seja para bloqueá-las, estabilizá-las, utilizá-las. O dispositivo, portanto, estaria inscrito em um jogo de poder, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. Resumindo, seriam as estratégias de relações de força sustentando tipos de saber sendo sustentadas por eles (SOUSA, 2015, p. 159).

Sousa (2015), ainda exemplifica, ao falar do dispositivo de inovação, pautando-se em artigo de Verri que diz que “há uma afirmação em engenharia de que só inventa e inova quem vivencia disfunções”, assim a possibilidade de doença e morte já garante o sucesso do dispositivo de inovação: “Esse é o fundamento principal de um dispositivo: atender a uma urgência, função estratégica para controlar e dominar pelo saber” (SOUSA, 2015, p. 165). Dessa maneira, o dispositivo tem como função principal responder a uma urgência em determinado momento histórico.

entre esses elementos existe, segundo Foucault, um tipo de jogo, mudanças de posição, funções diferenciadas e, por último, esse jogo, construído pelos dispositivos, liga-se a tipos de formações que respondem a uma certa urgência histórica (FERNANDES, 2015, p.179).

A formação de um dispositivo se dá em um dado momento histórico tendo como função responder a uma urgência, exercendo (para atender a interesses de alguns) uma função estratégica dominante. A exemplo disso, a própria atuação da rede Globo em relação aos debates que se constituem em um processo de perpétuo preenchimento estratégico, pelo surgimento de novas tecnologias televisivas sejam elas: câmeras que promovem melhor nitidez, áudio mais purificado, transmissões em HD e, também, pelo surgimento de novas mídias. Fato que permite um grande financiamento das campanhas as quais se enquadram os grandes partidos, os que possuem um montante orçamentário robusto o que nos faz não poder distinguir em que lugar tal dispositivo atua mais fortemente.

Tínhamos como hipótese, em um primeiro momento, que os partidos que se intitulam de esquerda se inscreveriam na fissura desse dispositivo. No entanto, tal hipótese não foi confirmada, pois, até mesmo os partidos que se inscrevem e se intitulam ser de esquerda no Brasil como o PSOL<sup>67</sup>, por exemplo, pelo próprio movimento de *preenchimento estratégico*, sofrem incidência de tal modo que nos leva a entender que esse é fortemente dependente da verba, do financiamento para assim sustentar-se. Nesse caminho, “não seria provavelmente errado definir a fase extrema da consolidação capitalista que estamos vivendo como uma gigantesca acumulação e proliferação dos dispositivos” (AGAMBEM, 2015, p.13). A partir disso, partidos pequenos<sup>68</sup> como Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) ou Partido Trabalhista do Brasil (PTdoB), com nenhuma representação no congresso, tornam-se os elementos da ruptura desse *dispositivo de espetacularização*, na medida em que não possuem subsídios financeiros suficientes para se sustentarem.

propos como hipótese que o termo "dispositivo" é um termo técnico essencial do pensamento de Foucault. Não se trata de um termo particular, que se refira somente a esta ou aquela tecnologia (...) Foucault como sabem, sempre recusou a se ocupar daquelas categorias gerais ou entes da razão que chama de "as universais", como a Estado, a Soberania, a Lei, a Poder. Mas isto não significa que não há, no seu pensamento, conceitos operativos de caráter geral. Os dispositivos são precisamente o que na estratégia foucaultiana ocupa o lugar dos Universais: não simplesmente esta ou aquela

---

<sup>67</sup> “Hoje, nove anos após a sua fundação, o PSOL se destaca no cenário nacional por ser um partido coerente, ético, combativo e de esquerda” Disponível em: <<http://www.psol50.org.br/partido/historia/>>.

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/blog/eleicao-em-numeros/post/pt-e-pmdb-encolhem-mas-mantem-maiores-bancadas-no-congresso-psdb-cresce-na-camara.html>> Acesso 28 abril 2017.

medida de segurança, esta ou aquela tecnologia do poder.(AGAMBEM, 2005, p.11).

Agambem (2005, p.13) generaliza ao denominar “literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. O que concretiza, na medida em que molda a discursividade política eleitoral contemporânea e compõe o sujeito político eleitoral, o *dispositivo de espetacularização*. Os dispositivos, não sendo simples “modos de classificação dos objetos do saber ou aparatos do exercício de um poder, mas eles são, além disso, instrumentos de produção do sujeito” (COURTINE, 2013, p.130), trabalham na subjetivação, aqui demonstrada no produto final no que Couloumb-Gully (2001) denomina de *encarnação*.

Uma linha de subjectivação é um processo, uma produção de subjectividade num dispositivo: ela está para se fazer, na medida em que o dispositivo o deixe ou o torne possível. (...) O si próprio não é nem um saber nem um poder. É um processo de que diz respeito a grupos ou pessoas, que escapa tanto às forças estabelecidas como aos saberes constituídos: uma espécie de mais-valia (...) São estas regras facultativas da orientação de si próprio que constituem uma subjetivação, autônoma, mesmo se esta é chamada, em consequência disso, a fornecer novos saberes e inspirar novos poderes (DELEUZE, 2015, p 87).

Ainda pautados em Deleuze (2005), podemos dizer que são as curvas de enunciação e de visibilidade da máquina de fazer falar e ver que são o dispositivo que nos faz olhar objetos sincréticos e compreender o discurso a partir do funcionamento dos dispositivos, como pontua Courtine (2013, p.27) “o discurso deve ser compreendido a partir daquilo que Foucault chama de dispositivo”. Desse modo, dispositivos que se constituem por sua heterogeneidade na medida em que incorpora leis, arquitetura, instituições... não existindo assim “discurso fora dos dispositivos, e dispositivos sem discurso” (COURTINE, 2013, p. 29).

É antes de mais uma meada, um conjunto multilinear, composto por linhas de natureza diferente. E, no dispositivo, as linhas não delimitam ou envolvem sistemas homogêneos por sua própria conta, como o objecto, o sujeito, a linguagem, etc., mas seguem direcções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio, e que ora se aproximam ora se afastam. Qualquer linha pode ser quebrada – está sujeita a variações de direcção – e pode ser bifurcada, em forma de enforquilha – e está submetida a derivações. Os objectos visíveis, os enunciados formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vectores ou tensores. Por



isso, as três grandes instâncias que Foucault vai sucessivamente distinguir Saber, Poder e Subjectividade, não possuem contornos definitivos de uma vez por todas; são antes cadeias de variáveis que se destacam umas das outras (DELEUZE, 2005, p. 83).

Foucault (1986), ao tratar de enunciado, pontua a necessidade do “efetivamente dito” não ficando o dispositivo longe disso na medida em que ele somente pode ser capturado em funcionamento, já que incide na prática discursiva e no sujeito. Segundo Veyne (2011), é possível exemplificar os dispositivos pela ideia das lentes, pois “são como as lentes através das quais, a cada época, os homens perceberam todas as coisas, pensaram e agiram; elas se impõem tanto aos dominantes quanto aos dominados, não são mentiras inventadas pelos primeiros para dominar os últimos e justificar sua dominação” (VEYNE, 2011, p. 51), somos constituídos e construídos por dispositivos, o que não nos permite pensar qualquer coisa em qualquer momento, mas sim o que é passível de emergência naquele momento, naquele tempo em que se vive. Ainda Veyne (2011, p.49) ilustra tal noção de “controle” a partir da metáfora do aquário, pois, “sempre somos prisioneiros de um aquário do qual nem sequer percebemos suas paredes” e, caso mudemos de aquário – pois há sempre essa possibilidade –, é para nos encontrarmos dentro de um novo aquário”, ou, no entendimento de Agambem (2005), como já postulado anteriormente, de que os dispositivos determinam, modelam, controlam as opiniões e os discursos dos seres viventes.

Foucault (1999), ao trazer para suas discussões a noção de dispositivo, demonstra seu funcionamento por meio dos dispositivos de sexualidade e aliança. Historicamente, o dispositivo de sexualidade emerge como mecanismo a sobrepujar o dispositivo de aliança, o qual vai perdendo sua função, a partir do século XVIII, na medida em que não é mais pertinente as estruturas econômicas e políticas vigentes, ficando, então, caracterizado por um “sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens” (FOUCAULT, 1999a, p. 100) encoberto pelo de sexualidade.

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 1999b, p. 100).

A partir de Deleuze (2005), retomamos o que já foi dito em capítulo anterior sobre a existência de diferentes dimensões, curvas ou linhas na composição de um dispositivo. As

*curvas de dizibilidade*, segundo Paixão (2017, p.78) “referem-se ao que é disponibilizado a se dizer, a ser enunciado, levando em consideração as posições diferenciais de seus elementos” As *curvas de visibilidade* dizem respeito àquilo que é permitido ser lançado a luz – “a visibilidade de uma época é o regime de luz, e as cintilações, os reflexos, os clarões que se produzem do contato da luz com as coisas” (DELEUZE, 2010, p. 124). As *linhas de força* “estabelecem o vaivém entre o ver e o dizer, agem como flechas que não cessam de entrecruzar as coisas e as palavras, sem que por isso deixem de conduzir a batalha” (DELEUZE, 2005, p. 85); as *linhas de subjetivação* são “um modo intensivo e não um sujeito pessoal. É uma dimensão específica sem a qual não se poderia ultrapassar o saber nem resistir ao poder ” (DELEUZE, 2010, p. 128). Nessa direção, podemos afirmar que os dispositivos incidem nos processos de subjetivação, já que são eles os “aquários” nos quais os sujeitos se constituem e se constroem e o sujeito seria “filho de seu tempo; não é possível tornar-se qualquer sujeito em qualquer época” (VEYNE, 2011, p. 179).

Anteriormente, foi afirmado que os dispositivos são uma espécie de maquinaria de que se serve o poder para obter seus propósitos de subjetivação. Nos estudos pertencentes à genealogia foucaultiana, alguns desses dispositivos são trazidos à tona e busca-se demonstrar sua emergência, como resposta a uma urgência, bem como descrever como opera o seu funcionamento. Tendo em mente que essas aparelhagens são processos singulares, que “operam distintamente e de forma específica em relação a outros dispositivos, não têm coordenadas constantes” (STASSUN; ASSMANN, 2010).

Dessa maneira, postulamos que esse novo *dispositivo* então é materializado no que é veiculado nas campanhas eleitorais e o que por nós é demonstrado com as estratégias, os procedimentos linguístico-discursivos e a produção do corpo promovendo a encarnação, ou seja, a produção do sujeito político em campanha eleitoral

Diante de nosso *corpus* que compreende debates ocorridos em um período de 29 anos, foi possível constatar o funcionamento do *dispositivo de espetacularização* que atinge sua maior intensidade nos anos 2000, chega ao seu esplendor em 2014, o que é apreendido pela mudança da arquitetura que gera maior visibilidade, pelas diferentes estratégias desse discurso e seus diferentes procedimentos linguísticos que demonstram as mudanças na dizibilidade, as diferenças na constituição da silhueta do candidato em seu processo de encarnação, fato que incide na subjetivação.

Traremos, a seguir, considerações acerca dos debates com o intuito de demonstrar o funcionamento do dispositivo e deixar mais claro as regularidades e as diferenças no discurso

político eleitoral em debate e evidenciar as estratégias adotadas em momentos histórico-ideológicos distintos.

## 3.2 Retorno às eleições diretas: Campanha de 1989 e a necessidade do distanciamento

*O grande ano da segunda metade do século passado não foi 1968, mas 1989. O colapso do império soviético e a destruição dos regimes socialistas europeus, bem como a inviabilização dos projetos bicentenários de revolução política e social redesenham o mundo, Elio Gaspari, 2007<sup>69</sup>*

Em meio à efervescência mundial com a queda do Muro de Berlim e a dissolução da União Soviética, 1989 cedia espaço para a primeira eleição presidencial democrática brasileira após o período ditatorial (1964-1985). Aquele debate foi um dos primeiros momentos de fala “livre” e de interlocução direta dos candidatos. Foi também um debate que gerou polêmica na sociedade devido à edição feita pelo Jornal Nacional no dia seguinte.

Naquele momento, tínhamos um candidato que já era muito presente na política nacional devido sua atuação nos sindicatos e sua importância na criação do Partido dos Trabalhadores, criado em 1980<sup>70</sup>, Luis Inácio Lula da Silva, e um candidato, Fernando Collor de Melo, que possuía representatividade apenas no Nordeste do país e que não era conhecido nacionalmente. Fernando Collor fazia parte do recém-batizado Partido da Reconstrução Nacional que nasceu Partido da Juventude em 1987<sup>71</sup>.

Após tempos de Lei Falcão (Lei 6.339 de 1976 ganhou o nome do então ministro da Justiça, Armando Falcão) que proibia qualquer campanha eleitoral e permitia somente a divulgação da foto, da legenda, currículo e do número do candidato na televisão e que foi revogada em 1984, a campanha eleitoral presidencial de 1989 deu ao marketing a chance dos seus primeiros passos no campo político. Anteriormente a 1989, foi a campanha de 1974, do

---

<sup>69</sup> Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2612200713.htm>>. Acesso em março de 2017.

<sup>70</sup> Partido dos Trabalhadores (1980) - Partido político. Registro provisório: Res.-TSE nº 10.965, de 1.12.1980. Registro definitivo: Res.-TSE nº 11.165, de 11.2.1982. Sigla: PT. Número: 13. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/partido-politico>. Acesso em março de 2017.

<sup>71</sup> Partido da Juventude (1987) - Partido político extinto. Registro provisório: Res.-TSE nº 13.992, de 3.12.1987. Alterou sua denominação para Partido da Reconstrução Nacional (PRN) (Res.-TSE nº 15.244, de 11.5.1989) que, por sua vez, alterou sua denominação para Partido Trabalhista Cristão (PTC) (Res.- TSE nº 20.796, de 24.4.2001). Sigla: PJ. Número: 36. Disponível em: <http://www.tse.jus.br/eleitor/glossario/termos/partido-politico>. Acesso em março de 2017..

Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que possuiu um formato televisivo próximo do que é hoje, com período de *spots* na televisão, sob a coordenação de Fernando Henrique Cardoso que organizava a mensagem política da campanha.

Naquele debate do ano de 1989, devido sua arquitetura, sua disposição, os candidatos respondiam a jornalistas e não a eleitores como se tornou mais frequente em anos seguintes, nos anos 2000, os jornalistas eram todos convidados das grandes corporações midiáticas (não se pautava na ocasião a problemática de uma posição hegemônica dos meios de comunicação). Tal estrutura alimentava a produção de um discurso polarizado, juntamente com as questões que eram encaminhadas e fortaleciam a polarização, como por exemplo, a pergunta proferida pelo jornalista Boris Casoy (enunciado 8, trecho transcrito abaixo) na qual ele diz:

Enunciado 8 – Boris Casoy: Pediria aos senhores, que se posicionassem, dessem a sua opinião sobre as transformações no mundo comunista sob o aspecto econômico e de que maneira esses fatos, essas transformações podem" ser aproveitadas no Brasil como **lição**.

Ao empregar o termo “lição” (análise detalhada no capítulo 2), o jornalista argumenta na direção de que algo negativo deve ser visto para não ser repetido. A formulação dessa questão favorece o candidato Fernando Collor que responde que o seu governo tomou isso como lição a não ser seguida. Dessa maneira, o candidato Lula em um esforço de deslizamento de sentido, desfaz o valor negativo de “tomar como lição” ao afirmar que se trata de tomar como “exemplo”, movimento que denominamos de *Estratégias de afastamento*, tão caro ao discurso político daqueles idos 1989.

Naquele período, somente os jornalistas estavam autorizados proferir as questões, pois eles possuíam credibilidade para isso, nesse momento de redemocratização o eleitor não era peça integrante da *mise en scène* eleitoral, encontrava-se sob o distanciamento marcado pelo palanque, pelo *surplomb* que autorizava determinados dizeres a partir de um certo lugar de poder, assim a *estratégia de aproximação com o eleitor* não ocupava a televisão, não tínhamos ali uma arquitetura que focalizava também o eleitor, eles nem ao menos apareciam, estavam designados a serem apenas telespectadores do embate político eleitoral.

Como nos explica Coulomb-Gully (2003) com a ideia de “intimidade distante” e Régis Debray (1994) com a “fascinação pela aproximação” que davam seus primeiros passos na política brasileira da redemocratização. A *estratégia de aproximação com o eleitor* estaria entrelaçada com as *estratégias intrínsecas ao discurso político* e era vista na materialidade a

partir do dizer que se construía do geral ao particular, como no enunciado 2 que trouxemos o seguinte recorte:

Enunciado 2 - Collor: vamos sim aumentar o salário mínimo, (...) vamos dar casa, vamos dar saúde e educação, é por isso que o seu Pedro e pessoas com ele.

Ou mesmo fazendo uso de referências populares seja por meio de ditados ou dizeres de personalidades populares, como no enunciado 82, a seguir, no qual se aproxima o eleitor do candidato, faz funcionar a principal finalidade do discurso político eleitoral: angariar eleitores.

Enunciado 82 - Lula: (...) grupo de políticos que age como se fosse aquele início do programa da, antes das eleições beijinho, beijinho, depois das eleições tchau, tchau- Lula, (...) porque de promessa o inferno tá cheio.

Em 1989, tivemos o que chamamos aqui de primeiros passos do marketing político, que se solidificou em 2002, mas já mostrava sinais na propaganda eleitoral gratuita transmitida naquele ano. No entanto, o debate ainda possuía uma estrutura tradicional, o trabalho do marketing estava voltado para o horário político, mais especificamente, nas narrativas na *Rede Povo*, programa do PT pautado em toda a padronização visual da Rede Globo com o jingle *Lula Lá*, na campanha dos *Trilhos do trem* de Collor.

O debate seria um suporte que, a priori, não permitiria muita mudança, contudo, naquele momento, já tínhamos um Lula vestindo terno e gravata, por exemplo, o que dava indícios do que viria a ser construído posteriormente. Assim, em 1989, a política eleitoral brasileira ainda não se encontrava funcionando plenamente pela incidência do *dispositivo de espetacularização*, não era o corpo o principal produtor de sentido e material de estetização, somente em 2002, se tornaria de grande importância.

Em diversos momentos, o debate de 1989 parece se construir a partir de um “diálogo de surdos” na medida em que os candidatos não respondem ao que foi perguntado. No entanto, há a mobilização de procedimentos de direcionamento temáticos quando trazem temas caros para fortificar as estratégias dominantes no debate. No caso desse debate, por exemplo, ao responder a questão do jornalista Fernando Mitre, da rede de Televisão Bandeirantes, sobre o temor de uma fase de descrença na sociedade brasileira, o candidato

Fernando Collor inicia sua resposta citando o presidente do partido opositor (PT), ataca o adversário e fortifica a agressividade.

Enunciado 2 - Collor: Paraná que tem muitos nordestinos e que recebeu do presidente do PT, lá no Paraná, os nordestinos, a seguinte frase: “O Nordeste já é uma espécie de gueto aonde vivem hoje mais de trinta milhões de pessoas praticamente inúteis para o resto do país<sup>72</sup>”.

A estratégia predominante no debate de 1989, atestada entre outros procedimentos pelos direcionamentos temáticos, foi a *estratégia de agressividade* que se entrelaçava com a *estratégia de afastamento partidário/ideológico* ao fazer do debate uma metonímia do movimento político ideológico da sociedade naquele início da tão frágil democracia brasileira.

---

<sup>72</sup>Trechos da questão proferida por Fernando Mitre: “O senhor Pedro Manuel do Rosário é um brasileiro de 52 anos (...) e mora numa casa muito humilde (...) no interior do Paraná. Ele disse, isto está numa das revistas semanais brasileiras recentemente, que vai voltar no Fernando Collor porque na primeira semana de governo “Ele vai mudar a nossa vida”. (...) O senhor não teme, se eleito, uma fase, logo no primeiro ano de governo, de uma descrença muito grande com uma frustração profunda e até perigosa podendo contribuir para algo semelhante a uma desagregação social no país?”

### Características do debate de 1989

1989 <sup>73</sup>	Rosto	Silhueta	Verbo
Estratégia de Agressividade	Semblante sisudo, rosto rubro, testas enrugadas	Punhos cerrados levados ao peito, dedo em riste, batidas de mãos ao peito	Evidência de mecanismos de referência, incidência de anáforas, incidência de pronomes, apagamento do nome do) candidato, termos chulos.
Estratégia de Aproximação do Eleitor			Mobilização de ditados populares. Fala direta ao eleitor, demarcando um grupo, mesmo que mobilizando a segunda pessoa do singular Passagem da narrativa do geral para o particular referenciando um nome próprio
Estratégia de Afastamento Partidário/ideológico	Mão ao rosto como pensador	Alta incidência de formas cristalizadas, direcionamento temático caros às posições, processo de referenciamento por anáforas Discurso religioso presente no dizer do candidato do PRN	

<sup>73</sup> ED- Estratégia de docilização; EA- Estratégia de agressividade; EAD- Estratégia de Aproximação do político com o eleitor; EAFP- Estratégia de Afastamento partidário/ideológico; EAPP- Estratégia de Aproximação Partidária/Ideológica.

### 3.3 O apagamento da esquerda e a necessidade de aproximação: pleitos de 2002 e 2006

O início dos anos 2000 inaugura um novo modelo de debate. Após os eleitores nos anos 90, 1994<sup>74</sup> e 1998<sup>75</sup> não presenciarem debates proporcionados pela Rede Globo no primeiro turno e não havendo segundo turno, é o ano de 2002 que reinaugura a produção dos últimos debates das campanhas eleitorais. Surgindo com novo modelo e nova arquitetura o debate de 2002 instaura devidamente a marketização do discurso político. Naquele momento, temos a produção de sujeitos diferentes os quais aparecem devidamente estetizados, ou seja, surgem com outra imagem, carregando em seus corpos e em seus dizeres uma diferente configuração, diferente daquela de 1989. O ano de 2002 inaugura deveras o processo de estetização do sujeito político e instaura o funcionamento do dispositivo de espetacularização em todas as instâncias da campanha eleitoral, inclusive no debate presidencial.

O debate de 2002 se configura pelo forte controle, dado pela aquela nova arquitetura, e pela pasteurização daquele debate, o qual não deu subsídios para fortes embates entre os candidatos e que manteve, como predominante, a *estratégia de docilização*, seguida da *estratégia de aproximação ideológica*, sendo o primeiro momento, no debate, que emerge o aproximação. A estetização, ali instaurada, e o corpo tomam seu lugar de representação permitidos pela nova arquitetura. A arena permitiu uma focalização total do corpo do candidato, funcionando diferentemente do palanque ao fazer com que o corpo represente e com que o foco se divida entre eleitor e candidato. Promoveu-se, assim, a estratégia de aproximação tão cara aos candidatos e à televisão.

---

<sup>74</sup>A legislação eleitoral determinou também que a realização de debates entre os presidenciáveis só seria permitida se as emissoras assegurassem a presença de todos os, na época, oito candidatos. Admitiria-se a ausência apenas se o veículo de comunicação comprovasse haver convidado o candidato com antecedência mínima de 72 horas. O debate poderia ser feito de duas formas: num único dia ou em dias diferentes, sendo que a escolha dos participantes de cada dia seria feita através de sorteio. Por esse motivo, a Globo preferiu não promover nenhum debate. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-1994/porque-nao-houve-debate.htm>> Acesso em fev 2017.

<sup>75</sup>Naquele ano, a Globo não realizou debate no primeiro turno, devido ao grande número de candidatos (12), como já acontecera em 1994. A legislação obrigava que todos os concorrentes fossem chamados ou, não havendo acordo entre eles, que fosse feito um sorteio para a realização do debate em diferentes dias. Essa solução foi considerada descabida pela emissora. A Globo achava que a proposta restringia a discussão política porque havia a hipótese do candidato principal debater apenas com os partidos nanicos. A final decisão acabou sendo antecipada por Fernando Henrique. Ele recusou-se a participar dos debates ou a fazer acordos. O então presidente alegava que o país enfrentava uma grave crise econômica, que absorvia todas as suas atenções. A expectativa da Globo passou a ser, então, realizar o debate se houvesse segundo turno. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-1994/porque-nao-houve-debate.htm>> Acesso em fev 2017.



O debate de 2006, seguindo o modelo anterior, continua com a *estratégia de aproximação e docilização* como sendo predominantes. Assim, seguindo a mesma arquitetura e dando continuidade aos debates de arena, os candidatos Lula e Alckmin se enfrentam marcando a *estratégia de aproximação partidária/ideológica*.

No entanto, esse debate apresenta algumas diferenças em seu rito, pois permitiu que os candidatos fizessem questões um para o outro, o debate de 2006 promoveu maior interlocução entre os candidatos se diferenciando do anterior que ficou centrado na interlocução com o eleitor, dando a ele, eleitor, espaço de dizer e lugar na *mise en scène* eleitoral. O debate de 2002, portanto, foi o precursor da materialização do novo modo de *estratégia de aproximação do político com o eleitor*, o qual foi trazido pela mediação da televisão, pautado na “intimidade distante” (COULOMB-GULLY, 2003), preconizada pela possibilidade de aproximação que se constitui como um novo procedimento de fascinação (DEBRAY, 1994). Além do encanto pela imagem que traz ao telespectador o rosto do candidato em perfeita definição para a sala de cada eleitor, materializa-se a *estratégia de aproximação* também pela expressão verbal que traz no léxico a incidência do primeiro nome dos eleitores e a predominância do tratamento informal com o emprego da segunda pessoa (você) pessoa do singular. Ainda em 2002 a *estratégia de docilização* mostra-se predominante, não havendo maiores procedimentos da *estratégia de agressividade* que fica aí fortemente encoberta.

No entanto, em 2006, a própria *mise en scène* do debate que proporciona maior interlocução e aproximação dos candidatos faz emergir a *estratégia de agressividade*, porém encoberta por meio de procedimentos que não a evidenciam plenamente como a ironia que se vê, por exemplo, pela sentença hiperbólica proferida por Lula: “perfeição<sup>76</sup> da polícia de São Paulo”.

Segundo Piovezani (2009), no HPGE, há uma bipolarização entre os candidatos que produzia um afastamento, no entanto, essa bipolarização não é vista nos debates de 2002 e 2006. Pois, ali a predominância da docilização vem acompanhada do que denominamos de *aproximação política/ideológica* a qual não produz marcas fortes de afastamentos e de FD antagônicas, vide que os candidatos mobilizam discursos próximos, o que pode gerar até mesmo enunciados divididos, como ilustra o trecho do enunciado 50 abaixo, que atesta a heterogeneidade naquele discurso e conseqüentemente a aproximação.

---

<sup>76</sup> Tréplica do candidato Lula na questão sobre segurança

Enunciado 50 - Serra: **Eu acredito**, inclusive, que no Brasil tem que haver muito avanço nessa área, nós devemos prestigiar, dar força aos funcionários de carreira, fazer concurso sempre que houver condição legal pra isso porque o concurso, valoriza o mérito e tem que ter também incentivo material ao longo do tempo pra que as pessoas se sintam motivadas.

Destacam-se, neste fragmento, duas Formações discursivas que se dividem no interior do mesmo enunciado: **FD1: Nós devemos** fazer concurso sempre que houver condição legal pra isso porque o concurso, valoriza o mérito. E **FD2:** E tem que ter também incentivo material ao longo do tempo.

Tal enunciado reafirma duas formações discursivas que, em princípio, são postas em oposição, observa-se uma aproximação dos discursos. O PSDB, partido que se inscreve em uma FD de direita-meritocrática (FD1) incorpora temas caros a partidos que se inscrevem em um FD de esquerda social (FD2) o que confirma a *estratégia de aproximação partidária/ideológica*. No entanto, mesmo que haja o discurso do outro no discurso do eu, que atesta a aproximação das FDs, há um procedimento, nesse mesmo trecho que marca a inscrição de cada sujeito em sua FD de origem. “Eu acredito” e “Nós devemos” marcam o sujeito agente da ação, seja ele individual (eu) ou coletivo (nós), o que não ocorre no enunciado de FD2 que promove um apagamento do sujeito agente e que nos leva a observar que há apenas uma aproximação das FDs, ou melhor, no interior de uma FD há vestígios de outras FDs, conforme afirma Pêcheux (1990, p.314): uma FD não consiste num “espaço estrutural fechado, pois é constitutivamente invadida por elementos que vem de outro lugar”.

Sendo regidas pelo *dispositivo de espetacularização*, as curvas de visibilidade e enunciação modificam-se mais fortemente nos anos 2000 ao trazer um novo modelo de debate, um novo modelo de discursividade e subjetividade. O sujeito então constituído na inserção desse dispositivo se inscreve em suas FDs de origem, porém, é fortemente perpassado pela FD do outro. *Encarna* um político perpassado pelo dispositivo de espetacularização, então, docilizado, polido, próximo ao eleitor.

No âmbito da *estratégia de aproximação partidária/ideológica* que pode se sustentar em um dispositivo, vemos em fragmentos do debate eleitoral, ocorrências de afastamento do sujeito enunciativo da FD de origem. Observemos, nos enunciados 83 e 84 a seguir, uma troca de posições discursivas em que candidato Alckmin inscrito em uma FD de direita que se identifica com a dos preceitos neoliberais, tal como as privatizações, recriminando-as. O candidato Lula, por sua vez, fala de uma posição de defensor da privatização, enquanto o

candidato Alckmin a recrimina, assim demonstrando o fato de ambos estarem inscritos em posição opostas das de origem, isto é, ocupando a posição do outro.

Enunciado 83 – Lula: Quando acabou o médico perito, que terceirizou o médico perito saiu de 3 para 13 milhões os auxílios doença [Trecho da resposta de Lula sobre o tema corrupção em 2006].

Enunciado 84 - Alckmin: Tá errado, tá errado é privatização. Ele quer mudar de nome, chamar de concessão, mas é óbvio. Faz concessão por 30 anos para empresa brasileira e estrangeira e podendo prorrogar por mais 30, 60 anos. Sabe qual é a área 60 vezes o Estado do Acre. Como é que pode? [Trecho da réplica de Alckmin sobre a questão de meio ambiente em 2006].

O processo de troca de posições ocorre novamente, mas de modo diferente nos enunciados e na imagem abaixo em que se observa um exemplo do que se quer encarnar, do movimento de sair do lugar de homem do povo para o lugar de que é possível ser presidente, ideia que corrobora com a *aproximação partidário ideológica* ao ocupar o lugar de intelectual, lugar esse da FD de origem do PSDB. No momento, os candidatos novamente trocam de posição, Geraldo encarna o político mais próximo do povo, sentimental e amável e o candidato Lula o intelectual:

Enunciado 85 - Alckmin: Eu quero, César, abrir o meu coração com você. Eu viajei o Brasil inteiro. Eu senti uma indignação. O povo tá indignado [Trecho da resposta sobre corrupção em 2006].

Enunciado 86 - Lula: Eu queria aconselhar que o povo Brasileiro lesse o livro do nosso Claudio Fonteles que foi procurador geral da república de 2003 a 2005(...) e lesse na página 394 um trecho em que ele diz textualmente que a corrupção está parecendo agora porque era um tumor que estava enrustido e na hora que nós metamos a agulha e começamos a espremer começou a sair o pus, isso está na página 394 do livro do Claudio Fonteles [Resposta sobre o tema corrupção em 2016 como ilustra a figura 37 a seguir em que o candidato inicia a fala retirando os óculos].



Figura 36

O candidato Lula também adota a posição de intelectual em 2002 como demonstra trecho abaixo

Enunciado 87 – Lula: Porque quem imaginava a progressão continuada, não era outro, se não, o mais importante educador desse país chamado Paulo Freire, mas a aprovação automática é um equívoco.

2002 <sup>77</sup> 2006	Rosto	Silhueta	Verbo
Estratégia de Docilização	Estetização e leveza do semblante	Mãos abertas	Apagamento de mecanismos de referência, incidência de nominalização
Estratégia de Aproximação do Eleitor	Intensa interação, fala direta ao eleitor interpelando-o pelo seu primeiro nome	Peito aberto (2000)	Mobilização de ditados populares. Fala direta ao eleitor demarcando um grupo mesmo que mobilizando a segunda pessoa do singular Passagem do geral para o particular referenciando um nome próprio
Estratégia de Aproximação partidária/ideológica	Incidência ou não do broche com o símbolo do partido		Incidência de esparsas formas cristalizadas, processos de referenciamento por nominalizações

<sup>77</sup> ED- Estratégia de docilização; EA- Estratégia de agressividade; EAD- Estratégia de Aproximação do político com o eleitor; EAFP- Estratégia de Afastamento partidário/ideológico; EAPP- Estratégia de Aproximação Partidário/Ideológico.

## 3.4 Uma mulher no segundo turno: campanha de 2010 e de 2014

Num mundo globalizado, de entrelaçamentos, novas categorias não binárias, ainda se evoca o binarismo tão caro à cultura burguesa do século XIX, “ a cultura burguesa se fundava em binarismos e oposições tais como natureza/cultura, pai /mãe, homem/mulher, superior/inferior” (TELLES, 2013 p. 405). Em 2010, as *estratégias intrínsecas* ao discurso político, como falar dos programas do governo passa a ser uma prática predominante no debate. O uso dessas estratégias também são procedimentos que identificam a *estratégia de docilização*, a qual vem por meio do apagamento da agressividade e da pasteurização desse dizer. Assim, nesse primeiro momento de aparecimento do feminino nesse lugar público, há um silenciamento dessa voz feminina, uma tentativa de apagar esse sujeito como ocupante desse lugar. Tanto do lado do sujeito que abranda sua feminilidade e que evidencia a masculinidade, tentando um equilíbrio entre os dois, como também um apagamento feito pelo interlocutor, que não evidencia a mulher ao seu lado ou faz referência a ela. Ademais, outro fato relevante é que os candidatos não interagem. Desse modo, em 2010, o debate se dá com os candidatos falando diretamente aos seus eleitores, o embate não é colocado em foco, é deixado suspenso o embate entre os gêneros, o que cria a possibilidade interpretativa de que o que se quer é apagar o lugar público feminino. Por consequência, observamos que, ainda que a campanha tenha sido de fortes enfrentamentos, o debate de 2010 não é enérgico, é ameno, pasteurizado e altamente controlado.

No que concerne à construção daqueles sujeitos, a candidata ocupa um lugar que dá credibilidade e possibilita a fala, assim, há uma heterogeneidade que a constitui na medida em que esse sujeito toma o lugar do masculino, heterossexual e branco, para assim poder ocupar o espaço público e se fazer candidata. No entanto, em 2014, o embate se torna visível e o feminino, que ali já ocupava o lugar público na figura de presidenta torna-se visível e é, por diversas vezes, mobilizado como ferramenta de agressão. A *estratégia de agressividade* em 2014 foi, algumas vezes, construída por mobilizações e encaixes que desqualificam o que é relacionado ao feminino, como demonstrado no capítulo 2 com as assertivas do candidato Aécio no enunciado 59: “dei a senhora a oportunidade de apresentar sua defesa”

Assim como em 1989, a *estratégia de agressividade* foi predominante acompanhada da *estratégia de afastamento ideológico* no debate de 2014, diferenciando-se do debate de

2010 que foi pautado na *estratégia de docilização* como dominante seguida das *estratégias intrínsecas do discurso político*, ou seja, ao ser docilizado enfatiza-se os números, os feitos anteriores dos governos e ao ser agressivo evidencia-se o distanciamento e a polarização. Em 2010, o a *estratégia de aproximação ideológica política* também permeou todo o debate, o que é evidenciado pela existência de enunciado dividido como demonstrado no capítulo 2 quando da análise da questão sobre o funcionalismo público. A presença do enunciado dividido marca a *estratégia de aproximação partidária/ideológica* nos anos de 2002, 2006 e 2010. Diferentemente em 1989 e 2014 tal construção não permeia o debate.

2010 2014 <sup>78</sup>	Rosto	Silhueta	Verbo
Estratégia de Docilização	Estetização e leveza do semblante	Mãos abertas	Apagamento de mecanismos de referência, incidência de nominalização.
Estratégia de aproximação do eleitor		Peito aberto	Mobilização de ditados populares. Fala direta ao eleitor demarcando um grupo mesmo que mobilizando a segunda pessoa do singular. Passagem do geral para o particular referenciando um nome próprio.
Estratégia de Afastamento partidário/ideológico		Uso das cores do partido nas vestimentas (anos 2000)	Alta incidência de formas cristalizadas, direcionamento temático, processo de referenciamento por anáforas.
Estratégias intrínsecas ao discurso político			Grande incidência de dados, perguntas retóricas, conjunções explicativas, enumeração de bem feitorias de gestões passadas. Estilo explicativo, didatizado.

Assim, aludindo Foucault (2004, p. 9), que diz que “sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”, trouxemos aqui os diferentes dizeres dos candidatos em pleito eleitoral no Brasil. Os debates eleitorais presidenciais televisivos tornaram-se campos frutíferos para a evidência do *dispositivo de espetacularização*, na

<sup>78</sup> ED- Estratégia de docilização; EA- Estratégia de agressividade; EAD- Estratégia de Aproximação do político com o eleitor; EAFF- Estratégia de Afastamento partidário/ideológico; EAPP- Estratégia de Aproximação Partidária/Ideológica.

medida em que seu funcionamento incide no sujeito político eleitoral e cerceia sua constituição e seu dizer.

Os sujeitos políticos ali apresentados são frutos desse dispositivo, não sendo possível, na contemporaneidade, desvincular-se dele, a não ser em sua linha de fissura. Assim, o que Piovezani (2009, p. 139) postula como a ordem do discurso político funciona na mediada em que “além de condicionar as circunstâncias do dizer e os sujeitos que neles podem assumir a condição de falantes, regula também o que pode ser dito.”. Assim, observamos, no exercício de ampliação da categoria de dispositivo e da representação da espetacularização, tecendo o *dispositivo de espetacularização*, que a “ordem do discurso” é dada pelo dispositivo que para além do linguístico interfere na arquitetura e nas práticas advindas da discursividade política contemporânea. Assim, sendo “os discursos eles mesmos que exercem seu próprio controle” (FOUCAULT, 2004, p. 21), o dispositivo atua, a partir de suas linhas de funcionamento, como paredes construtoras e cerceadoras do discurso político eleitoral e de seus sujeitos.

O *Dispositivo de espetacularização* apresenta-se com tal força que tomou até mesmo o debate que é um lugar de menor gerência de marketing, já que, os candidatos ali estão ao vivo. Dessa maneira, tal dispositivo está relacionado com maior estetização, visando o político que se quer encarnar, com a arquitetura do debate altamente trabalhada e a existência da arena que gera uma visão de combate. O debate é altamente espetacular, produzido, controlado, no entanto, demonstra as crises políticas e sociais. Os candidatos, mesmo que tenham que obedecer a ritos, mesmo que tenham que estar em cima de um palco e que estejam colocados para o embate, encarnam o político que se pretende ser, travam o embate que lhe é permitido travar mediante aquela arquitetura, aquele dispositivo.

## 3.4 A ordem dos dispositivos: lentes que guiam os sujeitos

Sendo o discurso linguístico e histórico, Piovezani (2003, p.13) pontua que

as alterações sócio-históricas suscitam alterações no “pensável” (PÊCHEUX, 1997d, p. 125), na ordem do “enunciável”, que “como exterior ao sujeito da enunciação” (COURTINE, 1981, p. 36) de um dado tempo-espaco, condiciona tanto “o que pode e deve ser dito” (HAROCHE et al., 1971, p. 102), trazemos isso para a construção do sujeito político, que assim como seu discurso é condicionado por uma ordem, sofre um controle.

Ainda segundo (PIOVEZANI, 2003 p.14) a *ordem do discurso* (FOUCAULT, 2000) controla o dizer, no âmbito político-partidário, de modo a fazer com que o dito seja de certa maneira homogeneizado’, porém, afirmamos que mais do que passível de uma ordem do discurso o discurso político eleitoral televisivo é formatado pelo dispositivo.

Da guinada de discutir *episteme* para compreender dispositivo, Foucault trata, como pontua Paixão (2017, p. 70):

(...) de evidenciar as relações entre poder e saber no que diz respeito aos modos de construção de verdades e, conseqüentemente, de subjetivação dos indivíduos. A genealogia se imbrica à arqueologia na medida em que os dispositivos de poder são tomados como instâncias produtoras de práticas discursivas

É o dispositivo que, então, abarca tudo e todos, sendo ele molde de sujeitos pertencentes à sociedade em que opera. Assim, como já dito anteriormente, Veyne (2011) diz que são as lentes pelas quais os homens percebem as coisas, pensam, agem as quais se impõem, trazendo os próprios termos de Veyne, “(...) tanto aos dominantes quanto aos dominados, não são mentiras inventadas pelos primeiros para dominar os últimos e justificar sua dominação” (VEYNE, 2011, p. 51), deveras são “verdades” construídas, que segundo Foucault (2003, p. 12) “a verdade não existe fora do poder ou sem poder”, sentencia ele, para, em seguida, dizer que ela “é deste mundo; ela é nele produzida graças a múltiplas coerções”. Logo, é do dispositivo que se insere no real uma “verdade”<sup>79</sup>, constituindo os discursos e seus sujeitos. “Um certo regime de verdade e certas práticas formam assim um dispositivo de

---

<sup>79</sup> Não é propósito dessa tese aprofundar as discussões sobre verdade, mas somente demonstrar sua relação com a noção de dispositivo.



saber-poder que inscreve no real o que não existe [...]”, logo, “[...] o que é considerado verdadeiro num dispositivo tem o poder de fazer-se obedecer e forma os sujeitos humanos para a obediência” (VEYNE, 2011, p. 166, 153).

Foucault, em *A ordem do Discurso* (2009, p. 9), pontua que a produção do discurso nas sociedades é “controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos”, dentre esses procedimentos o autor elenca o de exclusão e nele se detém por algumas páginas no que ele denomina e define de “vontade de verdade”. Ali, o autor ilustra tal noção ao assinalar que no século VI a.C. , época dos poetas gregos, o discurso considerado verdadeiro era o “discurso pronunciado por quem de direito e conforme o ritual requerido”, porém, um século mais tarde, segundo o autor, “o discurso verdadeiro não é mais o discurso precioso e desejável, visto que não é mais o discurso ligado ao exercício do poder” (FOUCAULT, 2009, p.15).

Em seu texto denominado exatamente *Vontade de Verdade*, texto inserido na obra *Ditos e Escritos III*, Foucault pontua: “Entendo por verdade o conjunto dos procedimentos que permitem pronunciar, a cada instante a cada um, enunciados que serão considerados como verdadeiros. Não há, absolutamente, uma instância suprema” (Foucault, 2001, p.407)

Dessa maneira, os discursos variam, são constantemente moldados e construídos como verdadeiros, nas palavras de Foucault (2001, p.112): “Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral da verdade, isto é, os tipos de discurso que ela aceita e faz funcionar como verdadeiros”, na medida em que “[...] a verdade se reduz a um dizer verdadeiro, a falar de maneira conforme ao que se admite ser verdadeiro e que fará sorrir um século mais tarde” (VEYNE, 2011, p. 25).

A partir da “vontade de verdade”, um procedimento de controle, definido por Foucault como externo ao discurso, sendo um mecanismo de exclusão, pontuamos que os dispositivos, então, funcionam produzindo verdades e construindo sujeitos em arestas sociais como a política. Assim, sendo o dispositivo heterogêneo, uma rede que se pode estabelecer entre o dito e o não dito, entre discurso, instituições, leis... o *dispositivo de espetacularização* se manifesta e também controla as campanhas políticas contemporâneas na medida em que tece, por exemplo, os debates (nosso *corpus*), moldando sua arquitetura, moldando o dizer dos candidatos, o que atestamos pela mobilização de estratégias e procedimentos e sobre o que trataremos melhor nas considerações finais, e, por fim, moldando o próprio candidato, sua silhueta, seu corpo.

## Considerações Finais

Neste ponto da tese, lugar reservado para tecermos conclusões, no qual colocaríamos um ponto final em um percurso de pesquisa, trouxemos alguns, porém não finais. Após nos debruçarmos sobre a bibliografia, explorarmos o material teórico e nos depararmos com os questionamentos advindos de nosso *corpus*, pudemos tecer considerações as quais pretendem contribuir para o desenvolvimento dos estudos do discurso tanto no Brasil quanto no exterior, haja vista o diálogo que construímos com pesquisadores tanto da França quanto de outros países a partir de nosso estágio desenvolvido sob a supervisão de Marlène Couloumb-Gully que, assim como a orientadora desta tese, tem como tema de pesquisa questões acerca do discurso político em seus diferentes lugares, moldado por seus diversos dispositivos.

Para tanto, partimos do *batimento*, para usar um termo caro a Pêcheux, entre descrição e interpretação, viemos demonstrar o funcionamento de um dispositivo e, acima de tudo, o funcionamento do discurso político eleitoral em debate juntamente com a constituição de seus sujeitos político eleitoral. Nesta tese, encontram-se, então, subsídios para tecer maiores indagações sobre o discurso político eleitoral na medida em que é possível transportar o que chamamos de *dispositivo de espetacularização* para outros lugares, em outros âmbitos do político, demonstrando, ainda mais, seu funcionamento.

Dessa maneira, faz-se necessário reafirmar que o que se pretendeu mostrar nas páginas desta pesquisa foi uma reflexão sobre a possibilidade de pensar um dispositivo, de flagrar seu funcionamento na sociedade, a partir da observação de uma das arestas que compõem a sociedade que é a política eleitoral. Assim, nessa perspectiva, foi a Análise do Discurso, dentro da perspectiva dos estudos linguísticos, que ancorou tais reflexões, já que a AD entrelaça linguística e história e pensa a língua em relação ao seu entorno, o que nos permitiu tratar tanto da materialidade linguística quanto da materialidade visual, trazendo para a análise verbo, rosto e silhueta. Desde seu nascedouro, o objeto de estudo privilegiado, embora não o único, da Análise do Discurso era o discurso político, sendo a escolha desse objeto explicada pelo momento em que apareceram as discussões sobre o discurso, caracterizadas pelos acontecimentos de maio de 1968, que, segundo Courtine (2006, p.52):

foi uma revolução discursiva – uma exasperação da produção de discursos, uma multiplicação de sua circulação, uma inundação verbal que enchia as ruas e as mídias – e deixou numerosas marcas textuais que cobriam os muros das cidades

Desse modo, podemos afirmar que este trabalho está inscrito nas pesquisas em AD que se debruçam sobre discurso político e trazem para a superfície a discursividade política em campanha eleitoral, valendo-se das noções, em especial, de Formação Discursiva e de dispositivo em função da forte aproximação da AD com Foucault.

Dessa maneira, tal trabalho permitiu interrogar e refletir sobre os movimentos do discurso político em campanha eleitoral, na medida em que se pôde por meio dos debates televisivos que compõem nosso *corpus*, traçar as estratégias referentes àquele discurso ali inscrito, e também, apreender, nos sujeitos políticos ali representados, a espetacularização incidindo na política eleitoral presidencial brasileira.

Ao adotarmos a temática do dispositivo como é entendida por Foucault, o qual “trabalha o corpo dos homens, manipula seus elementos, produz seu comportamento, enfim, fabrica o tipo de homem necessário ao funcionamento e manutenção da sociedade industrial, capitalista” (MACHADO, 2011, p. XVII), com a hipótese de vê-lo funcionar no interior do discurso político eleitoral, deparamo-nos com alguns desafios, tais como o entendimento de tal noção como viva, ou seja, em funcionamento constante, como categoria que nega os universais, como a absorção da concepção de sujeito como ser no qual incide tal dispositivo.

Foi, então, a partir da mobilização da noção de dispositivo, efetiva para nosso *corpus* composto de debate televisivo que abarca tanto o discursivo quanto o não discursivo, alinhado à noção de espetacularização cristalizada pelo marketing político, que foi possível iluminar a dinâmica política eleitoral e observar o funcionamento do discurso político eleitoral em debate, suas regularidades e diferenças e a produção de subjetivação que leva a “encarnação” do político em campanha eleitoral.

Pautando-se no fato de que

o discurso político eleitoral contemporâneo, então, pela “ Sua natureza compósita e sua condição histórica impõem que o concebamos nos âmbitos de sua produção e recepção, nas modalidades de sua transmissão e na temporalidade de sua emergência” (PIOVEZANI, 2009, p.155).

As análises de nosso *corpus*, constituído pelos últimos debates de segundo turno de 1989 até 2014 que foram veiculados pela rede Globo, o que se constatou foi a existência de um movimento de retorno no que se refere às estratégias aqui elencadas. Vale adiantar que o

movimento constatado no debate político no que concerne às estratégias por nós descritas, mais especificamente, as de *afastamento e aproximação partidária/ideológica* seguem a linha dos movimentos de despolitização e, também, o de polarização ocorridos na sociedade. As análises dos debates televisivos demonstram o quão o discurso é imbricado e constituído sócio historicamente, pois

a história é o arquivo, é o desenho do que somos e deixamos de ser, enquanto o actual é o esboço daquilo em que nos vamos tornando. (...) Uma nova luz, novas enunciações, um novo poder, novas formas de subjetivação (DELEUZE, 2015, p 93).

Assim sendo, postulamos que não há somente uma ordem do discurso que rege o discurso político contemporâneo, mas, mais que isso, há um dispositivo que ali funciona e que se constitui pela influência das tecnologias que operam a mídia, nesse caso a televisão, interferindo no discurso político eleitoral presidencial e em seus sujeitos políticos de campanha.

No que concerne precisamente aos debates efetivamente analisados, mobilizando as estratégias do discurso político, permitiu-se constatar que há um movimento dos discursos eleitorais em debate e ele se manifesta em toda a construção do dizer afetando, também, o sujeito político ali presente. Nesse caminho, a forma daquele dizer modifica-se com o passar do tempo assim como modificações do gênero. No entanto, é o *dispositivo de espetacularização* que incide e que proporciona tais modificações, já que o mesmo se manifesta na arquitetura, no rosto, na silhueta e no verbo.

Não é por acaso que hoje, no Brasil, temos um debate de arena com direito a plateia. Não é por acaso que a dizibilidade e a visibilidade do discurso político eleitoral brasileiro é outra. Se nos anos de 1990, a televisão era fonte primordial de distribuição do discurso político eleitoral, os anos 2000 inauguram uma forma de circulação desse discurso que se divide entre as mídias televisivas e as redes sociais; ambas fortalecendo ainda mais o dispositivo de espetacularização.

A partir das análises, elencamos características que constituem o discurso político presidencial eleitoral em debate televisivo. Vale sinalizar, como dito no início, não se pretende por essa tese, de maneira alguma, esgotar o assunto ou mesmo criar uma fórmula de tal discursividade, mas sim, evidenciar algumas características que se mostraram regulares no discurso político eleitoral em debate televisivo e atestar o funcionamento do dispositivo de espetacularização.

Diante de nossas análises, como ilustrado no quadro que virá a seguir, identificamos as estratégias que se mostraram predominantes em cada debate, sendo a estratégia de agressividade em 1989 e 2014, a de docilização em 2002, de aproximação partidária/ideológica e 2006 e as intrínsecas ao discurso político em 2010.

Mediante tal resultado, pudemos observar um movimento de repetição já que 2014 apresenta a mesma predominância de 1989. Em relação ao funcionamento do dispositivo de espetacularização, pudemos observar seu funcionamento fortemente marcado na arquitetura do debate o qual se torna cada vez mais espetacular, já que, do púlpito de 1989 os candidatos passam a ocupar a arena dos anos 2000, signo do espetáculo. Quanto ao corpo, ou o que convencionamos tratar aqui silhueta e rosto, o dispositivo é visto pela estetização que causa no candidato, promovendo assim mudanças que são materializadas nesse corpo, a partir da linha de subjetivação a fim de produzirem a encarnação necessária. Em relação ao verbo, tal dispositivo, que traz para o discurso político eleitoral a insígnia do espetáculo, promove uma individualização do discurso político, fazendo com que, vez ou outra, as propostas dos candidatos fiquem em segundo plano, suplantadas, por exemplo, pela agressividade extrema como no debate de 2014.

Em nosso *corpus*, o qual se inscreve em uma média temporalidade, há aspectos que demarcam também a mudança de comportamento da mídia em relação ao discurso político em debate, mais especificamente no que concerne a *mise en scène* do gênero. Em 1989, produz-se um debate no qual, como dito no capítulo dois, o foco era do homem político, o candidato. No entanto, quem podia interpelar aquele candidato naquele momento eram os representantes das emissoras de televisão, no caso, os jornalistas os quais possuíam credibilidade para isso. Ali, em 1989, momento da grande polarização mundial entre capitalismo e socialismo, não havia um movimento que corroborasse com o efeito de sentido de isenção da mídia, o que é marcado, por exemplo, na primeira questão do debate daquele ano feita pelo jornalista Boris Casoy analisada aqui no capítulo dois.

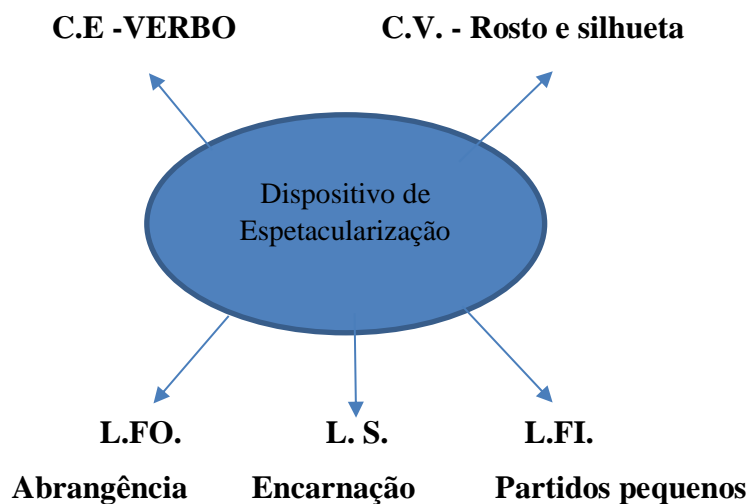
Porém, nos anos anteriores, mais especificamente os anos aqui abordados, anos 2000, o jornalista sai do lugar de questionador, de maneira gradativa, vide 2002 que Wiliam Bonner ainda faz questões aos candidatos Lula e Serra, e ocupa um lugar, apenas de mediador, o que promove uma mudança do foco o qual agora é dividido entre os candidatos e os eleitores indecisos presentes nos debates. Dessa maneira, tal troca de foco, inscrevendo o jornalista apenas no lugar de mediador, corrobora com o efeito de sentido da isenção da mídia em relação a política, seguindo também a linha do discurso político contemporâneo que preza a

proximidade do político com o eleitor, cristalizando a denominada por Coulomb-Gully, 2003 “intimidade distante”.

Podemos ainda pontuar que tal modificação da produção dos debates deu-se, também, pela própria influência do marketing o qual se ancora na aproximação e sedução de seu público alvo. Assim, o efeito de sentido de isenção aparece nos debates como mais um produto do espetacular evidenciando mais uma característica do funcionamento do dispositivo de espetacularização.

Amparamo-nos em Deleuze (2005), ao observarmos que o funcionamento do discurso político eleitoral pode ser visto a partir:

- 1- da curva de enunciabilidade (CE), manifestada pelo verbo e suas modificações atestadas pelas estratégias como demonstrado no capítulo de análise;
- 2- da curva de visibilidade (CV), manifestada nas modificações do rosto e da silhueta também evidenciada pela análise das estratégias;
- 3- da linha de força (LFO), manifestada pela sua abrangência, funcionando até mesmo nos debates de grande partidos;
- 4- das linhas de fissuras (LFI), manifestada na campanha de partido pequenos e
- 5- das linhas de subjetivação (LS), manifestada aqui pela noção de encarnação que consiste no produto final de tal dispositivo, a incidência no sujeito político eleitoral, relações essas ilustradas em figura abaixo.



Abaixo, construímos um quadro que identifica as estratégias e os procedimentos por nós catalogados em análise com o objetivo de expor os resultados finais e, portanto, que essas conclusivas possam servir de base para trabalhos no âmbito das pesquisas sobre o discurso político, mais especificamente, para aqueles que irão olhar para os debates que acontecerão em outras eleições presidenciais.

A partir desse quadro, traçamos as estratégias predominantes em cada debate, os procedimentos linguísticos discursivos que constituem tais estratégias e, também, os procedimentos de estetização que produziram o sujeito político eleitoral em cada debate.

**Tabela de didatização das estratégias e seus procedimentos**

<b>ESTRATÉGIAS</b>	<b>1989</b>	<b>2002</b>	<b>2006</b>	<b>2010</b>	<b>2014</b>
Docilização		-Estetização e leveza do semblante -Mãos abertas - Apagamento de mecanismos de referência, incidência de nominalização Estratégia de docilização é predominante	Estetização e leveza do semblante -Mãos abertas -Incidência de nominalização.	Estetização e leveza do semblante -Mãos abertas - Apagamento de mecanismos de referência, incidência de nominalização	
Agressividade	-Semblante sisudo, rosto rubro, testas enrugadas -Punhos cerrados levados ao peito, dedo em riste, batidas de mãos ao peito. -Apagamento do nome do candidato, termos chulos. -Estratégia de agressividade é predominante				-Riso irônico -Processos derrisórios de desqualificação do adversário. -Processos de ironia -Punho cerrado, expressão exaltada -Rosto rubro - Estratégia de agressividade é predominante
Aproximação do político com o eleitor	-Fala direta ao eleitor, demarcando um grupo mesmo que mobilizando a segunda pessoa do singular. Passagem do geral ao particular, referenciando um nome próprio	-Peito aberto -Intensa interação, fala direta ao eleitor interpelando-o pelo seu primeiro nome. -Mobilização de ditados populares	-Peito aberto -Intensa interação, fala direta ao eleitor, interpelando-o pelo seu primeiro nome -mobilização de ditados populares.		
Afastamento partidário/ideológico	-Gestualidade programada: Mãos ao rosto como pensador -Discurso religioso presente no dizer do candidato do	-Uso das cores do partido nas vestimentas -Incidência de broche com o símbolo do partido			-Alta incidência de formas cristalizadas, -Direcionamento temático, processo de referenciamento por anáforas. -Uso das cores do



	<p>PRN</p> <p>-Alta incidência de formas cristalizadas, direcionamento temático, processo de referenciamento por anáforas</p>				partido nas vestimentas
Aproximação partidária/ideológica		<p>-Incidência ou não do broche com o símbolo do partido</p> <p>-Presença de enunciado dividido.</p>	<p>-Incidência de esparsas formas cristalizadas,</p> <p>-Processos de referenciamento por nominalizações.</p> <p>-Presença de enunciado dividido.</p> <p>-Broche da bandeira do Brasil.</p> <p>-Estratégia de aproximação partidária/ideológica predominante</p>		
Intrínsecas ao discurso político eleitoral		<p>Passagem do geral ao particular, referenciando um nome próprio</p>	<p>Grande incidência de dados, perguntas retóricas, conjunções explicativas e enumeração de bem feitorias de gestões passadas.</p>	<p>Grande incidência de dados, perguntas retóricas, conjunções explicativas e enumeração de bem feitorias de gestões passadas.</p> <p>Estratégias intrínsecas ao discurso político eleitoral predominante</p>	<p>Grande incidência de dados, perguntas retóricas, conjunções explicativas e enumeração de bem feitorias de gestões passadas.</p>

Por fim, nosso *corpus*, por ser multimodal, por compreender verbo e imagem, ofereceu-nos subsídios para demonstrarmos o funcionamento do dispositivo, tomado aqui como mais do que uma ferramenta metodológica, na medida em que é constituído e funciona pela/na sociedade, a construção do discurso político e de seus sujeitos. Cabe trazer à luz uma das muitas contribuições de Foucault em sua aula inaugural no *Collège de France*: “O discurso não é apenas aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 2009 p. 10) e o dispositivo, não podemos esquecer, está sempre ligado a um jogo de poder que o constitui e que nos constitui enquanto sujeitos, sejam eles candidatos, jornalistas, espectadores, telespectadores, enfim, cidadãos.

# Referências bibliográficas

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **La domination masculine**. Paris: EdduSeuil, 1998.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica**. In: LIMA, Luiz Costa (org.). Teoria da cultura de massa. Rio de Janeiro: Saga, 1969, p.207-238.

COULOMB-GULLY, Màrlene. **La démocratie mise en scènes : télévision et élections**. Paris : CNRS ÉDITIONS, 2001.

\_\_\_\_\_. **Rhétorique télévisuelle et esthétisation politique : le corps (en) politique**. In :BONNAFUS,Simone. et al. (Orgs.) Argumentation et discours politique. Rennes : Presses Universitaires de Rennes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Le corps présidentiel. Représentation politique et incarnation dans la campagne présidentielle française de 2007**. Mots. Les langages du politique [En ligne], 89 | 2009, mis en ligne le 30 mars 2011.

\_\_\_\_\_.**Présidente: le grand défi. Femmes, politique et médias**. Paris: Ed Payot & Rivages, 2012.

CASTRO, EDGARD. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CHIARI, GEOVANA. Entre insultos e falsas harmonias: a construção dos efeitos de agressividade no discurso político eleitoral na campanha de 2014. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar, 2017.

COURTINE, Jean-Jacques, e HAROCHE, Claudine. **Histoire du Visage. Exprimer et Taireses Émotions (du XVI siècle au début di XIX siècle)**. Éditions Rivages, 1988. Tradução brasileira: Ana Moura, Editora Teorema, Lisboa, s/d.

COURTINE, Jean-Jacques. These d'Etat– **Corps et discours: elements d'histoire des pratiques langagières et expressives**. Université de Paris X Nanterre, Xerocopiado, 1989.

\_\_\_\_\_. **Os deslizamentos do espetáculo político**. Trad. Roberto Baronas e Fábio César Montanheiro. In: GREGOLIN, M. R. (Org.). Discurso e mídia: a cultura do espetáculo. São Carlos, SP: Claraluz, 2003, p.21-34.

\_\_\_\_\_. **Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública**. Trad. de Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

\_\_\_\_\_. **Análise do Discurso Político: o discurso comunista endereçado aos cristãos**. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

\_\_\_\_\_. **Discurso e imagens: para uma arqueologia do imaginário**. In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice. Discurso, semiologia e história. São Carlos: Claraluz, 2011.

\_\_\_\_\_. **Decifrar o corpo**. Pensar com Foucault. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2013.

COURTINE, J.J; PIOVEZANI, Carlos. História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso Político**. Tradução: Fabiana Komesu e Dilson Ferreira da Cruz, São Paulo: Contexto, 2006.

DAMATTA, Roberto. **O que faz o Brasil Brasil?** Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1991.

DEBORD, GUY. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro. Ed. Contraponto, [1968] 1997.

DEBRAY, Régis. **O Estado Sedutor**, Petrópolis, RJ. Ed. Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Ed. Nova Vega– Passagens. Lisboa, 3<sup>o</sup>ed. Tradução e prefácio de Edmundo Cordeiro, 2015.

FAUSTO NETO, A.; RUBIM, A. C.; VERÓN, E. **Lula presidente :Televisão e Política na Campanha Eleitoral**. São Paulo: Hacher; São Leopoldo, RS: Unisinos, 2003.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves – 2<sup>a</sup> e. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociedade**. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade: a vontade de saber**. v. 1 Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e Jose Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999b.

\_\_\_\_\_. **Sobre a História da Sexualidade**. Microfísica do poder. Rio de Janeiro : Graal, 2001. p. 243-276.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber**. Ditos e escritos IV. Tradução de Vera L Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. **Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV**. Tradução de Vera L Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

\_\_\_\_\_. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, [1996] 2009.

\_\_\_\_\_. **Genealogia da Ética, Subjetividade e Sexualidade. Ditos e escritos IX**. Trad. Abner Chiquieri. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

\_\_\_\_\_. **Do governo dos vivos: curso no Collège de France (1979-1980)**. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível: o discurso na história da linguística.** Trad. Eni P. Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2004.

GOFFMAN, E. **L'arrangement des sexes.** Trad. Hervé Maury. Paris: La Dispute, 2002.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. **A semântica e o corte saussuriano: língua, linguagem, discurso.** Trad. Roberto Leiser Baronas e Fábio César Montanheiro. In: BARONAS, Roberto Leiser. (Org.). *Análise do discurso: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva.* São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2007, p. 13-31.

LANDI, Oscar. **Devórame otra vez. Que hizo la televisión com la gente. Que hace la gente com la televisión,** Buenos Aires, Planeta, 1992.

LE BART, Christian. **Le discours politique.** Paris, Fr. Ed. Presses Universitaires de France, 1998.

\_\_\_\_\_. **Parler en politique**, *Mots. Les langages du politique* [En ligne], 94 | 2010, mis en ligne le 06 novembre 2012, consulté le 29 décembre 2016. Disponível em : <<http://mots.revues.org/19867>>.

\_\_\_\_\_. Les présidentiables de 2007 entre proximité et surplomb. Nicolas Sarkozy et Ségolène Royal vus par Libération, *Mots. Les langages du politique* [En ligne], 89 | 2009, mis en ligne le 30 mars 2011, consulté le 03 octobre 2016. Disponível em : <<http://mots.revues.org/18763> ; DOI : 10.4000/ mots.18763>.

MACHADO, IDA LÚCIA. **A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa.** In: *Bakhtiniana – Revista de Estudos do Discurso* ISSN: 2176 – 4573, Lael/PUC, São Paulo, no. 9, jan./jul. 2014. 108-128 p. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v9n1/08.pdf> > Acesso em janeiro de 2017.

MANZANO, Luciana. Carmona. Garcia. **O discurso político e o corpo na televisão : debate/combate**. Ilha do Desterro v. 68, nº 3, p. 075-082, Florianópolis, set/dez 2015 .

OLIVESI, Aurélie. **Implicite<sup>ment</sup> sexiste? Genre, politique et discours journalistique**. Toulouse: Ed. Presses Universitaires Du Mirail, 2012.

PAIXÃO, H.D.P. **Resistência e poder no dispositivo da moda**. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás, 2017.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi et al. 3.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009

\_\_\_\_\_. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 5.ed. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas, SP: Pontes, 2008.

\_\_\_\_\_. O estranho espelho da Análise do Discurso. In: COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso político**: o discurso comunista endereçado aos cristãos. Trad. Bacharéis em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2009, p. 21-26.

\_\_\_\_\_. As massas populares são um objeto inanimado. In: ORLANDI, Eni (Org.). **Análise de Discurso**: Michel Pêcheux. Campinas, SP: Pontes, 2011a.

\_\_\_\_\_. Língua, linguagens, discurso. In: PIOVEZANI, Carlos; SARGENTINI, Vanice. (Org.). **Legados de Michel Pêcheux**: inéditos em análise do discurso. São Paulo: Contexto, 2011b.

PIRES, Livia Maria Falconi. **O funcionamento do discurso político : o twitter na campanha presidencial de 2010**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, 2012.

PIOVEZANI, Carlos. **Verbo, corpo, voz: dispositivos de fala pública e produção de verdade no discurso político**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

POSSENTI, Sírio. **Observações sobre o Interdiscurso**. In: Revista Letras. Curitiba: Editora UFPR, n. 61, especial, p. 253-269, 2003.

RAGO, Margareth. **Trabalho Feminino e Sexualidade**. In: DEL PRIORE, Mary. História das Mulheres no Brasil, Ed. Contexto, São Paulo, 2013.

REVEL, Judith. **Foucault : conceitos essenciais**. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Carlos Piovezani e Nilton Milanez. São Carlos, Claraluz, 2005.

RUBIM, Antônio Albino Canelas. **Espetáculo, Política e Mídia**. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rubim-antonio-espetaculo-politica.pdf>>. (s/d)

\_\_\_\_\_. **Espetáculo** In, Cultura e Atualidade, 2005, Bahia: Ed. EDUFBA. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br:8080/ri/bitstream/ufba/147/4/Cultura%20e%20Atualidade.pdf>>.

SÁ, Israel. **Memória discursiva da ditadura no século XXI: visibilidades e opacidades democráticas**. 2015. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos, Bolsa: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

SÁ, Israel; SARGENTINI, Vanice Oliveira. **Jogo das imagens: a espetacularização da memória na mídia**. In: KOGAWA, J, GREGOLIN, M.R Análise do Discurso e Semiologia: problematizações contemporâneas. Araraquara - SP : Cultura Acadêmica, 2012.

SARGENTINI, Vanice. NAVARRO-BARBOSA, Pedro. **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos: Claraluz, 2004.



SARGENTINI, Vanice. **Discurso e História em diferentes materialidades do discurso político** In: INDURSKY, F., MITTMANN, S. e FERREIRA, M. C. L. Memória e História na/da Análise do discurso. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

\_\_\_\_\_; VARONI DE CARVALHO, Pedro. **Dispositivo, discurso e produção de subjetividades** In: FERNANDES JUNIOR, Antônio; SOUSA, K. M. Dispositivos de Poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade. Goiânia - GO: UFG, volume 1, 2014. p. 23-33.

\_\_\_\_\_. **Ecossistemas da arqueogenealogia de Michel Foucault na análise da imagem** In: PIOVEZANI, Carlos; CURCINO, Luzmara; SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Presenças de Foucault na Análise do Discurso. São Carlos - SP : EdUFSCar, 2014, v.1, p. 163-173.

\_\_\_\_\_. **A Análise do Discurso e a natureza semiológica do objeto de análise.** In: KOGAWA, João, GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do Discurso e Semiologia: problematizações contemporâneas. Araraquara - SP: Cultura Acadêmica, 2012, v.1.

\_\_\_\_\_. **Os estudos do Discurso e nossas heranças: Bakhtin, Pêcheux e Foucault.** Estudos Linguísticos XXXV 2006. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo - GEL. XXXV v.1, p.181 - 190, 2006. ISSN 1413-0939. Qualis 2012 / B2 (Letras/Linguística). Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/vmos.pdf>>.

SARTORI, Giovanni. **Videopolítica.** In: Rivista Italiana di Scienza Política. Agosto de 1989.

SFORZINI, ARIANNA. Michel Foucault: **Une pensée du corps.** Paris: Presses Universitaires de France, 2014.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. **O estado espetáculo,** Rio de Janeiro/São Paulo, Difel, 1978.

TELLES, Norma. **Escritoras, Escritas, Escrituras.** In: DEL PRIORE, Mary História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2013.

WEBER, M. H.; ABREU, C. R. **Debate político-eleitoral na televisão: jogo de cena e dispositivo estratégico.** In: MIGUEL, Luiz Felipe; BIROLI, Flávia. (Org.). Mídia, representação e democracia no Brasil - estudos sobre comunicação política. São Paulo: Hucitec, volume 1, 2010.

WEBER, M. H. **Comunicação e Espetáculos da Política.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.